



# Culturas, Identidades e Litero-Línguas Estrangeiras

Pensar a(s) liberdade(s):  
legados, práticas e projeções

# **Culturas, Identidades e Litero-Línguas Estrangeiras**

Atas do IV Colóquio Internacional  
de Línguas Estrangeiras (CILE)

## **Comissão editorial**

Alexia Dotras Bravo, Instituto Politécnico de Bragança  
Ana Maria Alves, Instituto Politécnico de Bragança  
Cláudia Martins, Instituto Politécnico de Bragança  
Elisabete Mendes Silva, Instituto Politécnico de Bragança  
Isabel Chumbo, Instituto Politécnico de Bragança

Abril 2023

**Título:** Culturas, Identidades e Litero-Línguas Estrangeiras. Atas do IV Colóquio Internacional de Línguas Estrangeiras

**Edição:** Instituto Politécnico de Bragança 2023

**Editores:** Alexia Dotras Bravo, Ana Maria Alves, Cláudia Martins, Elisabete Mendes Silva, Isabel Chumbo

**Capa:** Soraia Maduro

**Produção:** Serviços de Imagem do Instituto Politécnico de Bragança

**ISBN:** 978-972-745-312-2

**Handle:** <http://hdl.handle.net/10198/26731>

**DOI:** 10.34620/cile2023

## **Comissão científica**

Alexia Dotras Bravo – Instituto Politécnico de Bragança, Portugal  
Ana Cláudia Gonçalves – Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Portugal  
Ana Cristina Mendes – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal  
Ana Isabel Moniz – Universidade da Madeira, Portugal  
Ana Maria Alves – Instituto Politécnico de Bragança, Portugal  
Blanca Ripoll Sintes – Universidad de Barcelona, Espanha  
Carla Gomes – Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Portugal  
Carlos Pazos-Justo – Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Portugal  
Cláudia Martins – Instituto Politécnico de Bragança, Portugal  
Diego Santos Sánchez – Universidad Complutense de Madrid, Espanha  
Dominique Faria – Universidade dos Açores, Portugal  
Dominique Guillemin – Instituto Politécnico de Bragança, Portugal  
Elisabete Silva – Instituto Politécnico de Bragança, Portugal  
Fernando Ferreira Alves – Universidade do Minho, Portugal  
Graça Bigotte Chorão – ISCAP, Instituto Politécnico do Porto, Portugal  
Isabel Chumbo – Instituto Politécnico de Bragança, Portugal  
Joana Aguiar – Instituto Politécnico de Bragança, Portugal  
José Ignacio Vázquez Diéguez – Universidade da Beira Interior, Portugal  
Luciana Cabral Bessa – Instituto Politécnico de Bragança, Portugal  
Manuel Moreira da Silva – ISCAP, Instituto Politécnico do Porto, Portugal  
Margarida Coelho – ESTG, Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal  
Margarida Morgado – ESE, Instituto Politécnico de Castelo Branco, Portugal  
María Antonia Mezquita Fernández – Universidad de Valladolid, Espanha  
María del Carmen Arau Ribeiro – Instituto Politécnico da Guarda, Portugal  
Mark Daubney – ESECS, Instituto Politécnico de Leiria, Portugal  
Marta Saracho Arnáiz – ESE, Instituto Politécnico do Porto, Portugal  
Maria de Jesus Cabral – Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Portugal  
Sofia Bergano – Instituto Politécnico de Bragança, Portugal  
Reinaldo Silva – Universidade de Aveiro, Portugal  
Zaida Vila Carneiro – Universidad de Castilla-La Mancha, Espanha

## **Comissão organizadora**

Alexia Dotras Bravo, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal  
Ana Maria Alves, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal  
Cláudia Martins, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal  
Dominique Guillemin, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal  
Elisabete Mendes Silva, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal  
Isabel Chumbo, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal



# Índice

Prefácio.....	1
<b>Movimentos de defesa dos direitos civis</b>	
<b>Sociedad civil en el Marruecos de Mohammed VI: entre el discurso oficial y la represión .....</b>	<b>5</b>
<i>Sonia PRIETO MONTEAGUDO</i>	
<b>Censura literária, cinematográfica e novas formas de manipulação</b>	
<b>Liberté, égalité, fraternité – un triptyque assimilé par les écrivains allophones.....</b>	<b>27</b>
<i>Ana Maria ALVES</i>	
<b>O ensino das línguas estrangeiras na promoção de valores humanistas</b>	
<b>La cultura mediterránea como elemento motivacional y transmisor de valores humanísticos en clase de ELE.....</b>	<b>41</b>
<i>Eduardo ESPAÑA PALOP</i>	
<b>La libertad creativa de los docentes de LE que imperó en la enseñanza remota de emergencia.....</b>	<b>55</b>
<i>Alexia Dotras Bravo</i>	
<i>Tamara Aller Carrera</i>	
<i>Filipa Raquel Veleda Santos</i>	
<b>Traduzir culturas e as suas liberdades</b>	
<b>Problemas y dificultades de traducción en la comercialización del destino oleoturístico (español-alemán) .....</b>	<b>74</b>
<i>Alba MONTES SÁNCHEZ</i>	
<b>Proyección de la(s) cultura(s) española(s) en Portugal. Análisis de la plataforma gubernamental SPAIN arts &amp; culture.....</b>	<b>90</b>
<i>Rebeca CASTAÑER BERENGUER</i>	
<i>Carlos PAZOS-JUSTO</i>	
<i>Álvaro IRIARTE SANROMÁN</i>	
<b>Literatura, mensagens e liberdade de expressão</b>	
<b>The Poems of Renata Ferreira: A Diasporic Plea for Poetic Freedom of Expression in Portugal.....</b>	<b>115</b>
<i>Reinaldo Francisco SILVA</i>	



## Prefácio

### ***Pensar a(s) liberdade(s): legados, práticas e projeções***

“Let freedom ring” foi o mote finalizador do discurso mundialmente (re)conhecido de Martin Luther King Jr., ícone do movimento dos direitos humanos nos EUA. O discurso de 1963, "Eu tenho um sonho", ecoou em torno do Memorial a Lincoln em Washington DC e foi um marco incontornável da década de 60 do século XX na consubstanciação dos direitos previstos na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. O século passado foi também marcado não só pelas duas guerras mundiais e a Guerra Fria, como também pela sequência quase vertiginosa de regimes ditatoriais na Europa, tais como os da Alemanha, Itália, Espanha e Portugal, sem deixar de referir os inúmeros regimes autoritários na América latina ou na Ásia, em particular a Coreia do Norte e a China.

Desde a abolição da pena da escravatura (Haiti sendo o primeiro país, em 1804) e da pena da morte (o Estado de Michigan, em 1846) até à luta das sufragistas que marcaram ainda o século XIX, assistiu-se posteriormente à luta pelo direito ao voto e à paridade social das pessoas negras, das pessoas com deficiência, da comunidade LGBTQ+, à adaptação /mutação do feminismo, à conquista da liberdade por parte de grupos minoritários, de refugiados e migrantes. Os casos e exemplos são intermináveis e ambicionamos neste IV CILE pensar e discutir a liberdade, nas suas múltiplas manifestações, desde a liberdade de expressão, problematizando como esta foi, é ou pode vir a ser posta em causa pelos regimes políticos, pelos governos, pelas pessoas nos mais diversos contextos, passando pela liberdade de imprensa até à própria liberdade individual.

Assim, propõem-se os seguintes painéis temáticos, além de outros igualmente pertinentes:

- Movimentos de defesa dos direitos civis
- Censura literária, cinematografia e novas formas de manipulação
- Utopia, distopia e heterotopia

- Liberalismo, Pluralismo e cosmopolitismo
- Linguagem politicamente correta
- O ensino das línguas estrangeiras na promoção de valores humanistas
- Traduzir culturas e as suas liberdades
- Literatura, mensagens e liberdade de expressão
- (Des)confinamentos e o ensino de línguas

A todos os autores expressamos os nossos agradecimentos pela colaboração e disponibilidade manifestadas na publicação<sup>1</sup> dos seus textos.

*A Comissão Editorial*

---

<sup>1</sup> Todos os textos foram submetidos ao processo de dupla revisão cega por pares.





# Sociedad civil en el Marruecos de Mohammed VI: entre el discurso oficial y la represión

**Sonia PRIETO MONTEAGUDO**

*sonpriet@ucm.es*

*Universidad Complutense de Madrid*

*España*

## Resumen

Los primeros años de reinado de Mohammed VI se caracterizaron por una intensa labor propagandística no solo en el interior del país, sino también en el extranjero. Sin embargo, con el paso del tiempo, esta imagen, divulgada a través de la prensa cortesana y los discursos reales, se ha visto enturbiada por los hechos. Los colectivos feministas siguen reclamando reformas, mientras que en los últimos años se ha desarrollado un incipiente Movimiento LGTBIQ. El Movimiento 20F, integrado en las denominadas Primaveras Árabes, y el Hirak del Rif, iniciado en 2016, han sabido aprovechar las nuevas tecnologías, que se convirtieron en altavoz de sus demandas, sin lograr esquivar la persecución judicial. Las campañas de hostigamiento contra la escasa prensa independiente marroquí se han visto recrudecidas, conduciendo al encarcelamiento de Souleiman Raissouni y Omar Radi, los nombres más visibles del acoso a las y los periodistas. Además, deben tenerse también en cuenta otros factores para entender la actual situación de la sociedad civil en Marruecos: la crisis económica agravada por la pandemia de COVID-19 en un país caracterizado por su extensa economía informal y la tensión entre grupos islamistas (ya sean de tipo político o social) y movimientos sociales y partidos políticos.

**Palabras clave:** Marruecos; sociedad civil; represión; propaganda; nuevas tecnologías.

## Abstract

The first years of Mohammed VI's reign were characterized by intense propaganda work not only within the country, but also abroad. However, over time this image spread through the court press and royal speeches, has been clouded by the facts. Feminist groups continue to demand reforms, while in recent years an incipient LGTBIQ Movement has developed. The 20F Movement, integrated into the so-called Arab Springs and the Hirak Rif Movement, started in 2016, have been able to take advantage of new technologies, which have become the voice of their demands, without managing to avoid judicial persecution. The harassment campaigns against the scarce Moroccan independent press have been intensified, leading to the imprisonment of Souleiman Raissouni and Omar Radi, the most visible names of the harassment of journalists. In addition, other factors must also be taken into account to understand the current situation of civil society in Morocco: the economic crisis aggravated by the COVID-19 pandemic in a country characterized by its extensive informal economy and the tension between Islamists groups (be they of a political or social nature) and social movements and political parties.

**Keywords:** Morocco; civil society; repression; propaganda; new technologies.

## 1. Introducción

El 23 de julio de 1999 falleció Hassan II lo que supuso un relevo en el trono al ser sucedido por su hijo Mohammed, que pasará a convertirse en Mohammed VI tras la ceremonia oficial de entronización que tuvo lugar una semana después, el 30 de julio. A lo largo de la última década de su reinado, Hassan II había comenzado una serie de reformas que hacían pensar en la posibilidad del inicio de una cierta transición. La llegada al trono del nuevo monarca se interpretó como un nuevo impulso a estos cambios, pues se veía en él a un rey joven (estaba a punto de cumplir los 36 años cuando accedió al trono), formado en el extranjero (cursó un doctorado en Derecho en la Universidad Sophia-Antipolis de la ciudad francesa de Niza) que podría suponer una verdadera ruptura con respecto al pasado autoritario que había representado su padre. Y así se reflejó en la prensa, tanto nacional como extranjera<sup>2</sup>, además de en algunos libros publicados en ese momento. Podría mencionarse incluso un cambio en la iconografía que acompaña a la monarquía alauí, pues llegó a presentarse una tipología más variada de las omnipresentes fotos del rey, y en la popularización de apelativos con los que se conocía al mismo: M6, sa “majetsky”, el “rey de los pobres”. Sin embargo, con el transcurrir del tiempo los titulares serán otros.

A lo largo del presente artículo se realizará un breve acercamiento al papel que desempeña el monarca en el Estado marroquí, que condiciona las posibilidades de desarrollo de la sociedad civil, y se analizará la situación de algunos componentes de esta. Se cotejará la información oficial con algunos sucesos determinantes en el devenir de los últimos años, recurriendo al análisis cuantitativo de datos estadísticos y discursos reales y al análisis cualitativo mediante la revisión bibliográfica de literatura especializada, informes de organizaciones de derechos humanos y la prensa cotidiana marroquí y extranjera.

A ello se suma la observación directa a lo largo de estancias discontinuas sobre el terreno entre la última década del siglo XX y la primera del siglo XXI. Respecto a la transliteración del árabe, se ha seguido la empleada en Marruecos cuando se trata de la denominación de leyes o nombres propios (ya sean de persona, de un colectivo, un rotativo o una condecoración); por el contrario, cuando se trata de términos aislados o expresiones, se ha privilegiado la comprensión para los potenciales lectores,

---

<sup>2</sup> Sería difícil referenciar los cientos de artículos publicados en prensa internacional no especializada en distintos idiomas sobre la llegada al trono de Mohammed VI y los cambios que se esperaba que acometiera. Por lo tanto, haremos referencia únicamente a una publicación que repasa las expectativas defraudadas y la continuidad en el régimen marroquí: el artículo publicado por D. Alvarado en octubre de 2009 en la revista *online Notes internacionals CIDOB*. Respecto a las monografías que analizan de forma crítica la figura del monarca marroquí podemos mencionar las publicadas por Brouksy (2014), Graciet y Laurent (2012) y Amar (2009).

eludiendo el uso de los sistemas de transcripción desarrollados y empleados habitualmente por los arabistas.

## 2. Algunas consideraciones generales sobre la monarquía y el poder político en Marruecos

No podemos desarrollar aquí todos los rasgos que definen a la monarquía marroquí; sin embargo, creemos que puede ser necesario introducir de forma breve algunas consideraciones generales que permitan comprender mejor el sistema político marroquí. En primer lugar, es necesario indicar que el rey no solo reina, sino que también gobierna. Se conocen como ministerios de soberanía aquellos que el Palacio designa directamente y que atañen a los sectores más importantes del gobierno, como Exteriores, Interior, Defensa y Asuntos Religiosos.

Marruecos se define ya en el artículo primero de su constitución, promulgada el 27 de julio de 2011<sup>3</sup>, como “una monarquía constitucional, democrática, parlamentaria y social” (en los anteriores textos constitucionales no se empleaba el calificativo “parlamentaria”). Como es sabido, la monarquía marroquí aúna poder político y poder religioso, pues el rey es, a su vez, máximo líder político y *amir al-muminín* (Comendador de los Creyentes), lo que le permite erigirse simbólicamente en garante de la estabilidad de Marruecos. Este rol religioso se refuerza y se renueva anualmente a través de la institución de la *bay'a*, que se suele equiparar con la relación feudovasallática de la Edad Media y supone el establecer un vínculo entre el monarca alauí como sucesor del sultán y el pueblo marroquí a través de sus representantes. Esta ceremonia es vilipendiada por militantes (por ejemplo, una concentración del Movimiento 20-F contra ella fue duramente reprimida) y algunos (escasos) políticos, al tiempo que es alabada por los medios oficiales por ser el símbolo material de la sumisión de todos los marroquíes. Además, uno de los rituales y elemento central de esta ceremonia, el besamanos, fue el desencadenante de una crisis en febrero de 2021 en la que intervinieron partidos políticos, instancias oficiales (como el Consejo Nacional de la Prensa, la Federación Marroquí de Editores de Periódicos y la Asociación Nacional de Medios y Comunicación) y ciudadanía en general por la aparición de un guiñol en un programa de un canal privado de la

---

<sup>3</sup> Dahir n.º 1-11-91 del 29 de julio de 2011 promulgando el texto de la Constitución, publicado en el Boletín Oficial n.º 5964 bis del 30 de julio de 2011. El texto oficial puede consultarse en su versión francesa en [http://www.sgg.gov.ma/Portals/0/constitution/constitution\\_2011\\_Fr.pdf](http://www.sgg.gov.ma/Portals/0/constitution/constitution_2011_Fr.pdf). Asimismo, puede consultarse una traducción no oficial al español publicada por la Universidad de Santiago de Compostela (USC), que retoma la publicada por Ruiz Miguel (2011), en [https://www.usc.gal/export9/sites/webinstitucional/gl/institutos/ceso/descargas/Const-Marruecos-2011\\_es.pdf](https://www.usc.gal/export9/sites/webinstitucional/gl/institutos/ceso/descargas/Const-Marruecos-2011_es.pdf)

televisión argelina<sup>4</sup> en el que se representaba a Mohamed VI y a un parlamentario argelino del FLN (Slimane Saadaoui), que se negó a besar su mano. Pese a que en el programa se aludió a temas centrales de la soberanía marroquí (fundamentalmente, la firma del acuerdo con el gobierno de Trump que reconocía la marroquinidad del Sáhara y el restablecimiento de relaciones con el Estado de Israel), las protestas únicamente se centraron en la ofensa a la figura del rey, llegando a crearse dos hashtags en redes sociales: “el Rey, línea roja” y “El rey Mohammed VI, línea roja”. De todas formas, debe tenerse en cuenta también que el incidente tuvo lugar en un momento de escalada de la tensión entre Marruecos, Argelia y el Frente Polisario.

Otra noción fundamental para entender el poder político en Marruecos es el de “majzen”, concepto que tiene su origen en la Edad Media y servía para diferenciar a las poblaciones sometidas al poder central de las poblaciones rebeldes a su autoridad. Simboliza todos y cada uno de los engranajes que componen el Estado marroquí, desde el sultán (ahora rey) hasta el ciudadano de a pie.

La última reforma constitucional fue anunciada en un discurso real el 9 de marzo de 2011<sup>5</sup>. Dicha reforma se presentaba como “una revisión constitucional profunda” como continuación del proceso de descentralización y regionalización anunciado el año anterior (2010) con ocasión del aniversario de la Revolución del Rey y del Pueblo. No obstante, ese día, el 19 de agosto de 2010, no había sido realizada ninguna alusión a la Constitución, debiendo entenderse así el anuncio del 9 de marzo de 2011 en el contexto de las movilizaciones que se habían iniciado poco más de 15 días antes en el reino alauí y que podían hacer temer un efecto de “contagio” a suelo marroquí de las revueltas iniciadas tres meses antes en Túnez, posteriormente secundadas por otros países árabes. El resultado de los trabajos de revisión constitucional fue sometido a referéndum el 1 de julio de 2011, obteniendo los acostumbrados abultados datos de participación y apoyo de los procesos de consulta popular constitucional, aun tratándose de la participación más baja desde la obtención de la independencia (El-Madkouri, 2018). La carta magna en vigor desde el 30 de julio de 2011 supone la introducción de algunos cambios, que podrían interpretarse como concesiones veladas a las reivindicaciones de las revueltas que recorrían el territorio nacional, al mismo tiempo que una continuidad de las prácticas políticas anteriores. Como ejemplos de las novedades introducidas podemos mencionar el reconocimiento de la lengua tamazight (bereber) como lengua oficial, la atribución de un mayor número de poderes al primer ministro o el empleo del lenguaje inclusivo como forma de subrayar el pretendido deseo de igualdad entre

---

<sup>4</sup> El fragmento que dio origen a la polémica puede visualizarse en: <https://www.youtube.com/watch?v=x6QDSYgZUqk>

<sup>5</sup> El texto completo del discurso real del 9 de marzo de 2011 solo puede consultarse en árabe o en francés en la URL indicada en la siguiente nota al pie.

hombres y mujeres. Como ejemplo de continuidad es necesario subrayar que la figura del rey sigue siendo considerada inviolable en virtud del artículo 46, sigue formando parte del lema nacional (“Dios, Patria, Rey”) y sigue atesorando los poderes principales del Estado (artículos del Título III). Otro ejemplo de continuidad es el representado por el proceso de redacción, que derivaría de la iniciativa real y los trabajos de un grupo constituido a tal efecto, y el posterior mecanismo de aprobación del texto constitucional (Velasco, 2013, p. 151). Como señalan F. Cavatorta y F. Merone (2020), “el Estado marroquí se caracteriza por una paradoja en la que las reformas implementadas conviven con el descontento por el resultado de esas reformas, perennizándose la tutela del Palacio y los deseos de democratización del pueblo” (pp. 24 y 25).

### **3. Entre el discurso oficial y la represión**

Como ya se ha apuntado en la Introducción, la producción discursiva de la monarquía marroquí, cuyo ejemplo más evidente son los discursos reales, puede confrontarse con las prácticas políticas, que repercuten directamente en las posibilidades de desarrollo de la sociedad civil. En las siguientes páginas repasaremos cómo distintos actores de esta sociedad civil intentan cuestionar el imaginario social instituido con un objetivo de transformación social.

#### **3.1. El discurso oficial: los discursos reales como ejemplo**

La piedra angular del mensaje político marroquí la constituyen los discursos reales. Entre su ascenso al trono en julio de 1999 y el mes de noviembre de 2021, el monarca marroquí ha pronunciado un total de 197 discursos<sup>6</sup>, algunos de ellos en efemérides marcadas, como la celebración de la Fiesta del Trono, la conmemoración de la Marcha Verde o el aniversario de la Revolución del Rey y del Pueblo, mientras que otros obedecen a cuestiones de agenda, como la participación en actos de instituciones internacionales o la recepción de jefes de Estado extranjeros en visita oficial. No obstante, debe recalcarse que, pese al elevado número de alocuciones reales, no existe relación ninguna entre el devenir sociopolítico del país y el volumen de discursos pronunciados (cf. Tabla 1). En otras palabras, observar un mayor número de discursos en fechas como el año 2004 (coincidiendo con la reforma del Código de Familia) o el 2016 (Hirak del Rif) no está relacionado con los acontecimientos vividos por el país, sino con la actividad desarrollada por el rey (visitas oficiales, asistencia a cumbres, etc.).

De un rápido análisis del discurso desde el punto de vista lingüístico, sin entrar en el campo de la semiótica, podemos destacar los siguientes puntos:

---

<sup>6</sup> El texto íntegro de los discursos reales está disponible en cinco idiomas en: <https://www.maroc.ma/> (no todos los discursos están disponibles en esas cinco lenguas, pero sí en árabe y francés).

- Se emplean fórmulas recurrentes: el rey inicia sus discursos utilizando el apelativo “querido pueblo”, que repite siempre varias veces a modo de inciso. Usa siempre también una fórmula de cierre islámica o coránica, siendo la de uso más frecuente “wassalamu alaykum wa rahmatullah wa barakatuhu” (“que la paz, la misericordia y la bendición de Dios sea con vosotros”).

- Introduce conceptos, algunos ya utilizados por su padre en la década de los 90, como Estado de derecho, salvaguardia de los derechos humanos, equidad, reparación moral y humanitaria, reconciliación, contrato social, marroquíes residentes en el extranjero (abreviado como MRE).

- Desarrolla temas recurrentes, tales como la religión (el rey en su papel de Comendador de los Creyentes), la unidad territorial y la marroquinidad del Sáhara. Estos temas no suponen una novedad, sino que reflejan la continuidad de los pilares sobre los que se sustenta el sistema político marroquí.

- Alude a la creación de nuevas instituciones, como la IER (Instancia Equidad y Reconciliación, fundada en 2004) o el CNDH (Consejo Nacional de Derechos Humanos, en funcionamiento desde 2018).

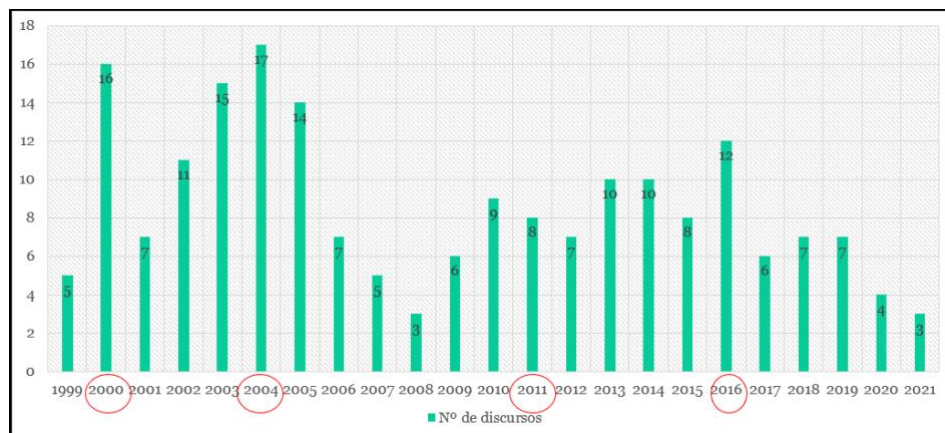


Tabla 1: Número de discursos reales pronunciados entre julio de 1999 y noviembre de 2021<sup>7</sup>

### 3.2. La sociedad civil en Marruecos

El concepto de sociedad civil, pese a las fluctuaciones sufridas desde sus primeras formulaciones, se define por oposición al Estado o la sociedad política, con la que, sin embargo, interacciona en su práctica cotidiana. Teniendo en cuenta las diferentes acepciones planteadas por distintos autores a lo largo del tiempo (desde Tocqueville hasta Gellner, pasando por Hegel, Marx o Gramsci, por mencionar solo algunos nombres), en este artículo seguiremos la noción planteada por C. Pérez

<sup>7</sup> Elaboración propia a partir de los datos publicados en <https://www.maroc.ma/>.

Beltrán (2001) quien, refiriéndose al caso concreto de Marruecos, define la sociedad civil como “un movimiento dinámico, organizado y estructurado, no exento de contestación política, que parece funcionar de forma autónoma al estado, al sector público de la economía y a la política formal, entendida ésta como medio para alcanzar o conservar el poder” (p. 231), planteamiento que retomará años más tarde en otra publicación (Pérez Beltrán, 2006).

A partir de los años 80 del siglo XX, la situación coyuntural a nivel interno y el condicionante externo que suponía la puesta en marcha de proyectos de ayuda al desarrollo que requerían de una contraparte a nivel local, supusieron el despegue de un heterogéneo y dinámico movimiento asociativo marroquí, tal y como recogen diversas publicaciones, como la elaborada por la Fundación IPADE en 2007. Según Roque (2002, pp. 12 y 36) en Marruecos existirían 30.000 asociaciones con estatus legal a finales de los años 90, no existiendo motivos que permitan presuponer un descenso en su número, a pesar de la inexistencia de datos más actualizados. La misma autora, junto con M. Tozy, propone en esa misma obra una clasificación en tres grandes grupos: asociaciones de promoción y defensa de los derechos fundamentales (lo que abarcaría derechos humanos, situación legal de las mujeres y el movimiento cultural amazigh), colectivos de desarrollo económico y local y, por último, asociaciones de beneficencia, en las que tendría cabida todo el movimiento impulsado desde sectores islamistas (Roque, 2002, pp. 59-65).

### **3.3. La reforma de la Mudawana<sup>8</sup>**

Tal y como hemos visto, el nuevo monarca era presentado en sus inicios como moderno, “occidentalizado” y aperturista, al tiempo que se atribuyó a su voluntad personal algunos de los más importantes cambios implementados en el país, como la reforma del Código de Estatuto Personal (conocido de forma abreviada como Mudawana o Código), obviando la labor y reclamación continuada de organizaciones de mujeres y de derechos humanos.

Marruecos, igual que la mayoría de los estados de confesión islámica mayoritaria, está dotado de un código de neta inspiración islámica (salvo contadas excepciones de inspiración extranjera por su característico pluralismo jurídico) que, en parte, se asemeja a un Código Civil y regula los derechos de las mujeres en aspectos tales como el matrimonio, su disolución y la sucesión. Estos códigos de

---

<sup>8</sup> Con posterioridad a la celebración del IV CILE y la entrega de este artículo, Mohammed VI abordó la “necesidad de mejorar la condición de la mujer y la familia” en su discurso de la Fiesta del Trono del 30 de julio de 2022, dejando abierta la posibilidad de una nueva reforma legal. El texto del discurso no está disponible en la web antes indicada, pero ha sido subido íntegramente a la plataforma YouTube por el periódico pro Palacio *Le Matin du Sahara et du Maghreb* (en árabe en [https://www.youtube.com/watch?v=n3Rcj-8dQ\\_4](https://www.youtube.com/watch?v=n3Rcj-8dQ_4)).

estatuto personal<sup>9</sup>, en su inmensa mayoría, fueron redactados en el periodo poscolonial, lo que en Marruecos supone que fuera promulgado por sucesivos dahires (tipología de texto legal semejante a un real decreto ley) entre 1957 y 1958<sup>10</sup> (la independencia fue obtenida en 1956). A partir de ese momento casi no sufriría modificaciones hasta finales del siglo XX. Tras 1992 se recrudecieron las demandas y movilizaciones de colectivos de mujeres, si bien sus peticiones solo tuvieron un reducido reflejo en los textos legales, como la modificación de 1993 relativa a la edad mínima para contraer matrimonio. Desde entonces, habrá que esperar hasta el año 2003 para que un nuevo proyecto de Código de Familia<sup>11</sup> (que ya no será conocido como Código de Estatuto Personal) sea sometido al referendo del Parlamento. Aunque esta reforma ha sido mostrada habitualmente como revolucionaria, lo cierto es que el alcance de los cambios introducidos es limitado y se podría afirmar que se trata más de una cuestión de forma o terminológica que de verdaderos cambios, pues no se ha abolido la poligamia, se mantiene el repudio, perdura la discriminación por sexo en el derecho de sucesiones, se mantiene la posibilidad de sortear el matrimonio en minoría de edad (según datos oficiales, estos matrimonios se habrían duplicado desde 2004<sup>12</sup>) y la tutela matrimonial no desaparece, sino que se convierte en un derecho de libre ejercicio.

---

<sup>9</sup> C. Ruiz-Almodóvar (2005) publicó la edición y traducción de todos los códigos de estatuto personal vigentes en ese momento.

<sup>10</sup> La misma autora analizó en otra publicación la evolución temporal del texto legal marroquí relativo a las relaciones familiares y los derechos de las mujeres (Ruiz-Almodóvar, 2006). Sin embargo, ha de señalarse que no todos los cambios comentados fueron aplicados en los tribunales, lo que puede explicarse por el escaso tiempo transcurrido entre la entrada en vigor del nuevo Código de Familia y la publicación del escrito y por las reticencias de los actores legales a implementar esas reformas.

<sup>11</sup> El Código de Familia (Ley n.º 70-03) fue finalmente aprobado por el Dahir n.º 1-04-22 del 3 de febrero de 2004, publicado en el Boletín Oficial n.º 5358 del 6 de octubre de 2005, pp. 667-701. Desde entonces, solo ha sufrido dos modificaciones menores, en 2010 y 2016, que afectan al reconocimiento del matrimonio carente de acta (artículo 16), artículo que suscita gran rechazo por constituir una argucia legal para sortear las condiciones de limitación de la poligamia y permitir el matrimonio con menores. Teniendo en cuenta la trascendencia de la Mudawana para la aplicación del derecho en suelo español a comunidades migrantes de origen marroquí, se han publicado varias traducciones a esta lengua, como la llevada a cabo por ATIME (Asociación de Trabajadores Inmigrantes Marroquíes en España) o la traducción comentada financiada por la Junta de Andalucía, resultado de un proyecto de investigación de la Universidad de Jaén. Ambas publicaciones pueden consultarse online en <http://www.intermigra.info/archivos/CodFamiliaMarruecos.pdf> y en la URL institucional [https://www.juntadeandalucia.es/export/drupaljda/1\\_2030\\_nueva\\_mudawwana\\_marroqui.pdf](https://www.juntadeandalucia.es/export/drupaljda/1_2030_nueva_mudawwana_marroqui.pdf) (respecto a las ediciones impresas, v. Bibliografía).

<sup>12</sup> En un informe sobre equidad y paridad en Marruecos publicado en octubre de 2015 por el Consejo Nacional de Derechos Humanos (CNDH), se afirmaba que “según los datos del Ministerio de Justicia y de las Libertades, los matrimonios por debajo de la edad legal se han casi duplicado en una década, pasando de 7% en 2004 a cerca de 12% en 2013” (Naciri, 2015, p. 11). Si intentamos confrontar esta información con datos más recientes, se dificulta el poder extraer conclusiones, pues, tras una ligera reducción de las cifras hasta 2020, año en que habrían correspondido al 6,5% del total de matrimonios, en 2021 se registró un nuevo aumento, alcanzando el 7,2% del total de enlaces celebrados, lo que supondría un ascenso incluso con respecto al año 2004 (Haut-Commissariat au Plan, 2021, p. 16).

### 3.4. El movimiento feminista marroquí

Aprovechando la apertura iniciada en los años finales del siglo XX, el movimiento feminista creció no solo en número de organizaciones sino también en el número de sus demandas. Así, por ejemplo, mientras los colectivos más institucionales tenían una visión más optimista de las reformas introducidas en el Código de Familia, las organizaciones más “radicales” se han mantenido críticas con respecto al avance que supondrían, recalcando aspectos tales como el número de solicitudes de autorización de poligamia admitidas en los tribunales<sup>13</sup>, el mantenimiento de la discriminación por sexo en las cuotas hereditarias o la discriminación de la madre frente al padre en el desempeño de la tutela.

También el movimiento feminista se vio favorecido por el impulso que supusieron las movilizaciones de base desarrolladas a partir de 2011, que, en este caso, derivaron en una diversificación del movimiento feminista (podremos hablar de feminismos), que se enriqueció con mujeres de distintas procedencias y trayectorias de participación, frente a la etapa anterior, en la que las reivindicaciones por los derechos de las mujeres aparecían asociadas a militantes históricas vinculadas a organizaciones de la izquierda (Alami, 2014).

En la actualidad las agrupaciones feministas siguen reclamando reformas, fundamentalmente legales, habiendo añadido las redes sociales a la reivindicación de la conquista de los espacios públicos físicos como un nuevo espacio más (en este caso, virtual). Esta será la forma en la que se desarrollen campañas contra la violación, el acoso sexual o la violencia de género<sup>14</sup>, llegando a desarrollarse aplicaciones para móviles, como Finemchi (¿A dónde voy?), o importándose otras, como la desarrollada en Francia The Sorority. Sin embargo, no debe cometerse el error de circunscribir las demandas articuladas desde los movimientos feministas a un planteamiento dicotómico binario que contrapondría unos espacios delimitados

---

<sup>13</sup> El Ministerio de Justicia y de las Libertades marroquí publica en sus informes estadísticos el número de matrimonios poligámicos contraídos, la cifra de solicitudes de poligamia recibidas y cuántas de ellas han sido aceptadas. Así, en 2015 se habrían admitido en justicia el 31,49% de las solicitudes recibidas, lo que supondría un aumento del 0,44% de las autorizaciones con respecto al año anterior, el 2014. Por otro lado, el informe del CNDH antes aludido sobre equidad y paridad en Marruecos, también recoge el aumento del volumen de autorizaciones de poligamia emitidas por los jueces (habrían pasado del 40,4% en 2009 al 43,4% en 2010). Para fechas más recientes, solo se han podido consultar los datos relativos a la poligamia publicados por el Alto Comisionado del Plan (Haut-Commissariat au Plan o HCP), institución responsable de la producción de estadísticas oficiales de 2003. Según la información contenida en el *Anuario Estadístico 2020* (consultable en versión bilingüe árabe-francés en <https://www.hcp.ma/file/229761/>), el número de matrimonios poligámicos contraídos habría oscilado desde 764 en 2017 hasta 871 en 2019. Atendiendo a *La mujer marroquí en cifras, 2022* (también en versión bilingüe árabe-francés en <https://www.hcp.ma/file/234841/>), los matrimonios poligámicos contraídos en 2020 habrían sido 658, aumentando hasta los 1046 en 2021.

<sup>14</sup> Entre estas campañas podemos mencionar las desarrolladas por el colectivo Masaktach (No me callaré), que persigue la denuncia de las violencias y abusos ejercidos contra las mujeres y lucha contra la legitimación de la cultura de la violación.

de participación militante de las mujeres (con demandas limitadas a la igualdad jurídica) frente a otros espacios diferenciados de protagonismo masculino y que perseguirían la consecución de derechos de tipo transversal, como plantean A. Ramírez y L. Mijares (2021).

### **3.5. Nuevas formas de expresión: rap y movimientos sociales**

La generalización del uso de internet, móviles y redes sociales tuvo un impacto decisivo en las movilizaciones que se sucedieron en los países árabes en 2011, conocidas habitualmente como las Primaveras Árabes (Radi, 2017; Álvarez-Ossorio, Barreñada & Mijares, 2021). Pese a que Marruecos no es uno de los países que consiguió un cambio de régimen, la monarquía sí introdujo algunos pequeños cambios que le permitiesen seguir manteniendo el control de la situación, como la ya mencionada reforma constitucional. El recurso a las redes será fundamental para aquellos colectivos que sufren una mayor represión y esto también se extiende a otros ámbitos de la cultura, como la música.

Desde sus orígenes en los años 70 del siglo pasado en Estados Unidos, el rap fue utilizado como herramienta de denuncia de la situación social. En Marruecos se desarrollará a partir de los años 90, recurriendo en sus orígenes al inglés y francés como lenguas de expresión para pasar posteriormente al empleo del árabe dialectal marroquí e, incluso, a la mezcla de esas tres lenguas, revelándose como “un verdadero ejemplo de lenguas en contacto” (Guerrero, 2012, p. 126). En la actualidad, emplea mayoritariamente el árabe dialectal, lo que se ha traducido en un proceso de acercamiento y apropiación del discurso inconformista social de la juventud. Los temas que abordan habitualmente sus canciones coinciden con las preocupaciones de esta juventud, es decir, la crítica de la pobreza y la marginación, el consumo de drogas, la prostitución, la emigración ilegal, el paro<sup>15</sup> o la corrupción.

Si bien la escena del rap ha florecido en Marruecos en los últimos años, algunos de los grupos o raperos orbitan en círculos que podrían ser considerados oficiales, incluso a pesar de una cierta labor de crítica, como sería el caso del grupo Fnaïre. Fnaïre interpreta lo que es tildado de “rap patriótico” en la prensa<sup>16</sup> y su canción “Lalla Mennana” podría ser considerada una loa a la reforma de la Mudawana de 2004, además de haber cantado ante el rey con ocasión de la apertura

---

<sup>15</sup> Recordemos aquí que en Marruecos existe una activa asociación de licenciados en paro (Association Nationale des Diplômés Chômeurs du Maroc o ANDCM), constituida en Casablanca en 1991 por egresados universitarios incapaces de acceder al mercado laboral.

<sup>16</sup> Así es definido en numerosos artículos de la prensa generalista, tanto en Marruecos como fuera del país, incluso en España (en diarios como *Público*, *La Vanguardia* o *El Faro de Ceuta*). Como publicación científica, podemos citar la mención en un artículo publicado en el n.º 10 de la revista *Awraq* (Moreno Almeida, 2014).

de la Cumbre del Clima de Marrakech (COP 22, celebrada en noviembre de 2016)<sup>17</sup> y haber recibido en 2013 la condecoración del Ouissam real, junto con otros representantes del mismo estilo musical: el grupo H-Kayne y los raperos Bigg y Komy. Junto a estos representantes del género que han optado por seguir el discurso oficial, coexisten otros que aúnan la crítica de la situación social con la defensa de los valores religiosos tradicionales del islam. En su mayoría, no se trata de composiciones de tipo religioso íntegramente, sino más bien de canciones que incorporan el elemento religioso como fuente de legitimación de sus demandas<sup>18</sup>. Frente a las dos tendencias anteriores, encontramos que otros raperos se han posicionado claramente del lado de los movimientos sociales que persiguen una verdadera reforma. De esta manera, al igual que había sucedido en otros países árabes en los que las Primaveras Árabes sí condujeron a un cambio de régimen político, en Marruecos veremos como también se recurrió a la música rap para difundir los mensajes y reivindicaciones del Movimiento 20-F. Este último sería el caso de Mouad Belghouate conocido como El Haked (L7a9d) o El Indignado, que rapeó durante manifestaciones del Movimiento 20-F atacando la figura del rey, fue encarcelado tres veces (en una de esas ocasiones pasó un año en prisión) y mantuvo huelgas de hambre antes de obtener el estatus de refugiado político en Bélgica, donde reside actualmente. Otro ejemplo en la misma línea es Gnawi, que salió de prisión en noviembre de 2020 tras cumplir una pena de un año de encarcelamiento por injurias a los cuerpos de seguridad del Estado. Los nombres femeninos son raros, pero podemos mencionar a Khtek, quien afirma haberse inspirado en las protestas del Movimiento 20-F y realiza una crítica en sus letras a la sociedad patriarcal a la vez que defiende los derechos de las mujeres y del colectivo LGTBIQ.

### **3.6. El movimiento LGTBIQ**

Como se ha mencionado anteriormente, han surgido nuevas formas de expresión que permiten esquivar el control y son aprovechadas por el tejido asociativo, sobre todo por aquellos grupos que sufren una mayor persecución, tal y como sería el caso del movimiento LGTBIQ, que no solo debe enfrentar el hostigamiento de los aparatos represivos del Estado sino que también debe afrontar los prejuicios de una sociedad con valores todavía profundamente tradicionales anclados en el sistema patriarcal y la heteronormatividad.

Respecto al movimiento LGTBIQ, es de más difícil percepción debido a la consideración como delito de la homosexualidad todavía hoy en día (artículo 489 del

---

<sup>17</sup> Podríamos mencionar ahora la extensamente difundida imagen de los integrantes de Fnaïre junto a Mohammed VI como ejemplo de capital simbólico.

<sup>18</sup> Sobre el componente religioso en la música rap del norte de África remitimos a otra publicación del autor antes mencionado (Guerrero, 2019).

Código Penal<sup>19</sup>), lo que lleva a la existencia real a nivel de calle de colectivos más o menos organizados y muy activos en redes sociales, pero de difícil constitución como entidades con reconocimiento legal. A comienzos del siglo XXI los derechos del colectivo LGBTIQ eran defendidos desde asociaciones de derechos humanos. El M20F posibilitó la visibilización en las calles de la bandera arcoíris, pero no supuso cambios que perduraran en el tiempo, de forma que estas organizaciones siguen necesitando en la actualidad el apoyarse en otros grupos, como es el caso del MALI (Movimiento Alternativo para las Libertades Individuales), que se autodefine como movimiento de desobediencia civil y aún entre sus objetivos temas que son considerados tradicionalmente tabú en la sociedad marroquí, como los vinculados al movimiento feminista (por ejemplo, la defensa del aborto). Por el contrario, sí se trata de un movimiento articulado en la diáspora marroquí, con colectivos sólidamente instalados en Francia o España, como es el caso de Kif-Kif, de carácter ilegal en Marruecos, pero que en suelo del Estado español ofrece atención a personas migrantes y demandantes de asilo del colectivo<sup>20</sup>.

Al contrario de lo que sucede con otras regiones del norte de África y Próximo Oriente<sup>21</sup>, carecemos de publicaciones académicas, incluso de obras impulsadas por organizaciones del mundo del activismo, que presenten un panorama de la situación del movimiento LGTBIQ en Marruecos, debiendo recurrir a obras generales sobre este movimiento en el mundo araboislámico o a obras publicadas sobre países vecinos para complementar la información ofrecida con carácter informal por los propios colectivos a través de sus redes sociales. Únicamente podemos referenciar el estudio realizado por el Colectivo de Lesbianas, Gais, Transexuales y Bisexuales de Madrid (COGAM) en 2007 que aglutina, junto a datos generales, las experiencias vitales de doce miembros del colectivo, entre los que figuran cinco marroquíes.

---

<sup>19</sup> El artículo 489 está integrado en la sección de “Atentados contra la moral” del Código Penal (Dahir n.º 1-59-414 del 26 de noviembre de 1962, Boletín Oficial n.º 2640 bis), sección que no ha sido nunca objeto de reforma, y supone una pena de prisión de seis meses a tres años, además del pago de una sanción. Ni siquiera el CNDH, que redactó un *Memorando sobre el proyecto de ley n.º 10.16 modificando y completando el Código Penal*, se atrevió a tratar el posible levantamiento de la persecución judicial de las relaciones homosexuales (no olvidemos que el nombramiento de la presidencia y secretaria general del CNDH es realizado por el rey) y únicamente abordó los cambios en la sección (2019, pp. 35-37).

<sup>20</sup> Pese a su larga trayectoria, que remonta al año 2002, la asociación Kif-Kif perdió hace un año las subvenciones que hasta entonces percibía del gobierno autonómico de Madrid, encabezado por la popular Díaz Ayuso, y su sede ha sido objeto de actos vandálicos, tal y como denunciaron en su página web: <https://kifikif.info/kifikif-denuncia-nuevas-pintadas-lgtbifobicas-en-la-fachada-de-su-centro-de-atencion-en-madrid/>

<sup>21</sup> Podemos citar como ejemplos el informe *L'audace face à l'adversité. Activisme en faveur des droits LGBT au Moyen-Orient et en Afrique du Nord* (HRW, 2018) y el estudio general sobre derechos LGTBIQ en la región MENA de Nasser-Eddin, Abu-Assab & Greatrick (2018). Podemos añadir también publicaciones que dedican únicamente un apartado al movimiento LGTBIQ en Marruecos, como el artículo de Gouyon y Musso (2017). Por el contrario, sí son abundantes las investigaciones sobre homosexualidad en Marruecos, fundamentalmente masculina.

### 3.7. El HIRAK del Rif

La muerte en octubre de 2016 de Mouhcine Fikri, vendedor ambulante de pescado, mientras intentaba recuperar del interior de un camión triturador de basura la mercancía que le había sido confiscada, inició un alzamiento en la región del Rif. Esta zona tradicionalmente fue considerada como rebelde o *bled el-siba* (lo que se tradujo en su exclusión de los planes de desarrollo), ha sido origen de un elevado porcentaje de población migrante y goza de un tejido asociativo articulado en torno al desarrollo, el movimiento cultural amazigh y la Asociación de Diplomados/Licenciados en Paro. Normalmente, se pone en relación la muerte de Fikri con la de Bouazizi seis años antes en Túnez, que se convertiría en detonante de la Primavera Árabe en ese país y posteriormente en otros de la región. Desde sus comienzos, el movimiento popular conocido como HIRAK recurrió a internet (Twitter, Facebook, vídeos en YouTube), trasladando a las redes sociales un trabajo de reelaboración del discurso a partir del legado cultural preexistente<sup>22</sup> (por ejemplo, en las manifestaciones se recurría profusamente a retratos del líder rifeño de la lucha anticolonial Abdelkrim El-Khattabi) y empleando como vehículo fundamental de comunicación el *tarifit*. Asimismo, se ha producido un relevo en las voces, pasando las mujeres rifeñas también a la primera línea.

Como reacción al levantamiento popular rifeño, el Estado marroquí recurrió a la represión, lo que condujo a la detención de más de 800 personas y al encarcelamiento de más de media centena de militantes, que fueron condenados a un total de más de 300 años (Nasser Zefzafi y otros cuatro dirigentes del movimiento fueron condenados a 20 años por atentado contra la seguridad del Estado, pese que no contemplaron en ningún momento reivindicaciones políticas). A finales de junio de 2021 se desestimó la apelación solicitada por la defensa para la revisión de las penas. Parte de los condenados fueron indultados y han pasado a engrosar la diáspora rifeña, ya sea de forma regular o irregular, fundamentalmente en España, Bélgica y Holanda, lo que, lejos de acabar con el movimiento, ha supuesto su continuidad en condiciones más propicias.

### 3.8. El periodismo independiente

El ejercicio del periodismo está regulado por el Código de la Prensa y la Edición de 2016, vinculado a la reforma constitucional de 2011, si bien esta reforma no supuso cambios relativos a la libertad de información tal y como era definida en el texto constitucional de 1962<sup>23</sup>, lo que provoca un desajuste con los requerimientos

---

<sup>22</sup> A. Moustauoui y N. Kouss (2021) analizan con detenimiento la génesis del HIRAK del Rif y sus manifestaciones en suelo marroquí y español desde el marco conceptual de la semiótica y los paisajes lingüísticos.

<sup>23</sup> H. Hidass (2016) realiza esta afirmación con respecto a los proyectos de ley discutidos en el Parlamento en 2015 y 2016, afirmación que resulta extensible al Código de la Prensa y la Edición finalmente aprobado en 2016.

actuales. A la par, existe una institución que regula el periodismo no escrito: la HACA o Alta Autoridad de la Comunicación Audiovisual. Los medios de comunicación audiovisuales y las radios privadas dispondrían, según Hidass (2016), de un margen de acción muy limitado, casi nulo, mientras que sería la prensa escrita la que disfrutaría de una cierta capacidad de libre expresión. Por otra parte, según la Clasificación Mundial de la Libertad de Prensa 2021 que elabora Reporteros Sin Fronteras (RSF), Marruecos se sitúa en el puesto 136 de los 180 países analizados, lo que supone un retroceso en relación con los últimos seis años.

Los años finales del reinado de Hassan II parecieron marcar el inicio de una nueva etapa para la prensa y vieron la luz nuevos diarios y semanarios. Sin embargo, esta tímida apertura se fue al traste con el ascenso al trono de Mohammed VI y, principalmente, a partir de 2010 (Gershovich, 2012). Ya en sus primeros años de reinado se produjo el secuestro de ejemplares de publicaciones, a lo que posteriormente se unió la imposición de multas récord (que en ocasiones han alcanzado varios millones de dirhams), la condena a periodistas y, finalmente, el cierre de algunos rotativos (a veces de forma soterrada, recurriendo a la asfixia económica paulatina de los diarios) que pretendían ejercer su derecho a la libertad de expresión. Las campañas de hostigamiento contra la escasa prensa independiente marroquí se han visto recrudecidas a lo largo de los últimos años<sup>24</sup> y han conducido a la entrada en prisión y reciente condena de Souleiman Raissouni y Omar Radi, condenados respectivamente a cinco y seis años de prisión, siendo ambos en este momento los nombres más visibles del acoso a las y los periodistas. Las autoridades no vacilan a la hora de recurrir a acusaciones relativas a la vida privada (Zaid *et al.*, 2021, p. 231) o la sexualidad, como sucedió en 2019 con la periodista Hajar Raissouni, acusada de haber abortado tras mantener relaciones sexuales ilícitas y condenada a la pena máxima de prisión contemplada en el Código Penal<sup>25</sup>, si bien posteriormente fue amnistiada como resultado de un indulto real, y no a resultas de una apelación o revisión de la condena. Esta situación se vio agravada con la acusación a tres periodistas de sexo masculino de violación (con el agravante de homosexualidad en el caso de Suleiman Raissouni<sup>26</sup>), delito que no suele ser objeto de atención cuando son las mujeres quienes pretenden denunciarlo, tal y como insisten en destacar

---

<sup>24</sup> Así lo recogen, por ejemplo, los informes periódicos del Sindicato Nacional de la Prensa Marroquí (SNPM), publicados únicamente en árabe según conocimiento de la autora de este escrito, y no disponibles para su consulta *online*. Dichos informes críticos son denostados por la prensa cortesana.

<sup>25</sup> El delito de *zina* o de fornicación ilícita castiga las relaciones sexuales fuera del matrimonio con pena de prisión que oscila entre los tres meses y el año en aplicación del artículo 490 del Código Penal.

<sup>26</sup> Hajar y Suleiman Raissouni compartían trabajo en el rotativo *Akhbar al-yaoum*, uno de los escasos representantes de prensa independiente, y siguieron la estela del primer director del diario, Taoufik Bouachrine, condenado en 2019 en apelación a 15 años de prisión, lo que supuso una ampliación de tres años con respecto a la sentencia dictada en 2018 en primera instancia. Tras las sucesivas detenciones y encarcelamientos, el periódico se vio abocado al cierre en marzo de 2021.

militantes feministas. Por su parte, el historiador y periodista Maati Monjib, fundador de la Asociación Marroquí de Periodismo de Investigación (AMJI), fue condenado por blanqueo de capitales.

En noviembre de 2017 fue publicado el *Media Ownership Monitor* (MOM), informe impulsado por la ONG Reporteros Sin Fronteras que pretende visibilizar la existencia o ausencia de pluralismo en la financiación de los medios de comunicación como elemento central para garantizar el ejercicio de la libertad de expresión. Según esta investigación, en Marruecos existen 46 medios, propiedad de 36 empresas, siendo mayormente la televisión propiedad del Estado (aparece como hombre fuerte el empresario Aziz Akhannouch, segundo hombre más rico de Marruecos y actual primer ministro) y la familia real, mientras que la radio dependería en mayor medida del Estado, aunque existe una mayor diversidad en su financiación. Otro elemento que subraya la investigación es el claro retroceso de la prensa en lengua francesa.

### **3.9. Otros factores**

Además, deben tenerse también en cuenta otros factores para entender la actual situación de la sociedad civil en Marruecos: la crisis económica agravada por la pandemia de COVID-19 en un país caracterizado por su extensa economía informal y la tensión entre grupos islamistas (ya sean de tipo político o social) y movimientos sociales y partidos políticos.

Respecto a la economía informal, según un estudio publicado por Bank al-Maghrib en diciembre de 2020, el sector informal sigue representando un 30% del PIB de Marruecos, lo que supondría una reducción del 10% de su peso en los últimos 30 años (el periodo analizado abarca de 1988 a 2018) (Lahlou et al., 2020, pp. 21-22). Dicho informe emite también una serie de recomendaciones, que se articulan en tono a la necesidad de implementar reformas estructurales que afectarían a la educación, el sistema judicial, la política tributaria y el mercado laboral. Según distintas estimaciones<sup>27</sup>, hasta el 80% de la población activa marroquí trabaja en el sector informal. En la economía sumergida es donde resulta más fácil observar la feminización de la pobreza, pudiendo mencionar a las “bonnes” (un proyecto de regularización laboral se vio obstaculizado por la llegada de la pandemia), las trabajadoras de talleres clandestinos (fundamentalmente, del sector de la

---

<sup>27</sup> Las cifras respecto al peso del sector informal en la economía nacional son variadas. De esta forma, el representante del Banco Mundial en Marruecos estimó en un 80% la población activa empleada en este sector en una entrevista concedida a la Agencia Marroquí de Prensa o MAP (consultable en <http://www.mapexpress.ma/actualite/economie-et-finance/relance-economique-interview-jesko-s-hentschel-representant-banque-mondiale-au-maroc/>). El ya mencionado informe de Lahlou, Doghmi y Schneider (2020) reduce este valor al 70% de la población activa, mientras que la OIT y el Banco Africano de Desarrollo afirmaban en una nota de orientación política de mayo de 2021 que el sector informal absorbería a aproximadamente el 60% de los trabajadores/as en activo. Otros estudios “estiman que entre el 60% y el 80% de la población activa en Marruecos ejerce una actividad informal” (CESE, 2021, p. 7).

confección textil) o las porteadoras que introducían mercadería de forma clandestina a través de los puestos fronterizos de Ceuta (Marruecos cerró la frontera al porteo en octubre de 2019) y Melilla, siendo las dos ciudades autónomas y el territorio que las rodea dos de los centros principales de economía sumergida en Marruecos. Precisamente, serán estas mujeres quienes deberán recurrir en mayor medida a redes de apoyo y asociaciones en momentos de crisis ante la falta de cobertura social, tal y como sucedió en marzo de 2020 con el cierre de fronteras y la posterior imposición del toque de queda como medidas preventivas para frenar el avance del COVID-19.

Por otro lado, es necesario reconocer la labor realizada durante la pandemia por distintos colectivos que, al igual que lo sucedido en Europa, intentaron ofrecer un cierto paraguas a la población más afectada, pese a los obstáculos mayores que representa un país como Marruecos.

Para finalizar, no queremos dejar de llamar la atención sobre las complejas relaciones que derivan de la obligada interacción entre organizaciones de tipo islamista de corte social y los distintos colectivos que componen la variada sociedad civil marroquí. A lo largo de diez años y hasta la última convocatoria electoral, el Partido Justicia y Desarrollo (PJD) encabezó el gobierno, lo que supuso una reelaboración de las relaciones entre islamistas y poder político que también afectó al papel desempeñado por las asociaciones de beneficencia y por las organizaciones de mujeres que pretenden debatir su papel en la sociedad islámica desde premisas islamistas. Sin embargo, en las elecciones legislativas, regionales y comunales del 8 de septiembre de 2021, el PJD sufrió una aplastante derrota. Un mes después, Mohammed VI nombró un nuevo gobierno, presidido por Aziz Akhannouch e integrado fundamentalmente por tecnócratas. El escaso margen de tiempo transcurrido entre la designación real y la celebración del IV CILE (28 y 29 de ese mismo mes de octubre) obliga a emplazar a posteriores lecturas de las nuevas relaciones de poder en el sistema político marroquí.

#### **4. Conclusiones**

A lo largo del presente artículo hemos pretendido realizar un acercamiento al papel decisivo del monarca alauí en la política marroquí y su incidencia directa sobre las posibilidades de desarrollo de la sociedad civil. Hemos intentado, asimismo, presentar los distintos componentes de esta sociedad civil, que, tras un breve periodo esperanzador en los inicios del reinado de Mohammed VI, no solo ha vuelto a experimentar un retroceso con respecto al ejercicio de las libertades fundamentales, sino que es víctima de una represión *in crescendo*. Esta involución contrasta con la retórica empleada en el discurso oficial, que atribuye a la voluntad real reformas que deben interpretarse como el resultado de la presión social, tal y

como sucedió con la reforma de la Mudawana. Del mismo modo, dicha regresión se aprecia en las condenas a representantes de la sociedad civil, como es el caso de los militantes del Hirak del Rif, en las restricciones en la libertad de expresión materializadas en la persecución judicial contra periodistas (pudiendo considerarse el ejercicio del periodismo independiente una profesión de riesgo) y en el cierre de medios de la prensa escrita. Por otro lado, el recurso a otras prácticas comunicativas y de difusión de la acción social, pese al fracaso en el mantenimiento de las organizaciones de base surgidas en 2011, ha supuesto la propagación de nuevas fórmulas de movilización que han sido aprovechadas por colectivos tradicionalmente desprovistos de voz, como sería el caso del movimiento LGTBIQ. Pese a la creciente represión, la sociedad civil marroquí explora nuevas vías de expresión y espacios de participación que permitan su continuidad, tanto en suelo nacional como a través de las ciudadanas y ciudadanos que integran la abundante diáspora marroquí.

## Bibliografía

- Abkari, A. (2008). *Código de la familia de Marruecos. Al Mudawana*. ATIME, Asociación de Trabajadores e Inmigrantes Marroquíes en España.
- Alami, H. (2014). Les féminismes marocains contemporains. Pluralité et nouveaux défis. *Nouvelles Questions Féministes*, 33(2), 65-79. DOI: 10.3917/nqf.332.0065
- Alvarado, D. (2009). Mohamed VI, año X: Mito y realidad de la transición marroquí. *Notes Internacionales CIDOB*, 7, 1-6. [https://www.cidob.org/ca/publicacions/series\\_de\\_publicacio/notes\\_internacionals/n1\\_07/mohamed\\_vi\\_ano\\_x\\_mito\\_y\\_realidad\\_de\\_la\\_transicion\\_marroqui](https://www.cidob.org/ca/publicacions/series_de_publicacio/notes_internacionals/n1_07/mohamed_vi_ano_x_mito_y_realidad_de_la_transicion_marroqui)
- Álvarez-Ossorio, I., Barreñada, I. & Mijares Molina, L. (2021). *Movilizaciones populares tras las Primaveras Árabes (2011-2021)*. Libros de la Catarata.
- Amar, A. (2009). *Mohammed VI, le grand malentendu*. Calmann-Lévy.
- Banco Africano de Desarrollo (BAD) & Organización Internacional del Trabajo (OIT). (2021). *Impact de la crise Covid-19 sur l'emploi et les TPME au Maroc*. [https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed\\_emp/documents/publication/wcms\\_798699.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_emp/documents/publication/wcms_798699.pdf)
- Brouksy, O. (2014). *Mohammed VI, derrière ses masques*. Nouveau Monde Éditions.
- Cavatorta, F. & Merone, F. (2020). *Never-ending reformism from above and dissatisfaction from below. The paradox of Moroccan post-springs politics. Discussion Paper*, 16. Deutsches Institut für Entwicklungspolitik (DIE). DOI:10.23661/dp16.2020
- Conseil National des Droits de l'Homme (CNDH). (2019). *Mémoire du Conseil national des droits de l'Homme sur le projet de loi n.º 10.16 modifiant et complétant le Code pénal*.

- Marruecos. Dahir n.º 1-11-91 du 27 chaâbane 1432 (29 juillet 2011) portant promulgation du texte de la Constitution. Bulletin Officiel du Royaume du Maroc, 5964 bis, 30 de julio de 2011. [http://www.sgg.gov.ma/Portals/o/constitution/constitution\\_2011\\_Fr.pdf](http://www.sgg.gov.ma/Portals/o/constitution/constitution_2011_Fr.pdf)
- Marruecos. Dahir n.º 1-04-22 du 12 hija de 1424 (3 février 2004) portant promulgation de la loi n.º 70-03 portant Code de la Famille, Bulletin Officiel du Royaume du Maroc, 5358, 6 de octubre de 2005, pp. 667-701.
- Marruecos. Dahir n.º 1-59-413 du 28 joumada II 1382 (26 novembre 1962) portant approbation du texte du Code pénal. Bulletin Officiel du Royaume du Maroc, 2640 bis, 5 de junio de 1962. [https://adala.justice.gov.ma/reference/adala\\_v2/fr/4eee65c7-fafc-41cb-a086-bf655eoc6772.pdf](https://adala.justice.gov.ma/reference/adala_v2/fr/4eee65c7-fafc-41cb-a086-bf655eoc6772.pdf)
- El-Madkouri, M. (2018). Marruecos, la reforma constitucional y la estabilidad nacional. In A. N. Warda & D. R. García (Eds.), *La primavera árabe y sus perspectivas regionales e internacionales: Una publicación científica y de análisis político* (pp. 105-125). Diwan Mayrit.
- Esteban de la Rosa, G. (Ed.). (2009). *La Nueva Mudawwana Marroquí: Entre La tradición Y Modernidad: (Traducción Comentada del Código de Familia de 2004)*. Junta de Andalucía, Consejería de Empleo, Dirección General de Coordinación de Políticas Migratorias.
- Fundación IPADE. (2007). *Asociaciones y Organizaciones no gubernamentales en el norte de Marruecos: la articulación de la sociedad civil en las provincias de Tánger, Tetuan, Chefchaouen y Alhucemas*.
- Gershovich, M. (2012). The “New Press” and free speech under Mohammed VI. In B. Maddy-Weitzman & D. Zisenwine (Eds.), *Contemporary Morocco State, Politics and Society under Mohammed VI* (pp. 93–108). Routledge, Taylor & Francis Group.
- Gouyon, M., & Musso, S. (2017). Lutttes contre le sida et lutttes LGBT au Maroc. notes exploratoires sur les Enjeux d’une imbrication. *L'Année Du Maghreb*, 17, 201–217. DOI: 10.4000/anneemaghreb.3261
- Graciet, C., & Laurent, É. (2012). *Le Roi prédateur*. Éditions du Seuil.
- Guerrero, J. (2012). Zanka Flow: rap en árane marroquí. *Romano-Arabica*, 12(1) 125–157.
- Guerrero, J. (2019). El discurso religioso en el rap del sur del Mediterráneo. In L. G. García (Ed.), *Islam y Desposesión. Resignificar la pertenencia* (pp. 165–180). Ediciones del Oriente y del Mediterráneo.
- النشرة الاحصائية -Haut-Commissariat au Plan (HCP). (2020). *النشرة الاحصائية السنوية 2020 – Annuaire Statistique du Maroc 2020*.
- Haut-Commissariat au Plan. (2022, October 5th). *La femme marocaine en chiffres*,

2022. [https://www.hcp.ma/downloads/Femme-marocaine-en-chiffres\\_t18705.html](https://www.hcp.ma/downloads/Femme-marocaine-en-chiffres_t18705.html)
- Hidass, A. (2016). Quand « l'exception » confirme la règle. L'encadrement juridique de la liberté de la presse écrite au Maroc. *L'Année Du Maghreb*, 15 (1), 29–44. DOI: 10.4000/anneemaghreb.2774
- Human Rights Watch. (2018, April 4th). *L'audace face à l'adversité. Activisme en faveur des droits LGBT au Moyen-Orient et en Afrique du Nord*. [https://www.hrw.org/sites/default/files/media\\_2020/07/lgbt\\_mena0418fr\\_web.pdf](https://www.hrw.org/sites/default/files/media_2020/07/lgbt_mena0418fr_web.pdf)
- Lahlou, K., Doghmi, H. & Schneider, F. (2020). The size and development of the shadow economy in Morocco. In *Economics Discussion Papers*. [www.bkam.ma](http://www.bkam.ma)
- Moreno-Almeida, C. (2014). La evolución de las distintas voces del rap en Marruecos: mas allá de la cooptación y la disidencia. *Awraq*, 10, 123-139. <http://www.awraq.es/blob.aspx?idx=5&nId=120&hash=c1aae77d8b69714c501459e4ea1702cf>
- Moustaoui, A. & Kouss, N. (2021). El HIRAK del Rif continuidad de las primaveras, idiosincrasia y prácticas discursivas. In I. Álvarez-Ossorio, I. Barreñada, & L. Mijares (Eds.), *Movilizaciones populares tras las Primaveras Árabes (2011-2021)* (pp. 225–253). Libros de la Catarata.
- Naciri, R. (2015). *Etat de l'égalité et de la parité au Maroc. Préserver et rendre effectifs les finalités et objectifs constitutionnels*. Conseil national des droits de l'Homme (CNDH).
- Nasser-Eddin, N., Abu-Assab, N. & Greatrick, A. (2018). Reconceptualising and contextualising sexual rights in the MENA region: beyond LGBTQI categories. *Gender and Development*, 26(1), 173–189. DOI: 10.1080/13552074.2018.1429101
- Pérez Beltrán, C. (2001). Una aproximación a la sociedad civil de Marruecos. *Miscelánea de Estudios Árabes y Hebraicos. Sección Árabe-Islam*, 50, 231–252.
- Pérez Beltrán, C. (2006). *Sociedad civil, derechos humanos y democracia en Marruecos*. Universidad de Granada.
- Radi, A. (2017). Protest Movements and Social Media: Morocco's February 20. *Africa Development / Afrique et Développement*, 42(2), 31–55. <http://www.jstor.org/stable/90018190>
- Ramírez, Á. & Mijares, L. (2021). Feminismos populares en el Norte de África: las movilizaciones de mujeres y la Primavera Árabe en Marruecos. *Revista de Estudios Internacionales Mediterráneos*, 31, 7–24. DOI: 10.15366/reim2021.31.001
- Reporteros Sin Fronteras. (2022). *Media Ownership Monitor Morocco (MOM)*. <http://maroc.mom-gmr.org/fileadmin/rogmom/output/maroc.mom-gmr.org/maroc.mom-gmr.org-fr.pdf>

- Romeno, M. L., Pérez, R. M. & Pérez, V. F. (2007). *Estudio sociológico y jurídico sobre homosexualidad y mundo islámico*. Colectivo de Lesbianas, Gais, Transexuales y Bisexuales de Madrid (COGAM). <https://www.educatolerancia.com/wp-content/uploads/2016/12/estudio-sociologico-y-juridico-sobre-homosexualidad-y-mundo-islamico.pdf>
- Roque, M. À. (2002). *La sociedad civil en Marruecos. La emergencia de nuevos actores*. Icaria.
- Ruiz-Almodóvar, C. (2005). *El Derecho privado en los países árabes: códigos de estatuto personal*. Universidad de Granada.
- Ruiz-Almodóvar, C. (2006). La evolución del derecho de familia en Marruecos desde la Independencia a nuestros días. In M. K. Torres Calzada (Ed.), *Cincuenta años del Reino de Marruecos: análisis sobre el Marruecos actual* (pp. 19–33). ArCiBel Editores.
- CESE. (2022). *Une approche intégrée pour résorber l'économie informelle AU Maroc*. <https://www.cese.ma/media/2021/12/Avis-economie-informelle-VF.pdf>
- Velasco, R. (2013). Marruecos (2003-2013): entre el cambio y la continuidad. In M. Fernández Rodríguez, D. Bravo & L. Martínez Peñas (Eds.), *Una década de cambios de la guerra de Irak a la evolución de la primavera árabe (2003-2013)* (pp. 111–168). Asociación Veritas para el Estudio de la Historia, el Derecho y de las Instituciones.
- وزارة العدل و الحريات. مديرية الشؤون المدنية. (2015). *حصيلة نشاط قضاء الأسرة لسنة 2015*
- Zaid, B., El Kadoussi, A. E. & Ibahrine, M. (2021). The Moroccan press. Challenges and development. In N. Miladi & N. Mellor (Eds.), *Routledge Handbook on Arab Media* (pp. 221–234). Routledge, Taylor & Francis Group.

**Censura literária, cinematográfica  
e novas formas de manipulação**



# Liberté, égalité, fraternité – un triptyque assimilé par les écrivains allophones

Ana Maria ALVES

[amalves@ipb.pt](mailto:amalves@ipb.pt)

Instituto Politécnico de Bragança

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas – Universidade de Aveiro

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Portugal

## Resumé

Cette devise, qui n'apparaît que dans la Constitution du 4 novembre 1848, découle de celle que l'on peut lire dans la *Déclaration des Droits de l'homme et du citoyen* du 26 août 1789 et, plus tard, dans la Constitution du 3 septembre 1791 où on parle de liberté, d'égalité, de propriété, de sûreté. Ces piliers sont ceux d'une France, aujourd'hui, cosmopolite et incarnation d'un « idéal de vie civilisée » (Todorov, 1996, p. 237), qui attire les intellectuels « passeurs de langue [...] passeurs de frontières » (Delbart, 2005, p. 115) et les installe dans une culture européenne renouvelée.

Notre propos est de présenter les raisons qui ont conduit certains écrivains allophones, tels Kundera, Kristeva, Todorov, à choisir la France, son histoire, sa culture, comme lieu d'accueil ; éventuellement la Suisse pour Kristof ; et la langue française comme leur langue d'expression littéraire.

Ces auteurs, qui ont vécu l'expérience du passage, de l'exil forcé ou volontaire, se sont reconstruit une liberté, celle de penser, de parler, de vivre, d'écrire dans un espace culturel qui leur permet d'enrichir par leur apport la littérature française contemporaine en revitalisant le concept de République des Lettres.

**Mots-clés :** liberté ; exil ; intellectuels ; littérature allophone ; identité.

## Abstract

This motto, which only appears in the Constitution from November 4, 1848, derives from that which can be read in the Declaration of the Rights of Man and of the Citizen from August 26, 1789 and, later, in the Constitution from September 3, 1791 where we speak of freedom, equality, property, security. These pillars are those of the current France, which is cosmopolitan and the incarnation of an "idéal de vie civilisée" (Todorov, 1996, p. 237), attracting intellectuals "passeurs de langue [...] passeurs de frontières" (Delbart, 2005, p. 115) and integrates them in a renewed European culture.

Our purpose is to present the reasons which led certain allophone writers, such as Kundera, Kristeva, Todorov, to choose France, its history, its culture, as a place of welcome, as well as possibly Switzerland for Kristof, and the French language as their language of literary expression.

These authors, who have lived through the experience of passage, of forced or voluntary exile, reconstructed a freedom for themselves, that of thinking, of speaking, of living, of writing in a cultural space which enables them to enrich their contribution to contemporary French literature by revitalizing the concept of the Republic of Letters.

**Keywords:** liberty; exile; intellectuals; allophone literature; identity.

## 1. Introduction

Quiconque découvre qu'il veut avant de mourir prendre part à une conversation civilisée [...] se met au français. (Fumaroli, 2001, p. 21)

Notre étude n'est pas sans subtilement évoquer le film *un Peuple et son roi* de Pierre Schoeller, une fresque historique sur la Révolution française, afin de souligner l'importance des valeurs fondamentales de la démocratie marquée par la devise républicaine – Liberté, Égalité, Fraternité. Ces trois mots qui viennent matérialiser l'imaginaire républicain et évoquent la mort de l'ancien régime, « cette vieille institution [qui] expira sans pouvoir même pousser un soupir » (Tocqueville, 1981, p. 103), aboutit sur la Déclaration, à caractère universaliste, des droits de l'Homme et du Citoyen de 1789. Cette déclaration prône, dans son article premier, que « les hommes naissent et demeurent libres et égaux en droits »<sup>28</sup>, or l'égalité en droits et liberté de tous les citoyens marque la libération des chaînes de l'oppression de l'Ancien Régime. La « liberté, la propriété, la sûreté, et la résistance à l'oppression »<sup>29</sup> sont les valeurs initiales de la République. La notion de liberté, qui permet le débat démocratique, est multiple vu qu'elle contient l'idée d'aller et de venir, d'opinion, d'expression, de conscience. Cette Déclaration, inspirée par les principes de la philosophie des Lumières, présente un deuxième fondement : celui d'égalité qui défend dans l'article 6 que « la loi doit être la même pour tous » (Ibid). Or tous les citoyens doivent être traités de manière identique, c'est-à-dire, sans sanctions par rapport à leur origine sociale, ethnique ou même à leurs croyances religieuses. La fraternité, dernière valeur de la devise, absente de la Déclaration des Droits de l'Homme et du citoyen de 1789, apparaît pour la première fois dans les textes en novembre 1848<sup>30</sup>, puis dans les Constitutions de 1946<sup>31</sup> et 1958<sup>32</sup>. La notion renvoie à la solidarité et à la tolérance et au respect de l'autre.

Les valeurs fondamentales de la République française qui s'expriment dans ce triptyque Liberté, Égalité, Fraternité devise, qui marque les valeurs d'humanité sont recherchées par les écrivains allophones qui viennent s'installer en France et choisissent l'universalité de langue française comme langue d'écriture : « une langue qui se prête à l'accueil de ceux qui n'ont de patrie qu'un monde fait de mots donnés

<sup>28</sup> <https://www.elysee.fr/la-presidence/la-declaration-des-droits-de-l-homme-et-du-citoyen>

<sup>29</sup> <https://www.elysee.fr/la-presidence/la-declaration-des-droits-de-l-homme-et-du-citoyen>

<sup>30</sup> <http://www.textes.justice.gouv.fr/textes-fondamentaux-10086/droits-de-lhomme-et-libertes-fondamentales-10087/declaration-universelle-des-droits-de-lhomme-de-1948-11038.html>

<sup>31</sup> <https://www.elysee.fr/la-presidence/la-constitution-du-27-octobre-1946>

<sup>32</sup> <https://www.elysee.fr/la-presidence/la-constitution-de-la-cinquieme-republique>

en partage » (Brincourt, 1997, p. 13). Comme le précise Anne-Rosine Delbart, ces étrangers sont motivés par « l'attrait d'une culture ressentie comme plus riche, plus libre, plus ouverte à la vie de l'esprit » (Delbart, 2002, p. 171). De plus, ces derniers recherchent, « le plaisir de se baigner dans une civilisation dont la découverte de la littérature associée à l'enseignement de la langue ont piqué, de manière irrémédiable, l'intérêt du candidat au voyage » (*Ibid*).

## 2. Écrivains contemporains d'expression française

Ces étrangers sont « originaires d'Europe centrale, d'Europe de l'Est ou du Proche-Orient ; ils ont choisi de s'exprimer en français ou ont été amené à le faire par des circonstances telles que l'exil » (Brahimi, 2001, p. 23) ou bien « le recours au français relève d'un choix ou d'une situation individuelle singulière » (Douzou, 2003). Comme le souligne Clément Moisan : « c'est en effet dans et par leur écriture que se repère ce caractère propre d'exprimer la situation de l'exil, (...), du déracinement et de l'enracinement, de la mémoire déchirée ou éclatée et de l'identité mise en question » (Moisan, 2008, p. 72).

Partons à la rencontre de ces intellectuels français « venus d'ailleurs » (Delbart, 2005, p. 14) qui « n'appartiennent pas originellement à la langue ou à la culture françaises » (*Ibid*, p. 17), mais qui en sont devenus « des acteurs à part entière » (*Ibid*). Il s'agit, comme le souligne Delbart, d'écrivains « bi-culturels (...) écartelés entre deux patrimoines littéraires », (*Ibid*, p. 30) qui, pour des motifs politiques ou stylistiques, ont choisi la langue de Molière pour écrire leurs œuvres majeures afin de s'adresser « à un public : celui immédiat, qui partage son univers référentiel, et un autre plus éloigné à qui il doit rendre sa culture intelligible » (Gauvin, 2006, p. 50).

Aujourd'hui, notre propos est de découvrir quatre auteurs provenant des pays de l'Est, passeurs de langue qui sont aussi, le plus souvent, des « passeurs de frontières » (Delbart, 2005, p. 115) et dont « la vraie patrie est celle de sa langue d'écriture » (Yannick, Chevrier & Joubert, 2001, p. 4). Ils sont hongrois comme Agota Kristof, tchèque comme Milan Kundera, Bulgares comme Julia Kristeva et Tzvevan Todorov. Ces auteurs ont choisi la langue française pour s'exprimer LIBREMENT.

Commençons par Agota Kristof, née en Hongrie en 1935, à Köszeg, ville dans laquelle elle a grandi, encerclée par la guerre où dominait le régime nazi. En 1956, à l'âge de 21 ans, elle traverse la frontière illégalement, accompagné de son mari qui, pour des raisons politiques, se voit obligé de prendre la fuite pour survivre au totalitarisme communiste, au rideau de fer soviétique. Le couple se réfugie à Valengin, près de Neuchâtel, durant cinq ans. C'est dans cette Suisse romande qu'elle fait ses premiers pas dans l'apprentissage du français, langue dont elle n'avait aucune connaissance comme elle le témoigne d'ailleurs : « C'est ici que commence ma lutte

pour conquérir cette langue, une lutte longue et acharnée qui durera toute ma vie » (Kristof, 2004, p. 21).

Je parle le français depuis plus de trente ans, je l'écris depuis vingt ans, mais je ne le connais toujours pas. Je ne le parle pas sans fautes, et je ne peux l'écrire qu'avec l'aide de dictionnaires fréquemment consultés. (...) C'est pour cette raison que j'appelle la langue française une langue ennemie, elle aussi. (*Ibid*, pp. 23-24)

Ecrire en français était, d'après elle, « le défi d'une analphabète (*Ibid*, p. 54).

Je sais que je n'écrirai jamais le français comme l'écrivent les écrivains français de naissance, mais je l'écrirai comme je le peux, du mieux que je le peux. Cette langue, je ne l'ai pas choisie. Elle m'a été imposée par le sort, par le hasard, par les circonstances. Ecrire en français, j'y suis obligée. C'est un défi. (*Ibid*, p. 55).

Dans un entretien pour le *Magazine littéraire* publié en 2005, Kristof raconte à Aliette Armel que son apprentissage du français a commencé lorsqu'elle a obtenu « une bourse pour suivre des cours de français pour étrangers à l'université de Neuchâtel » (Armel, 2005, p. 92). Plus loin, elle ajoute qu'elle « ne savai[t] ni lire ni écrire en français » soulignant que « au départ, c'était un jeu, pour savoir si c'était possible » (*Ibid*). C'est ainsi qu'elle a « commencé à écrire dans cette langue. (...) Ces petits textes, très disparates – courts, longs, réalistes, surréalistes – sont le résultat de ces essais d'écriture en français : à l'époque [elle] n'y attachai[t] pas beaucoup d'importance » (*Ibid*). Néanmoins, cette nouvelle langue était « en train de tuer [s]a langue maternelle » (Kristof, 2004, p. 24).

Vers 1972, elle écrit une dizaine de pièces de théâtre en français. Elle avoue que depuis cette époque, elle n'« écri[t] plus qu'en français. [Elle] parle toujours le hongrois, mais elle ne l'écrit plus » (Armel, 2005, p. 94). C'est dans son premier roman, *Le grand Cahier*, qui paraît en 1986, qu'elle raconte, sous une écriture fiévreuse de l'exil, son enfance dévastée, brisée par la guerre. A ce texte suivront les deux autres volumes de la trilogie – *La Preuve* en 1988 et *Le troisième Mensonge* en 1991. *L'analphabète* et *C'est égal*, ces livres les plus récents, sont des recueils composés de textes à caractère autobiographique retrouvés avec des récits qui racontent l'apprentissage solitaire d'une langue étrangère, le déracinement, l'arrachement à la terre natale, la séparation. C'est d'ailleurs dans un entretien, qu'elle nous fait part de son identité morcelée, de sa condition inquiétante, troublante d'exilée lorsqu'elle avoue : « je regrette un peu d'être partie, j'ai l'impression que je n'appartiens désormais à aucun peuple. Je ne suis ni Hongroise, ni Suisse, ni Française » (Koven, 1992, p. 90).

À son tour, Kundera, représentant de la résistance intellectuelle tchèque qui se positionne contre le système totalitaire, se voit contraint à l'exil « vu qu'il se retrouve banni de l'univers littéraire, interdit de publication depuis le Printemps de Prague, et donc censuré. Il décide alors de prendre le chemin de l'exil en s'établissant en France » (Alves, 2017, p. 3), pays « sophistiqué, surcultivé » (Kundera, 1995, p. 96). Dans un article publié en 1994 dans la *Revue des Deux Mondes*, Kundera fait part de son amour pour la culture française :

C'était juste après la guerre ; ce qui signifie que l'amour de la France a plus ou moins facilement survécu au choc de Munich. Comment a-t-il pu y survivre ? Parce que l'amour de la France ne résidait jamais dans une admiration des hommes d'État français, jamais dans une identification à la politique française ; il résidait exclusivement dans la passion pour la culture de la France : pour sa pensée, pour sa littérature, pour son art. (Kundera, 1994, p. 44)

En adoptant le français comme langue d'écriture, Kundera, souhaite signifier la rupture avec un pays dont il déteste le régime en place.

Persona non grata, j'ai quitté un jour Prague et me suis rendu en France, prêt à y vivre la tristesse d'un exil. Au lieu de cela, j'ai trouvé un pays qui m'a rendu heureux. La Bohème, c'est ce qui m'a été destiné : mes racines, ma formation. La France c'est ce que j'ai choisi : c'est ma liberté, c'est mon amour [...] ; mais la vie est courte et j'ai préféré ma liberté à mes racines [...] La langue tchèque m'appelle : reviens à la maison, voyou ! Mais je n'obéis pas. Je veux rester encore avec la langue dont je suis éperdument amoureux. (Kundera, 1997, p. 44).

Le choix de cette langue permet d'écrire en toute liberté dans ce pays où la Déclaration des droits de l'homme continue à attirer grand nombre d'écrivains.

À l'instar de Kundera, « l'esprit de rigueur » (Kristeva, 2000, p. 70) de la Bulgare Julia Kristeva, se laisse séduire, d'une part, par la France fidèle aux principes démocratiques inscrits dans la devise républicaine Liberté, égalité, fraternité, et, d'autre part, par « la clarté logique du français, l'impeccable précision du vocabulaire, la netteté de la grammaire » (*Ibid*). L'auteure affirme « aime[r] la frappe latine du concept, l'obligation de choisir pour tracer la chute classique de l'argument, et cette impossibilité de tergiverser dans le jugement qui se révèle, en français, plus politique en définitive que moral » (*Ibid*). La patrie des droits de l'homme lui permet d'écrire et de se racheter d'avoir « abandonné les sombres dorures des icônes byzantines » (*Ibid*). Le fait de s'être éloignée des « lourdeurs rocailleuses de [s]on slavons natal » (*Ibid*) lui procure la possibilité de « traduire en français maints conflits, forcément identitaires, [...] des personnes et des nations désormais en cours partout dans le

monde, et d'en rire en français. Car écrire en français est immanquablement une façon de rire (Ibid, p. 63) [...] Écrire en français serait donc traduire la souffrance en gout de vivre. (Ibid, p. 64). Tout comme Kundera, elle entend s'affranchir de l'interdit. D'après l'auteure « s'arracher à sa famille, à sa langue, à son pays, pour venir se poser ailleurs, est une audace [...] : plus d'interdit, tout est possible » (Kristeva, 1988, p. 47).

Kristeva explique le 15 juin 2010, lors d'un discours prononcé à l'occasion du départ à la retraite et de son passage à l'Émirat que :

nulle part on n'est *plus étranger* qu'en France, système cloisonné, mais aussi nulle part on n'est *mieux étranger* qu'en France à cause de ce débat qui permet cette conception de la liberté de se propager et à travers nous, peut-être, par la pluralité des langues de se répandre sur les autres continents . (Kristeva, 2010, *online*)

L'auteure présente deux raisons qui expliquent ce raisonnement, qu'elle avait d'ailleurs déjà exposé en 1988 dans *Étranger à nous-mêmes*, que « nulle part on n'est *plus étranger* qu'en France, (...) mais nulle part on n'est *mieux étranger* qu'en France » (Kristeva, 1988, pp. 57-59). D'une part, dit-elle, dans son discours « parce que [s]on exclusion interne [l]'a conduite à l'étranger » et d'autre part « parce que [s]a position d'*inclusion externe* » (Kristeva, 2010) lui a permis « de rencontrer des personnes- des singularités - dont les parcours biographiques, si différents du [s]ien, n'ont cessé de [l]'accompagner » (*Ibid*).

Dans un entretien avec Alexandre Lévy intitulé *Un exil bulgare*, Kristeva affirme cependant que « l'identité française est une identité très forte » (Kristeva, 1997, p. 113) et elle ajoute que « le Français rejette sournoisement (...) l'intru, par le biais du langage » (*Ibid*). Elle est convaincue que les Français « nous font comprendre que nous sommes des intrus » et qu'il s'agit « d'un phénomène de rejet subtil mais de rejet quand même » (*Ibid*). Malgré cette « douce xénophobie » (Alves, 2016, p. 5), elle maintient « la seconde partie de [s]a phrase : on est nulle part mieux étrangers qu'en France; la raison en est la clarté du discours français » (*Ibid*). Un discours qu'elle a appris à élaborer « relativement tôt » (*Ibid*), une langue qui est devenue, comme elle le témoigne dans un entretien pour le magazine *Télérama* du 25 janvier 1997, un « abri d'exilée » (Gazier, Laval & Bouchez, 1997, p. 40) et qui lui a donc permis de ne pas se sentir « vraiment étrangère en France » (Kristeva, 1997, p. 113). Dans son essai *Étranger à nous-mêmes*, elle propose même une relecture de la Déclaration des droits de l'homme qui aurait l'objectif de revoir la notion d'*étranger*. Cette révision aurait donc pour but de « propager une conception de la dignité humaine arrachée à l'euphorie des humanistes classiques et chargée des aliénations, drames et impasses de notre condition d'êtres parlants » (Kristeva, 1989, p. 229). Elle ajoute à cette observation que « les tendances particularistes (...) sont inhérentes à la dignité

humaine si l'on admet que cette dignité inclut l'étrangeté (*Ibid*). À ce propos, elle est encore convaincue que :

Dans le Kaléidoscope que devient la France (...) les différences entre autochtones et immigrés ne seront jamais aussi tranchées qu'auparavant. Le pouvoir d'homogénéité de la civilisation française, qui a su recevoir et unifier pendant des siècles des influences et des ethnies diverses, a fait ses preuves classiques. Or la France est en train d'accueillir aujourd'hui des arrivants qui ne renoncent pas à leurs particularités (*Ibid*, p. 288).

Selon l'auteure, « une évolution des mentalités s'impose pour favoriser la meilleure harmonie d'une telle polyvalence. Peut-être s'agit-il d'étendre, en définitive, à la notion d'étranger le droit au respect de notre propre étrangeté et, en somme, du privé, qui garantit la liberté des démocraties ? (*Ibid*, p. 289). Kristeva envisage comme solution « un statut de double nationalité qui donnerait aux étrangers (...) certains droits, mais aussi les devoirs politiques propres aux nationaux, avec une clause de réciprocité » (*Ibid*). L'auteure qui fait partie intégrante de cette communauté dans laquelle « chacun est destiné à rester le même et l'autre (*Ibid*, p. 288) » se présente d'ailleurs comme « une citoyenne européenne, de nationalité française, d'origine bulgare, et d'adoption américaine, [...] nomade » (Kristeva, 2004, online), et encore « cosmopolite, à cheval sur plusieurs langues et cultures » (Kristeva, 1997, p. 112) marquée, de la sorte, par une « identité [qui] se doit à sa propre traversée des frontières » (Alves, 2021, p. 21).

Tzvetan Todorov, qui a choisi la France, « incarnation de cet idéal de vie civilisé » (Todorov, 1996, p. 237) de manière « circonstanciel, ni politique, ni économique » (*Ibid*, p. 13) arrive en France en 1963 « en toute légalité, à la fin de [s]es études supérieures, pour y passer une année à parfaire [s]on éducation ; puis le provisoire est devenu définitif » (*Ibid*, p. 13). Après ses études de philologie à l'Université de Sofia, ce jeune étudiant bulgare quitte sa terre natale où la violence extrême d'un régime totalitaire étouffe son esprit, raison pour laquelle il emprunte le chemin de l'étranger et se transforme en « véritable immigrant » pour devenir finalement « citoyen français » (Todorov, 2002, p. 158) en 1973. Todorov, la France s'avère « un pays parmi d'autres, libre du mal qu'[il a] connu ailleurs (...) ; mais c'est maintenant le [s]ien » (Todorov, 1996, p. 237). L'auteur a intégré « la voix bulgare (étrangère !) dans le cadre français, non le contraire : le lieu de [s]on identité présente est Paris, non Sofia » (*Ibid*, p. 21). La langue française est devenue sa langue littéraire, c'est pourquoi il s'inscrit également parmi ceux qui possèdent « non pas une mais plusieurs identités culturelles » (Todorov, 2008, p. 85). Cette acculturation, qui entraîne au bilinguisme, est, d'après lui, possible pour « tous les êtres humains » (Todorov, 1996, p. 22). Cependant, il a conscience que cette acculturation peut provoquer une perte

d'authenticité comme il le précise d'ailleurs : « Ma double appartenance ne produisait qu'un résultat : à mes yeux mêmes, elle frappait d'inauthenticité chacun de mes deux discours, puisque chacun ne pouvait correspondre qu'à la moitié de mon être, or j'étais bien double » (*Ibid*, p. 17). Dans son cas précis, et comme il l'avoue dans *L'homme dépaycé* : « sa deuxième langue s'était installée à la place de la première sans heurt, sans violence, au fil des années » (*Ibid*, p. 14). Il est ainsi poussé vers une transculturation qu'il définit comme étant « l'acquisition d'un nouveau code sans que l'ancien soit perdu pour autant » (*Ibid*, p. 23). Todorov se décrit comme « porteur de plusieurs cultures [ni] tout à fait bulgare [ni] complètement (...) Français » (Todorov, 2002, p. 204). En quelque sorte, il considère que tous les individus sont « hybrides » (*Ibid*). Todorov pense que ce « n'est qu'aux yeux d'une culture autre que la culture étrangère se révèle de façon plus complète et plus profonde » (Todorov, 1991, p. 26). Toutefois, il a « dû [s]e rendre à l'évidence » (Todorov, 1996, p. 23) et assumer avec « sagesse » (Todorov, 1989, p. 453) qu'il ne serait « jamais un Français tout à fait comme les autres » (Todorov, 1996, p. 23). Dans *Nous et les autres*, un « essai moral et politique » (Todorov, 1989, p. 14), il reprend les textes les plus canoniques de la littérature française pour interroger le parcours polysémique de la notion d'étranger chez plusieurs auteurs. Tout au long de cette réflexion, il insiste sur cette idée de sagesse qui :

n'est ni héréditaire ni contagieuse: on y parvient plus ou moins, mais toujours et seulement seul(e), non du fait d'appartenir à un groupe ou à un État. Le meilleur régime du monde n'est jamais que le moins mauvais, et, même si l'on y vit, tout reste encore à faire. Apprendre à vivre avec les autres fait partie de cette sagesse-là. (Todorov, 1989, p. 453)

### 3. Conclusion

*In fine*, et pour renvoyer aux dires de Todorov, nous pouvons affirmer que c'est aussi par la main de ces « êtres croisés » (Todorov, 1996, p. 23), ces écrivains frontaliers, allophones que « la littérature peut beaucoup » (Todorov, 2007, p. 72), revitalisant à l'échelle internationale le concept de République des Lettres et renouvelant cette communauté littéraire dans une France « sophistiqué, surcultivé » (Kundera, 1995, p. 96) où le français est roi. Nonobstant cette régénération, Véronique Porra signale que ces écrivains persistent à être perçus comme acteurs d'une littérature périphérique, marginale, « invitée, à laquelle on sait à l'occasion rappeler que l'hospitalité relève aussi d'un code social aux règles strictes » (Porra, 2001, p. 308-309). A l'instar de Porra, Pascale Casanova dans *La République des Lettres*, « sorte d'arme critique au service de tous les excentriques » (Casanova, 1999, p. 479), met en garde ces écrivains « périphériques, démunis, dominés » face aux «

arrogances, [aux] impositions et [aux] diktats de la critique centrale qui ignore tout de la réalité de l'inégalité d'accès à l'univers littéraire » (*Ibid*). Univers qui a néanmoins été peuplé d'emblée par toute une génération d'écrivains cités plus haut et bien d'autres que nous n'avons pas pu nommer ici, tels Semprun, Alexakis, Makine, Maalouf, Huston, qui ont élu la langue française comme langue d'écriture littéraire. Si le français a été le choix de ces auteurs, ce fait est dû, en partie, à son prestige universel, à sa tradition qui, d'après Pascale Casanova, « raffine, modifie, élargit à chaque génération littéraire la gamme des possibilités formelles et esthétiques de la langue » (*Ibid*, p. 39).

Alors que Kristof n'hésite pas à affirmer que l'apprentissage de la langue française n'a été qu'un jeu de hasard, pour Kundera, Todorov, Kristeva la langue se présente comme libératrice et porteuse de l'universalité de l'esprit français. Esprit auquel ils se sentent définitivement attachés puisque c'est à partir de ce dernier qu'ils « ressuscitent dans les battements d'un français greffé » (Kristeva, 1995, p. 47). Imprégnés des valeurs républicaines, ils intègrent *La République des Lettres Françaises*.

## Bibliographie

- Alves, A. M. (2016). Semprun et ses langues – Outils de survie, de mémoire face à l'exil. Plurilinguisme et migrations dans la littérature de langue française. *Carnets : revue électronique d'études françaises*, 2(7), 1-7. En ligne : <https://carnets.revues.org/1054>
- Alves, A. M. (2017). Pour une définition de l'exil d'après Milan Kundera : La nostalgie ou l'ambiguïté de la mémoire d'un réfugié. Pratiques de l'errance, vécus de la mémoire. *Carnets : revue électronique d'études françaises*, 2(10), 1-8. En ligne : <https://carnets.revues.org/2249>
- Alves, A. M. (2022). L'Europe vue par Julia Kristeva. *Synergies Europe*, 16, 11–30. En ligne : <http://gerflint.fr/Base/Europe16/alves.pdf>
- Armel, A. (2005). Exercice de nihilisme : entretien avec Agota Kristof. *Magazine littéraire*, 439, 92-97.
- Brahimi, D. (2001). *Langues et littératures francophones*. Ellipses Edition.
- Brincourt, A. (1997). *Langue française, terre d'accueil*. Le Rocher.
- Casanova, P. (1999). *La République mondiale des Lettres*. Seuil.
- Delbart, A. R. (2002). Être bilingue et écrivain français : les motivations du choix d'une langue d'écriture. *Bulletin VALS-ASLA (Association suisse de linguistique appliquée)* 76, 161-178.
- Delbart, A. R. (2005). *Les exilés du langage. Un siècle d'écrivains français venus*

- d'ailleurs (1919-2000). Pulim.
- Douzou, C. (2013). La « légion étrangère » du roman français de la décennie. In Blackeman, B. & Havercroft, B. (Eds.), *Narrations d'un nouveau siècle. Romans et récits français (2001-2010)* (pp. 105-115). Presses Sorbonne nouvelle. En ligne : <https://books.openedition.org/psn/475#authors>
- Fumarol, M.(2001). *Quand l'Europe parlait français*. Éditions de Fallois.
- Gasquy-Resch, Y., Chevrier, J & Joubert, J. (2001). *Ecrivains francophones du XX<sup>ème</sup> siècle*. Ellipses.
- Gazier, M., Laval, M & Bouchez, E. (1997). Ces étrangers qui écrivent en français. *Télérama*, 2454, 40-44.
- Kristof, A. (2004). *L'Analphabète*. ZOE.
- Koven, R. (1992). Le mensonge d'Agota Kristof. *La Bel France*, pp. 156-157.
- Kundera, M. (1994). Ma passion pour la culture de la France. *Revue des deux mondes*, 43-45. En ligne : <https://www.revuedesdeuxmondes.fr/passion-culture-de-france/>
- Kundera, M. (1995). *La lenteur*. Gallimard.
- Kundera, M. (1997). Français dans le texte, *Télérama*, 2454, 42-45.
- Kristeva, J. (1988). *Étrangers à nous-mêmes*. Fayard.
- Kristeva, J. (1995). Bulgarie, ma souffrance. *L'Infini*, 51, 42-52.
- Kristeva, J. & Lévy, A. (1997). Un exil Bulgare. Un entretien avec Julia Kristeva. *Hommes et Migrations, Migrants, réfugiés, Tsiganes, d'Est en Ouest*, 1205, 110-114. En ligne : [https://www.persee.fr/doc/homig\\_1142-852x\\_1997\\_num\\_1205\\_1\\_2899](https://www.persee.fr/doc/homig_1142-852x_1997_num_1205_1_2899)
- Kristeva, J. (2016). *Je me voyage : Mémoires*. Fayard.
- Kristeva, J. (2010). Étrangère au semblant. *Cahiers Bernard Lazare*, 320. En ligne : <http://www.kristeva.fr/etrangere-au-semblant.html>
- Kristeva, J. (2000). E comme écrire en français. In B. Cerquiglini et al. (Éds.), *Tu parles!? Le français dans tous ses états* (pp. 63-73). Flammarion.
- Kristeva, J. (2004). *Prix Holberg*. Bergen. En ligne : <http://www.kristeva.fr/holberg.html>
- Moisan, C. (2008). Pour une poétique historique de l'écriture migrante. In D. Dumont. & F. Zipfel (Eds), *Écriture Migrante/Migrant Writing* (pp. 69-77). Georg Olms Verlag.
- Porra, V. (2001). Les convertis de la francophonie : entre création artistique, stratégies et contraintes. In J. P. Castellani, M. R. Chiapparo & D. Leuwers (Eds), *La langue de l'autre ou la double identité de l'écriture* (pp. 297-311). Publications de l'Université François Rabelais.
- Todorov, T. (1991). *Les morales de l'histoire*. Grasset.
- Todorov, T. (1996). *L'homme dépaycé*. Seuil.
- Todorov, T. (2002). *Devoirs et délices. Une vie de passeur*. Seuil.

Todorov, T. (2007). *La Littérature en Péril*. Flammarion.

Todorov, T. (2008). *La Peur des barbares*. Robert Laffont.

Tocqueville, A. (1981). *L'Ancien Régime et la révolution, Œuvres complètes*, t. II. Gallimard.







# La cultura mediterránea como elemento motivacional y transmisor de valores humanísticos en clase de ELE

**Eduardo ESPAÑA PALOP**

*Eduardo.espana@uv.es*

*Universitat de València*

*España*

## Resumen

Las clases de español como lengua extranjera muchas veces llevan aparejado un componente cultural. Este elemento cultural intenta adentrar a los alumnos en la idiosincrasia de la sociedad en la que se desarrolla la lengua que se está aprendiendo. En este texto vamos a defender la importancia de enseñar la cultura mediterránea a nuestros estudiantes. Pasando por la gastronomía, las estructuras familiares o la forma de relacionarse, queremos conseguir un doble objetivo: por un lado, motivar a nuestros aprendientes y por otro, transmitirles una serie de valores que esta cultura lleva aparejada. La cultura mediterránea siempre se ha caracterizado por defender valores atemporales que hoy en día tienen más relevancia que nunca: el consumo de productos de km.0, la empatía con el otro, la vida en comunidad, el respeto por la naturaleza... A través de distintas actividades llevadas a cabo en nuestro curso de español como lengua extranjera, intentamos que nuestros alumnos tengan una motivación de aprendizaje por la lengua más allá del componente utilitario y, además, pretendemos que ahonden y reflexionen sobre los distintos valores que rigen este estilo de vida. A lo largo del texto, presentaremos diversas actividades realizadas con nuestros alumnos que les sirvieron para conocer mejor las características de la forma de vida del mediterráneo español.

**Palabras clave:** español para extranjeros; cultura; sociedades mediterráneas; valores humanísticos.

## Abstract

Spanish classes as a foreign language often have a cultural component attached. This cultural element tries to introduce students to the idiosyncrasies of the learned language society. In this text we are going to defend the importance of teaching the Mediterranean culture to our students. Going through gastronomy, family structures or the social relationships, we want to achieve a double objective: on the one hand, to motivate our learners and, on the other, to transmit a series of values that this culture implies. The Mediterranean culture has always been characterized by defending timeless values that today are more relevant than ever: the consumption of km.0 products, empathy with the other, community life, respect for nature... Through different activities carried out in our Spanish as a foreign language course, we try to ensure that our students have a motivation to learn the language beyond the utilitarian component and, in addition, we intend they delve into and think about this lifestyle values. Throughout the text, we will present various activities carried out with our students that helped them to better understand the Spanish Mediterranean way of life characteristics.

**Keywords:** Spanish for foreigners; culture; Mediterranean societies; humanistic values.

## 1. Introducción

Ya a finales del siglo XX, Scheideker y Freeman (1999) postulaban que la motivación de los estudiantes era el gran reto con el que se iban a enfrentar los profesores del S. XXI. Nunca en la historia de la humanidad, los alumnos han tenido tantos recursos al alcance de la mano como hoy en día y, aun así, no es fácil muchas veces implicarlos en el aprendizaje. La motivación se suele dividir entre motivación integrativa e instrumental (Minera, 2009). La motivación integrativa está relacionada con aspectos emocionales, culturales, afectivos, etc. Y la motivación instrumental está en relación con aspectos más prácticos.

En el ámbito concreto de la enseñanza de lenguas, fenómenos como la cada vez mayor universalización de recursos educativos, la globalización y la internalización del mundo laboral han hecho que el número de estudiantes no haya dejado de aumentar año tras año. Unido a este incremento general del alumnado, también se ha venido observando que cada vez hay más estudiantes con motivaciones instrumentales, pues en esta sociedad globalizada y multicultural en la que vivimos, es cada vez más necesario para el desarrollo laboral dominar una o varias lenguas extranjeras. (De la Morena, Sánchez & Fernández, 2011).

Esta motivación instrumental en el estudio de lenguas conlleva que los estudiantes vean el aprendizaje como algo meramente utilitario y no estén interesados en la cultura y valores que sustentan esas lenguas. Asimismo, las nuevas tecnologías hacen que cada vez se puedan estudiar las lenguas de forma más descontextualizada y atomizada. Esto es un fallo, no solo desde el punto de vista humanístico, sino también desde el punto de vista lingüístico, pues como señalaba Brown (1989), no se puede desligar el aprender una lengua de aprender su cultura:

Aprender una lengua extranjera siempre implica hasta cierto punto aprender una segunda cultura, incluso si nunca se pisa el país donde se habla. La lengua y la cultura están íntimamente relacionadas (...) Y, además, todo el mundo utiliza el idioma para expresar esa cultura, para moverse dentro de una tradición y categorizar el universo. Así que si te propones comunicarte –verbalmente o por escrito– en un idioma, necesitas entender la cultura de la que surge el mismo. (p. 65)

En esta misma línea, conviene también resaltar que los valores humanistas implícitos en las tradiciones culturales no solo deben ser transmitidos por su utilidad para dominar esa lengua, sino que deben ser considerados también como un fin en sí mismos. Como profesores, debemos aportar a nuestros estudiantes todos los elementos posibles para que se conviertan en individuos críticos y comprometidos con la sociedad. Y esto no es posible si se dejan de lado los valores culturales asociados a las lenguas meta.

Esta labor de transmisión de valores humanistas se puede llevar a cabo de innumerables maneras, tanto dentro como fuera del aula. En este trabajo, las actividades planteadas se podrían enmarcar dentro del ámbito de trabajo de las Geografías literarias, aunque en esta ocasión la literatura se trabaja de forma más tangencial para ceder el centro del aprendizaje a los valores y tradiciones mediterráneas. La finalidad última del trabajo con las Geografías literarias es transmitir el patrimonio cultural de los pueblos, entendido este como lo proclama la UNESCO (1982):

El patrimonio cultural de un pueblo comprende las obras de sus artistas, arquitectos, músicos, escritores y sabios, así como las creaciones anónimas, surgidas del alma popular, y el conjunto de valores que dan un sentido a la vida. Es decir, las obras materiales y no materiales que expresan la creatividad de ese pueblo: la lengua, los ritos, las creencias, los lugares y monumentos históricos, la literatura, las obras de arte y los archivos y bibliotecas. (p. 31)

Este trabajo dentro del ámbito de las Geografías Literarias se materializa mediante el concepto de rutas fuera del aula. Estas rutas, tal como señala Bataller (2014), dan al alumnado la oportunidad de estar en contacto con la realidad para descubrirla de primera mano. Asimismo, estas rutas, para ser efectivas, deben plantearse siguiendo las fases del método científico: formulación de hipótesis (antes), comprobación mediante la experimentación (durante) y elaboración de conclusiones (después).

## **2. Objetivos**

El objetivo principal de la propuesta que presentamos fue dar a conocer el territorio natural circundante a la ciudad de Valencia, y sus tradiciones, a estudiantes extranjeros. Esta acción perseguía motivar a estos estudiantes en su aprendizaje del español e integrarlos en la cultura mediterránea y sus valores durante su estancia. Este objetivo principal, se subdividió en los siguientes objetivos específicos:

- Conocer el lago de la Albufera, su flora y fauna autóctonas y los métodos tradicionales de pesca.
- Conocer el estilo de vida tradicional de los agricultores valencianos.
- Conocer la huerta valenciana y sus principales cultivos.
- Realizar un acercamiento lingüístico a la cultura a través de palabras y expresiones típicas de la gastronomía y el estilo de vida.

### 3. Actividad

A lo largo de las siguientes secciones se van a presentar las diferentes fases que compusieron la ruta cultural que se llevó a cabo con los estudiantes.

#### 3.1. Pre-actividad o contextualización

En esta parte previa de la ruta, la intención fue avanzar a los estudiantes la realidad social y cultural que iban a conocer de primera mano en su ruta por la Albufera y l'Horta. Asimismo, también se pretendió establecer las bases para que iniciaran el proceso de reflexión sobre el peligro de desaparición del territorio y la cultura que van ligadas a este itinerario que iban a realizar. También, como colofón, se inició con ellos una reflexión en torno a la importancia de la lengua catalana aquí en Valencia y se les planteó una primera actividad introductoria relacionada con el descubrimiento de significados de frases hechas.

En primer lugar, se dispuso a los alumnos en círculo en el aula con el proyector de fondo. Lo primero fue preguntarles si conocían o habían estado ya en la Albufera o en l'Horta. Ninguno de ellos había estado, pero sí que algunos habían leído u oído hablar de la Albufera. Al preguntarles qué es lo que sabían de la Albufera, contestaron que era un lago cerca de la ciudad en el que se podían dar paseos en barca y ver los atardeceres. Es decir, una visión totalmente turística.

A continuación, se proyectaron dos imágenes de la Albufera y l'Horta. Una de ellas es una imagen actual en color de l'Horta y la otra es una imagen de principios de siglo XX de la Albufera. La elección de estas imágenes no es azarosa. En ambas se pueden ver casas junto a un paraje natural. Esa es la idea que se les intentó transmitir a los alumnos, la de que iban a visitar parajes naturales en los que se ha desarrollado una forma de vida concreta y, por tanto, una cultura autóctona. Del mismo modo, que ambas fotos sean de tiempos distintos tampoco es aleatorio. Con estas fotos se intentó comenzar la reflexión sobre la pérdida de la forma de vida y las tradiciones en los territorios rurales de alrededor de Valencia. L'Horta cada vez va menguando más y está en peligro, aunque todavía sobrevive como espacio y cultura. Mientras que la Albufera ha quedado reducida a una expresión mínima de lo que era y su estilo de vida tradicional ha quedado reducido a mero simbolismo. Se podría decir que se ha convertido en una nueva Venecia.

Las imágenes son las siguientes:



Imagen 1: Horta de Valencia (fuente: Diputación de Valencia)



Imagen 2: El Palmar (fuente: Museo Valenciano de Etnología)

Una vez proyectadas las imágenes, se les preguntó a los alumnos qué les transmitían y qué creían que representaban. Cuando se llegó a una serie de ideas comunes que sirvieron para situar mentalmente la idea de ambos territorios, se les proyectaron los siguientes textos:

Como todas las tardes, la barca-correo anunció su llegada al Palmar con varios toques de bocina. El barquero, un hombrecillo enjuto, con una oreja amputada, iba de puerta en puerta recibiendo encargos para Valencia, y al llegar a los espacios abiertos en la única calle del pueblo, sonaba de nuevo su bocina para avisar su presencia a las barracas desparramadas en el borde del canal. Una nube de chicuelos casi desnudos seguía al barquero con cierta admiración. Les infundía respeto el hombre que cruzaba la Albufera cuatro veces al día, llevándose a Valencia la mejor pesca del lago y trayendo de allá los mil objetos de una ciudad misteriosa y fantástica para aquellos chiquitines criados en una isla de cañas y barro. (Vicente Blasco Ibáñez, *Cañas y barro*, 2008 (1902), p. 7)

Cuando vivía en Valencia iba de vez en cuando a la playa con el tren eléctrico que salía de la estación del Pont de Fusta. Cruzaba toda la huerta, que en aquel momento ya empezaba a ser mordida por el cemento. Desde entonces, a la huerta de Valencia, destruida y resistente, pura en el recuerdo y corrompida por la especulación, la llevo como un paradigma mental, la última línea de combate. (Manuel Vicent, *Veus per l'Horta*, 2014, p. 23)

Con estos textos se reflexionó sobre la importancia que ha tenido durante el s. XX la Albufera y l'Horta en Valencia. Con el primer texto de Blasco Ibáñez se mostraron varias de las características de la Albufera: que en un principio ocupaba una extensión mucho más grande que la actual (se podía ir en barca desde la Albufera a Valencia). Que era una comunidad que vivía, no al lado del lago, sino en el lago mismo (los encargos los recibía el hombre cuando iba de puerta en puerta con la barca-correo a lo largo de la isla de cañas y barro). Y que era un paraje natural con una flora y fauna abundante (el lago abastecía de pesca a la ciudad de Valencia).

Con el segundo texto de Manuel Vicent, también se reflexionó sobre la pérdida de espacio que ha sufrido l'Horta durante el final del s. XX y principios del s. XXI. Este segundo texto, a pesar de ser más parco en información que el primero, resultó más impactante para los estudiantes. Todos los estudiantes conocían la estación de tranvía de Pont de Fusta, que se conserva en el mismo lugar en la actualidad. Esta estación está pegada al centro de la ciudad y, ni mucho menos, se puede considerar que hoy en día está cerca de l'Horta. Este hecho hizo muy visible a todos los estudiantes como la ciudad se ha ido comiendo las huertas circundantes. A partir de ahí, también se les mostró lo cerca que está la estación de Pont de Fusta del mercado central y como este hecho era muy conveniente para los agricultores para traer su fruta y verdura que abastecía a la ciudad.

A partir del diálogo establecido tomando como base las imágenes y los textos, se les lanzó las siguientes preguntas a los alumnos:

- ¿Qué es la albufera? ¿Qué es l'Horta o la huerta de Valencia?
- ¿Qué extensión tenían antaño y qué extensión ocupan en la actualidad?
- ¿Qué importancia económica han tenido, y tienen, para la Comunidad Valenciana?

Con estas preguntas se establecieron los datos básicos que nos interesaba que los estudiantes conocieran antes de realizar la ruta:

- ¿Qué es la albufera?

El parque natural de l'Albufera es un humedal costero que se encuentra situado a 10 kilómetros de la ciudad de Valencia. Este parque engloba los municipios de Valencia, Alfafar, Sedaví, Massanassa, Catarroja, Albal, Beniparrell, Silla, Sollana, Sueca, Cullera, Albalat de la Ribera y Algemesí. L'Albufera fue declarada Parc Natural en 1986, y desde 1989 está reconocida como «Humedal de importancia Internacional».

- ¿Qué es l'Horta o la huerta de Valencia?

L'Horta es el conjunto de campos de cultivo que rodea a la ciudad de Valencia y que toman el agua para su riego de las acequias procedentes del río Turia: Reial de Montcada, Favara, Quart, Benàger-Faitanar, Mislata-Xirivella, Tormos, Rascanya, Mestalla i Rovella.

- ¿Qué extensión tenían antaño y qué extensión ocupan en la actualidad?

La Albufera tenía antiguamente una extensión sobre las 30.000 hectáreas (1 hectárea: 10.000m<sup>2</sup>). Actualmente su extensión está sobre las 3000 hectáreas.

L'Horta tiene actualmente unas 7000 hectáreas de huerta tradicional. Según diversos estudios, por ejemplo, Miralles (2006), se calcula que hasta 1960 el área cultivada era de más del doble.

- ¿Qué importancia económica han tenido, y tienen, para la Comunidad Valenciana?

La albufera tiene hoy en día una importancia turística, sobre todo. Como zona de cultivo de arroz y de pesca, su importancia desde mediados del siglo pasado ha ido disminuyendo; pasando la pesca a ser una actividad meramente simbólica y viendo el cultivo del arroz muy mermada su extensión.

En l'Horta, la agricultura todavía se mantiene como motor económico de muchas familias. Sin embargo, la presión urbanística proveniente de la ciudad, la no renovación generacional de los agricultores mayores y la poca o nula rentabilidad que arrastra la agricultura de minifundio provocan que cada vez sea menor la presencia de sus frutas y verduras en los mercados y tiendas de Valencia.



y que eso nos daba una oportunidad única para entrar en contacto real con esta lengua, más allá de carteles en las paredes de la ciudad.

### **3.2. Ruta cultural**

Para la actividad se quedó con los alumnos en la puerta de la universidad y desde allí nos recogió un autobús para llevarnos en primera estancia al Palmar. Durante el viaje de ida al Palmar (unos 20 minutos) a los alumnos se les recordó los datos fundamentales de la Albufera, se les introdujo información básica sobre el pueblo del Palmar y se les presentó a Rafael, pescador, agricultor y barquero que ha vivido toda su vida en ese pueblo.

El Palmar es un pequeño pueblo de menos de mil habitantes situado en el corazón de la Albufera que tradicionalmente ha vivido de la agricultura del arroz y de la pesca que le abastecía el lago de la Albufera. En este pueblo se juntan varias de las tradiciones culturales más significativas relacionadas con la vida en la albufera (como el cultivo tradicional y minifundista del arroz, la cofradía de pescadores y su sistema de sorteo de puestos, ect.). Sin embargo, hoy en día el Palmar vive casi exclusivamente del turismo: el pueblo está lleno de restaurantes que ofrecen menús tradicionales valencianos y hay multitud de opciones para dar paseos en barca por la Albufera.

Rafael, nuestro guía en el Palmar, tiene 86 años, ha vivido toda su vida en este pueblo y sigue cultivando arroz, pertenece a la cofradía de pescadores y todos los años tiene puestos de pesca adjudicados. Además, posee, junto a su hijo, dos barcas con las que ofrece paseos turísticos por el lago.

Una vez llegamos a la Albufera, empezamos con Rafael la visita al pueblo. El objetivo de esta visita es conocer los lugares más característicos del Palmar y que Rafael explique cómo ha ido cambiando el pueblo desde su infancia a nuestros días. Los puntos en los que paramos para realizar visitas con explicaciones de Rafael son: la iglesia parroquial del Niño Jesús del Huerto, el embarcadero, la comunidad de pescadores y la última barraca auténtica que queda dentro del Palmar, la Barraca del “tío Aranda”. Lo importante de esta visita no es tener una información turística o enciclopédica sobre los lugares que se visitan, sino tener una visión de cómo estos lugares han tenido, y en algunos casos todavía tienen, una función y una significación ligada a las tradiciones culturales y sociales de la vida en la Albufera. A la explicación sobre estos lugares se unieron, mientras paseábamos por el Palmar, las diferentes explicaciones e historias que contaba Rafael sobre cómo ha cambiado el pueblo y la vida de sus habitantes.

Una vez acabada nuestra visita, nos dirigimos a las barcas de Rafael y su hijo para hacer el paseo por el lago de la Albufera. En este paseo, Rafael explicó cuál es la flora y fauna autóctona de la Albufera que aún se conserva, cuál es la que se ha ido perdiendo a lo largo de los años y cómo ha cambiado el lago en extensión,

profundidad y calidad de las aguas en los últimos años. Asimismo, también habló sobre la pesca tradicional, cuáles son las herramientas que se han utilizado y se utilizan, cuáles son los puntos de pesca que se sortean todos los años en la cofradía de pescadores y como ha pasado esta pesca de ser una actividad lucrativa a ser una actividad totalmente residual y sin casi beneficio económico.

Finalmente, acabado el paseo en barca, nos despedimos de Rafael y animamos a los estudiantes que todavía no lo habían hecho a preguntar a Rafael por el significado de algunos refranes. Casi todos los alumnos, en un momento u otro de la visita al pueblo, ya habían preguntado a Rafael por el significado de algún refrán e incluso se interesaron por el uso del catalán en la zona del Palmar. Rafael, como la práctica totalidad de habitantes de el Palmar, es valenciano hablante y se nota en su forma de hablar, aunque a nuestros estudiantes, por su procedencia estadounidense, les hablaba en una mezcla de castellano y valenciano.

De el Palmar volvimos a coger el autobús y nos fuimos a Meliana, población ubicada en l’Horta Nord. Durante el trayecto de autobús recordamos la información que ya comentamos sobre l’Horta en la actividad preparatoria y les introdujimos el plan de lo que íbamos a hacer durante el resto del día; y, finalmente, les presentamos al que iba a ser nuestro anfitrión, Toni Montoliu.

Toni Montoliu es un agricultor que ha emprendido un negocio de hostelería denominado “La barraca de Toni Montoliu”. Este negocio, pese a que como negocio hostelero está principalmente enfocado a ofrecer un menú tradicional valenciano a sus clientes, también tiene su parte de voluntad didáctica y de conservación de las tradiciones de l’Horta. Toni Montoliu posee un pequeño museo dentro de la barraca en el que conserva semillas y aparejos de labranza tradicionales. Asimismo, la barraca está rodeado por campos que el propio Toni mantiene en producción y los cuales visita con los grupos de estudiantes que van a su establecimiento. También, cerca de su negocio, ha rehabilitado por dentro y por fuera una barraca tradicional y también incluye la visita a la misma como parte de las actividades del día.

Una vez llegados a la Barraca de Toni Montoliu, Toni nos recibió y a partir de ahí empezaron las diversas actividades que culminaron en la degustación de un menú tradicional valenciano con la paella como plato principal. La primera parada de nuestro recorrido fue el museo de semillas y aparejos de labranza. Aquí Toni explicó a los alumnos cómo se cultivaban los campos en l’Horta de manera tradicional y a la forma en que esta había ido cambiando con los nuevos tiempos. Asimismo, también habló sobre la evolución de las variedades de fruta y verdura, pues el museo también tiene una parte de conservación de semillas de variedades tradicionales.

Una vez terminada la explicación en el museo tradicional, nos dispusimos a visitar los campos circundantes a la barraca para observar los cultivos que en ese momento estaban produciéndose. Durante la visita a los campos, Toni explicó los

principales cultivos que se dan en la zona (cebollas, alcachofas, coles, calabazas, lechugas, melones y sandía, sobre todo). También incidió en los dos principales problemas a los que se enfrentaba l’Horta: por un lado, cada vez el número de agricultores iba descendiendo y los que quedaban eran, en su mayoría, personas mayores como él; por otro lado, la presión urbanística, unida a la poca rentabilidad actual de la agricultura para el pequeño agricultor, hacía que cada vez el número de hectáreas cultivadas fuera decreciendo año a año. Finalmente, finalizó la visita a los campos con una acción de recogida de lechugas por parte de los alumnos que dio un toque divertido y “real” a esta parte de la actividad.

Para finalizar con las actividades antes de la comida, montamos todos en un carro y fuimos dando un paseo hasta la barraca-museo que posee Toni Montoliu cerca del restaurante. Una vez llegados allí, Toni explicó cómo era la vida tradicional de los agricultores valencianos a partir de los utensilios y disposición de lugares que había en la barraca. Esta parte provocó gran interés a los alumnos por la diferencia de costumbres y estilos de vida, no solo en relación con la modernización de los tiempos, sino también con el contraste entre las tradiciones de Estados Unidos y las valencianas.

### **3.3. Actividad de reflexión**

Tres días después de la actividad nos volvimos a reunir con todo el grupo para comentar la experiencia, realizar una reflexión conjunta y establecer conclusiones basadas en la información recibida y en las experiencias vividas. En primer lugar, les preguntamos a los alumnos si se habían divertido y la respuesta fue unánime, había sido una experiencia que calificaron como “maravillosa, inolvidable,”. La siguiente pregunta que les hicimos es que nos contaran qué era lo que más les había llamado la atención de las diferentes actividades de ese día. Varios de los alumnos expresaron que lo que más les había impresionado fueron las figuras de Rafael y Toni. Fue curioso que dentro de los alumnos que resaltaron estas figuras, hubo dos grupos: unos cuantos alumnos, cuyas familias habían vivido durante varias generaciones en la ciudad, resaltaron que les habían llamado la atención por lo excepcional de sus caracteres y porque eran unas personas muy diferentes a las que ellos estaban acostumbrados a tratar. Sin embargo, otros alumnos destacaron que les habían llamado la atención porque les resultaban familiares y entrañables, porque les recordaban a miembros mayores de su familia que habían conocido de pequeños. Hubo varios alumnos que expresaron que lo mejor de la experiencia fue la comida y el resto de alumnos se decantaron por momentos concretos de la experiencia como la visita a la barraca, el paseo en el lago o la recogida de verduras en los terrenos de Toni Montoliu.

A partir de esta introducción, les lanzamos dos temas de reflexión basados en preguntas. El primero de ellos fue: “¿Creéis que es importante mantener las

tradiciones? ¿Creéis que hoy en día estamos perdiendo tradiciones? ¿Por qué es importante conocer las tradiciones de un lugar?”.

En relación a las dos primeras preguntas, las respuestas fueron unánimes. Todos los estudiantes estuvieron de acuerdo en que mantener las tradiciones es importante y también opinaron unánimemente que, no únicamente en Valencia, sino como fenómeno global, las tradiciones se están perdiendo poco a poco en todos los lugares. En relación con la última pregunta, hubo diversas afirmaciones, aunque más o menos todas las opiniones giraban en torno a ideas parecidas. La idea que subyacía de base es que la tradición es la que nos hace ser quienes somos, que la sociedad de hoy en día y sus valores se sustentan en las tradiciones que hemos tenido. También salió como concepto colateral la idea de la globalización. Todo el mundo veía la globalización como algo positivo y, sin embargo, todos estaban de acuerdo en que la globalización era uno de los principales peligros que se cernían sobre la conservación de las tradiciones.

La siguiente pregunta que se les lanzó a los alumnos fue: “¿qué creéis que se puede hacer para conservar las tradiciones?” Aquí también las respuestas fueron más o menos en la misma dirección: apoyar a los agricultores comprando y consumiendo sus productos, hacer campañas de concienciación e información sobre las tradiciones para que la gente no las olvide y las mantenga, transmitir a las nuevas generaciones las tradiciones que hemos heredado de nuestros padres, dar a conocer y estudiar la literatura que refleja estas tradiciones, ...

A partir de estas reflexiones se les introdujo finalmente como elemento de reflexión la conexión de las tradiciones con las lenguas. Les presentamos la idea de que lengua y tradición son dos elementos íntimamente unidos. La lengua refleja las tradiciones que se han ido forjando en una sociedad y, a su vez, para entender y poder dominar algunos de los aspectos de una lengua, es importante conocer las tradiciones, como por ejemplo en el caso de la fraseología.

#### **4. Conclusiones**

Los estudios de lenguas extranjeras cada vez tienen más empuje y no para de crecer su número de estudiantes. Sin embargo, cada vez parece que va perdiendo importancia el estudio de las culturas asociadas a estas lenguas y sus valores humanistas. Está en nuestras manos seguir enseñando a nuestros estudiantes que una lengua no es solo un constructo lingüístico, sino que también integra unos referentes y unos valores, muy necesarios y positivos en el caso que nos ocupa de la cultura mediterránea.

De la realización de esta experiencia se pueden extraer diversas conclusiones que podemos agrupar en diferentes apartados. En cuanto al formato de actividades,

es importante que las salidas realizadas con los alumnos conlleven una actividad previa de contextualización y una actividad posterior de reflexión y sistematización. Estas acciones son necesarias para conectar lo visto en la salida con los conocimientos que estamos buscando que los alumnos adquieran. Si no se realizan, se corre el riesgo de que la actividad se reduzca a un mero entretenimiento turístico. Asimismo, es importante programar actividades que vayan más allá de los estereotipos y las rutas turísticas preestablecidas. Debemos potenciar la conservación y el conocimiento de las verdaderas tradiciones y valores asociados a la cultura mediterránea que aún se conservan.

En cuanto a los valores y tradiciones trabajados, hay que señalar también varios aspectos. En primer lugar, que fueron muy bien recibidos por todos los estudiantes. Como se ha ido explicando anteriormente, los alumnos se implicaron, reflexionaron y descubrieron una realidad que les hizo tomar consciencia de la importancia de la tradición tanto en la lengua como en el devenir vital. En relación con esto, la toma de contacto con una lengua minoritaria como es el catalán enriquece aún más la actividad desde el punto de vista de la multiculturalidad y de la conservación de las tradiciones y valores minorizados.

Finalmente, y como conclusión general, se puede decir que con la realización de esta actividad descrita se cumplió el objetivo principal y los objetivos secundarios que se habían propuesto desde el principio y que contribuyeron al trabajo con diversos valores humanísticos como el respeto a la naturaleza, la valoración de otras culturas o la solidaridad entre personas. Mediante el contacto directo con las tradiciones y formas de vida propias de la cultura mediterránea, los estudiantes apreciaron la validez y utilidad que estos valores aún pueden tener en las sociedades actuales.

## **Bibliografía**

- Bataller, A. (2014). Per una didàctica de la llengua i la literatura vinculada al territori. In A. Bataller & H. H. Gassó (Eds.), *Un amor, uns carrers. Cap a una didàctica de les geogràfies literàries*. (pp.13-21). Universitat de València.
- Blasco Ibáñez, V. (2008). *Cañas y Barro*. Alianza editorial.
- Brown, H. Douglas (1989). *A practical guide to language learning: a fifteen-week program of strategies for success*. McGraw-Hill.
- De la Morena, M., Sánchez, A. & Fernández, M. P. (2011). Diferencias en los niveles de motivación por sexo, curso y tipo de centro educativo en el aprendizaje estratégico de la lengua extranjera. *ARBOR Ciencia, Pensamiento y Cultura*, 187(Extra 3), 225-230 Recuperado de: <https://arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/view/1431/1439> (15.01.2022).

- Mínera Reyna, L. E. (2009). El papel de la motivación y las actitudes en el aprendizaje de ELE en un contexto de enseñanza formal para adultos alemanes. *Revista Nebrija de Lingüística Aplicada*, 6, 58-73. Recuperado de: [https://www.nebrija.com/revista-linguistica/files/articulosPDF/articulo\\_53217299c010d.pdf](https://www.nebrija.com/revista-linguistica/files/articulosPDF/articulo_53217299c010d.pdf) (24.01.2022).
- Miralles i Garcia, J.L. (2006). El patrimonio rural periurbano: el caso de l'Horta de Valencia. In *Ingeniería y territorio*, 75, 78-85.
- Picó Garcés, M.J. & Ruiz Brox, M. (coords.) (2014). *Veus per l'Horta*. Universitat de València.
- Scheideker, D. & Freeman, W. (1999). *Bringing out the Best in Students: How Legendary Teachers Motivate Kids*. Corwin Press.
- UNESCO (1982). *Conferencia mundial sobre políticas culturales. Informe final*. Recuperado de: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000052505\\_spa](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000052505_spa) (3.02.2022).

# La libertad creativa de los docentes de LE que imperó en la enseñanza remota de emergencia

**Alexia Dotras Bravo**

*alexia.@ipb.pt*

*Instituto Politécnico de Bragança*

*Portugal*

**Tamara Aller Carrera**

*tamara.carrera@ipb.pt*

*Instituto Politécnico de Bragança*

*Portugal*

**Filipa Raquel Veleda Santos**

*filipa.santos@ipb.pt*

*Instituto Politécnico de Bragança*

*Portugal*

## Resumen

Atendiendo al contexto pandémico y ante la necesidad imperativa de renovar las prácticas docentes hacia una enseñanza a distancia y digital, con este trabajo se pretende, sin caer en el solucionismo tecnológico y sin considerar que las tecnologías mejoran los procesos pedagógicos, mostrar respuestas y acciones de innovación disruptiva que nos permitan enfrentar el nuevo reto educativo. De este modo, a través de nuestra experiencia docente como profesoras de literatura y español lengua extranjera en el Instituto Politécnico de Bragança, se presentan algunas prácticas didácticas en línea llevadas a cabo durante los años lectivos 2019/2020 y 2020/2021 con el fin de ayudar a estimular la libertad creativa de los docentes a través de los medios digitales. Siendo nosotras profesoras del área de Lengua, Literatura y Cultura Española en licenciaturas específicas del ramo de las Humanidades (tales como Lenguas Extranjeras: Inglés/Español y Lenguas para Relaciones Internacionales), así como en otras áreas afines al mundo cultural y social (Turismo), nos parece interesante resaltar el tradicional, y solo aparente, antagonismo entre las tecnologías y los estudios culturales. En nuestro caso, abogamos por un procedimiento docente inclusivo, progresista, no discriminador y transdisciplinar.

**Palabras clave:** enseñanza remota de emergencia; tecnologías; humanidades; didáctica digital.

## Abstract

Considering the pandemic context and given the imperative need to renew teaching practices towards distance and digital teaching, this work aims, without falling into technological solutionism and without considering that technologies improve

pedagogical processes, to show answers and actions of disruptive innovation that allow us to face the new educational challenge.

In light of this, through our teaching experience as Professors of literature and Spanish as a foreign language at the Polytechnic Institute of Bragança, some online didactic practices carried out during the 2019/2020 and 2020/2021 academic courses are presented to help stimulate the creative freedom of teachers through digital media. As we are Professors in the area of Spanish Language, Literature and Culture in specific degrees in the field of Humanities (such as Foreign Languages: English/Spanish and Languages for International Relations), as well as in other areas related to the cultural and social world (Tourism), it seems interesting to us to highlight the traditional, and only apparent, antagonism between technologies and cultural studies. In our case, we advocate an inclusive, progressive, non-discriminatory, and transdisciplinary teaching procedure.

**Keywords:** emergency remote teaching; technologies; humanities; digital didactics.

## 1. Introducción

La transición no planeada de la educación presencial a la impartición de cursos en línea, como medio para evitar la propagación de la pandemia originada por el Covid-19, ha dado origen a que muchos investigadores en tecnología educativa cuestionasen el método adoptado por las instituciones educativas durante el estado de emergencia pública. Como señalan Hodges *et al.* (2020), la metodología de enseñanza-aprendizaje abrazada durante el confinamiento —método a distancia— difiere de forma significativa de los cursos on-line, ya que estos últimos fueron diseñados y planeados para ser administrados por docentes especializados en la enseñanza *e-learning*, y se llevan a cabo a través de campus virtuales propios, basados en las últimas tecnologías educativas. Sin embargo, lo que prevaleció durante la contingencia sanitaria fue la aplicación de un método pedagógico de emergencia basado en la adaptación inminente de las tradicionales experiencias didácticas, pensadas para la presencialidad, a la enseñanza virtual mediante el uso de diferentes plataformas de videoconferencia.

Ante este contexto, se puede inferir que se trata de una docencia telemática improvisada que ha sido denominada por diferentes voces como Enseñanza Remota de Emergencia (REA), es decir, la adaptación forzada de los programas curriculares presenciales dentro de las plataformas tecnológicas (Hodges *et al.*, 2020; Fernández-Regueira, Gewerc & Llamas-Nistal, 2020; Carrasco, Castellanos-Ramírez & Espinosa, 2021). En este sentido, durante el período de aislamiento, a fin de salvaguardar y garantizar el funcionamiento de las instituciones educativas, se facilitaron a los docentes herramientas de comunicación en línea para, de este modo, poder continuar con las actividades obligatorias presentes en los programas educativos, y asegurar la comunicación sincrónica con el alumno.

En este marco, como afirman Fernández-Regueira, Gewerc & Llamas-Nistal (2020), “se configura como una digitalización de la docencia presencial, una respuesta crítica de emergencia, donde no se explota al máximo las posibilidades del formato de las tecnologías empleadas, sino que se aspira a sufragar la crisis” (p. 12). Se primó, así, la aplicación de un modelo educativo a distancia sin análisis de efectividad previo, ni metodológico ni pedagógico. Una situación anómala y provisional que nos ha hecho repensar la educación y reflexionar sobre la importancia de fomentar una mayor apropiación de la cultura digital, ya que en palabras de estas autoras:

la migración de las prácticas pedagógicas y experiencias educativas a los campus de enseñanza virtuales y a las plataformas de videoconferencia pusieron en evidencia los problemas que presenta el sistema educativo superior en el mundo y, en el caso que nos ocupa, en Portugal, de los que se destaca la escasa formación que reciben los docentes en la adquisición y el desarrollo de la competencia digital (Dotras, Aller & Santos, 2021, p. 174).

A juicio de Kuklinski & Cobo (2020), “muchas universidades han improvisado, llegando tarde o con una preparación insuficiente a esta adaptación, aplicando voluntarismo y replicando en la virtualidad modelos de aprendizaje que ya están siendo obsoletos en la presencialidad” (p. 8). Por lo tanto, a pesar de que en los últimos años se ha manifestado un mayor aumento en el contacto con las tecnologías digitales, estas todavía no forman parte de la cotidianidad docente, provocando, de este modo, serios inconvenientes en la introducción efectiva del REA, debido, fundamentalmente, a la falta de formación de los profesores en la creación de materiales digitales, así como una carencia profesional en la planificación y la aplicación de actividades pedagógicas y experiencias de aprendizaje en línea.

Por ello, este estudio pretende dar a conocer algunas de las prácticas didácticas en línea que fueron llevadas a cabo durante la pérdida de la docencia presencial universitaria —en los años lectivos 2019/2020 y 2020/2021— en el Instituto Politécnico de Bragança. En esta IES, como en todo el sistema universitario portugués, se obtuvieron licencias profesionales de la plataforma Zoom, ya conocida como herramienta de reuniones en línea, que permitía tener hasta doscientos participantes sin límite de horas. Además, el campus virtual del IPB ya contaba con instrumentos para realizar actividades, exámenes en línea o crear foros y grupos. Lo que restaba era formar al cuerpo docente que, en mayor o menor medida, no estaba familiarizado con estas herramientas porque, a todas luces, la infrutilizaba. En ese aspecto, nuestra IES realizó un esfuerzo notable para la mayor y mejor práctica docente, motivadora, útil, eficaz y digitalmente competente.

Nuestra línea de investigación está enfocada en la aplicación de experiencias didácticas digitales a distancia en diferentes materias del área de las humanidades como son la UC de Literatura Española y la UC de Lengua Española, pertenecientes ambas a la licenciatura de Lenguas Extranjeras: Inglés/Español.

Por consiguiente, en los siguientes epígrafes se recoge el marco teórico que sustenta este estudio, el cual está orientado a la aplicación del *Wow factor* o factor sorpresa en el aula virtual, cuyo fin es la introducción de acciones de innovación disruptiva que ayuden a romper con algunas de las prácticas obsoletas que aún persisten en la educación superior. Así pues, a través de nuestras experiencias didácticas en línea se ha intentado utilizar el factor sorpresa con el propósito de captar la atención del alumno; involucrarlos en el aprendizaje a pesar de la distancia; mantener alto su nivel de motivación a través de las pantallas, y despertar la curiosidad mediante el estímulo de lo inesperado. Es decir, intentar ofrecer experiencias educativas en línea perdurables y memorables.

Tras el sustento teórico, se describen algunas de las experiencias didácticas llevadas a cabo en las aulas on-line, las cuales son fruto del desafío que tuvimos que afrontar durante la crisis sanitaria; en literatura en el epígrafe 3 y en lengua (con perfil de ELE) en el número 4. Unas prácticas pedagógicas que fueron diseñadas y planificadas para poder enfrentar el estado de desmotivación y frustración que presentaron los alumnos a nivel académico, personal y emocional durante su aislamiento y encerramiento (Sepúlveda-Escobar & Morrison, 2020). Se finaliza con las conclusiones obtenidas tras nuestra experiencia profesional como docentes en época de pandemia.

## **2. *Wow factor* o factor sorpresa**

El *wow factor* o factor sorpresa tiene la capacidad de sorprender a las personas en general, ya sea negativa o positivamente, haciendo que esa experiencia se retenga en la memoria por mucho más tiempo que un hábito didáctico que ya se espera que pase o que ya se sabe cómo va a ser realizado, como afirma Colomina Subiela (2019), “los seres humanos tendemos a recordar con mayor fuerza aquellos acontecimientos inesperados” (p. 380). Además de que las situaciones vividas se graben poderosamente en la memoria, cuando los alumnos no saben lo que va a suceder, el aumento de curiosidad o interés es creciente. El mismo autor refiere que: “el factor sorpresa o “*Wow factor*” se postula como una de las herramientas más destacables, capaz de despertar la curiosidad de los individuos para crear estímulos perdurables” (Colomina Subiela, 2019, p. 379).

El *wow factor* introducido en actividades de clase dirigidas a los alumnos, es, obviamente, utilizado de manera positiva y para obtener sorpresas agradables. Toda

la cuestión de memoria y reproducción de curiosidad e interés está conectada a la parte psicológica del cerebro. Cuando se piensa en una sorpresa agradable, esa es asociada con la risa y el humor, y, como comenta Madrid (2015), esos sentimientos tienen beneficios para la salud física y mental, sobre todo al ser utilizados pedagógicamente en el aula, por lo que facilitan el proceso de aprendizaje. En la pedagogía existen diversas teorías que relacionan la eficacia del aprendizaje con lo que es sorpresa, nuevo o desconocido. El modelo que los profesores Robert Rescorla y Allen Wagner (1972) propusieron trata uno de los casos más importantes y más famosos, que menciona la discrepancia entre lo que es esperado que suceda y lo que sucede realmente (esto son incoherencias en los patrones mentales acaecidos durante el proceso de aprendizaje y en los cuales la tendencia es que sean más fácilmente recordados en vez de los procesos que siguen siempre la misma línea y esquema) y, teniendo eso en cuenta, su teoría versa sobre el concepto de sorpresa al mismo tiempo que se busca la obtención de conocimientos de una manera perdurable.

De acuerdo con Adler (2008), en relación con los procesos de aprendizaje, los elementos sorprendivos pueden ser un factor muy importante ya que los alumnos pueden enfocar y centrar su atención en una zona de información específica, lo que puede potenciar mucho más la rapidez con que alguien aprende. Según Loewenstein & Heath (2009), estudios anteriores registran que lo agradable e interesante que puede ser un elemento sorprendivo en el ámbito educativo hace que sea posible mejorar la retención de información. La sorpresa no solo convierte los acontecimientos en más memorables, sino más atractivos e interesantes, como es sugerido por ellos: “surprise not only makes things more memorable, it can also make them more likeable and interesting” (Loewenstein & Heath, 2009, p. 3).

En el área de la pedagogía existen muchas teorías que están asociadas a la calidad del proceso de la enseñanza-aprendizaje en actividades nuevas en una práctica educativa. Estas teorías se enfocan mayoritariamente en la motivación insistiendo mayormente en la motivación intrínseca, la cual supone que la novedad y la sorpresa se tornen dos elementos básicos con la capacidad de potenciar el interés, motivación y permitir al docente guiar el aprendizaje de una manera mucho más confortable (Barto *et al.*, 2013).

Colomina Subiela (2019) enumera una serie de objetivos fundamentales relacionados con la implementación de las acciones relacionadas con el factor sorpresa, que son:

- Dar sugerencias a los estudiantes con el objetivo de tener su total atención, utilizando como recursos actividades sorpresa.
- Realizar actividades que sirvan como estímulo para el importante proceso de aprendizaje.

- Generar motivación en los alumnos e incluirlos en las dinámicas de colaboración y en los métodos de aprendizaje independiente o autónomo.
- Promover actividades que impulsen la creatividad con ejemplos prácticos que fomenten la diferenciación y originalidad.
- Elaborar diversas experiencias de aprendizaje dentro de un ambiente de trabajo atractivo y agradable.

También en el área de la neuropsicología se tiene en cuenta el factor sorpresa, siendo considerado como una emoción neutra, pero que va a producir en los alumnos un aumento momentáneo de la actividad neuronal, una variación profunda del estado de ánimo, así como un aumento del riego cerebral y de distintas expresiones corporales (Bravo, 2015), lo que va a facilitar al alumnado el aprendizaje y aumentar su motivación para aprender.

### 3. Creatividad en el aula de Literatura para alumnos de LE

La situación de excepción del segundo semestre del curso 2019/2020, debido al confinamiento y relativo aislamiento resultado de la emergencia sanitaria producida por el COVID-19, hizo necesario adaptar la metodología y propició la oportunidad de llevar a cabo esta prueba con alumnado de la asignatura de Literatura Española II (siglos XVIII y XIX) de la licenciatura en Lenguas Extranjeras: Inglés /Español del Instituto Politécnico de Bragança (Portugal). En esta disciplina, la metodología y procedimiento fundamental es el comentario de texto literario en un registro formal, culto y especializado de la lengua no materna. Esta dificultad se vio incrementada por la no asistencia obligatoria a las clases virtuales, ante lo cual, se ideó un proyecto motivador para seguir frecuentándolas que diese la posibilidad de expresarse por escrito, en fórmulas digitales como el *hashtag*, en el chat de la plataforma de reunión en línea Zoom-Colibri. Así, por un lado, la experiencia distaba poco de la enseñanza tradicional, donde docente y discente intercambian dudas, posibilidades, análisis, crítica y opinión para el progreso del conocimiento literario, pero, por otro lado, añadía una nueva forma de análisis a partir del planteamiento inicial de describir el texto por medio de etiquetas digitales. Se propuso el 29 de abril de 2020, debido a una pequeña polémica surgida en la difusión de un congreso de literatura ultra contemporánea que usaba el *hashtag* #byebyebécquer. Desde esta clase, hasta el 28 de mayo, se analizó la literatura del s. XIX con este recurso propio de las redes sociales. La actividad, por tanto, se realizó durante 20 horas de clase, distribuidas en 4 horas semanales, en un grupo de 16/17 alumnos de segundo curso. Creemos que la iniciativa, especialmente original, debe ser puesta de relieve en este

artículo, no solo por la participación y entusiasmo del estudiantado, sino también por el deseo, llevado a cabo con éxito, de cumplir uno de los objetivos reseñados: descartar el supuesto antagonismo entre las tecnologías más modernas y la enseñanza de la literatura no contemporánea.

A pesar de que no se han publicado muchos trabajos científicos sobre su uso en la enseñanza, sí existen diversos recursos divulgativos sobre este tema en entornos académicos, como el del Observatorio del Gabinete de Tele-educación de la Universidad Politécnica de Madrid, donde leemos:

Un *hashtag* [...] es una etiqueta formada por una serie de caracteres precedidos del símbolo almohadilla #. Puede ser una o más palabra sin espacios y se asocia a una publicación en una red social con la particularidad de crear un hiperenlace o url que lleva a todas las publicaciones que utilicen dicha etiqueta. (Borras, 2016, s.p.)

Desde la red en la que nacieron, Twitter, enseguida pasaron a otras plataformas y hoy son uno de los elementos más usados para agrupar temáticas, colectivos y encontrar información rápidamente. En el mundo educativo, Elvira Fernández Pena, de *atencionselectiva.com*, señala hasta 60 imprescindibles entre los que destacan los relacionados con el campo digital y las últimas tendencias educativas. Sin embargo, es llamativo que en el sitio web del ministerio español habilitado para Educación y redes, las entradas sobre *hashtag* sean muy escasas y limitadas a 2013, mientras que el ministerio portugués es más activo y recomienda el uso de etiquetas en casi todas sus iniciativas (<https://www.dge.mec.pt/search/site/hashtag>).

Este proyecto docente ha funcionado tanto para analizar o nombrar los temas de los textos escogidos, como para estudiar los movimientos estéticos y literarios; es decir, los *hashtags* funcionan como fórmula condensada de interpretación literaria y digital. En total, hemos usado 327 *hashtags*, con la presencia activa en todas las clases de, al menos, 9 alumnos, siendo uno de ellos el más activo, con un total de 64 intervenciones en el chat, muchas de ellas de varios *hashtags*.

Dado que el Realismo es uno de los periodos más rechazados por los estudiantes portugueses, las sesiones se comenzaron, siempre usando el *wow factor*, provocando a los estudiantes con esta sorpresiva metodología y empatizando con el alumnado para que expresase libremente sus opiniones (*#elrealismonomemola #osmaiasmolan?*), aunque el intento de agradar diese lugar a respuestas no siempre sinceras (*#demasiadosdetalles #demasiadadescripción #demasiadoincesto #realismoesromanticismo #realismoesfantasia #realismoescritocongransensibilidad*). Tras esta aproximación, y después de ciertas explicaciones teóricas, comenzó la primera parte del experimento, es decir, el análisis

de los movimientos literarios con la expresión condensada y exacta de los *hashtags* (#neoclasicismo #hueltoenformaderealismo #mundoreal #elrealismo #oespoético #ilustración #oespoética #menteabierta parasuepoca #pardobazántieneambicion #PardoBazanprimerafeministaenlaliteratura #elrealismotambiénesoscuro #enelrealismonosenteramosdelarealidad). De esta forma, el alumnado comenzó a entrar en el juego y a intervenir, incluso, de manera provocadora y sin filtros históricos o literarios (#pardosexycomolsabell #pardobazánesigualaisabelii).

La segunda parte del experimento, el análisis de textos literarios para poder realizar el comentario a través de *hashtags*, generó evidente interés y esfuerzo y dio como resultado etiquetas condensadoras, exactas, e, incluso, cómicas, en respuesta a los constantes desafíos de la docente tanto en la lectura de Bécquer y Rosalía de Castro (#SevillaPoetica #GaliciaPoetica #BecquerEnfermo #BecquerSufrido #romanticismosifilítico #vivirintensamentecomobecquer #vivirconsifilis? #suframosrosalia #fadogalego #DolorCantado #rosaliadelaliteraturanodelamusica #EsMejorVivirConDolorQueVacío #MeSientoComoRosalíaConUnClavo #eldoloresinevitable) como en la de Emilia Pardo Bazán y *Los pazos de Ulloa* (#descripciónburlosa #enormecantidaddecarné #RealismoEsHablarDeDetalles #pormenores #lacomidaessagrada #labrutalidaddelascostumbresrurales #costumbresgallegas #diferenciasentrelaciudadyelcampo #BarbarieEnEstadoPuro #faltadevaloresmorales #lavidaruralespecado #elcampodejadeserpuro #levansuvidasinbuenosmodos #SentimientosSucios #secomportancomosalvajes #elrealismonosdalaverdaddesnuda ycruda #SentimientosBarbaricos).

Así, un mes después, el alumnado ya había asimilado el procedimiento y el *hashtag* se había convertido en una necesidad expresiva para definir todos los movimientos literarios: Rococó (#RococóDetallista #rococóessensualidadverbal #RococóEsSexy #predominalanaturalezalamitologiaycuerposdesnudos); Neoclasicismo: (#gustoporelconocimiento #IlustraciónCientífica #renovacióndevaloresestéticos #comparaciondeculturas #ydecomportamientos #deladiferenciaalocomún #teatroneoclásicoesmoral); Romanticismo (#ConsumoDeAlcohol #ConsumoDeOpio #RomanticismoMuertePrematura #vivirintensamente #alcoholparaolvidareldolor #anarquiaeesserdiferente #liberdadindividual); Realismo (#sedejanlasexageracionesentimentales #reproduccióndelarealidadsocial #adulteriofemenino #protagonismofemenino) y Naturalismo (#ReproduccionSinTabúes #loescondidoloocultolofeo #lobuenoylomalo #loescatológico #criticaiglesia #nosmuestralomasoscuro #politicacontraarte #generacionjovenayuda #opinioncritica #descubrirlafisiologíacomoficción #FisiologiaComoArte #valorizacióndelasareashumanisticasutilizandolafisiologia).

Por otro lado, la utilización de los *hashtags* creó el ambiente propicio para que el alumnado se permitiese hacer bromas que, si bien se centraban en uno de los

sujetos de la clase que las aceptaba sin problema (#JessicaRococó #jessicapasaderococóaultraromántica #jessicamorenayardiente), lo que ponían en movimiento era la identificación de los alumnos con el texto, así como el intertexto cultural y literario trabajado en el aula virtual.

Así, si el alumnado comenzó la actividad sin mucho apego al etiquetado digital manido, acabaron por usarlo en un contexto y con un significado nuevo para ellos, lo que les entusiasmó hasta el punto de buscar la mejor expresión y sentirse orgullosos de dar con pensamientos lacónicos certeros (#ManuelOnFireConLosHashtags), incluso cuando se habían mostrado escépticos con la posibilidad e ironizado, en la primera clase, con la riada de *hashtags* habitual en las redes sociales que, muchas veces, adolecen de contenido (#mierdacacadevaca).

En definitiva, el proyecto docente en Literatura Española II ideado por el contexto pandémico de emergencia, a partir de la observación directa durante el desarrollo de la actividad y del resultado de las encuestas finales (ver Anexo 1, Tabla 1), con una alta participación (13 de 16, 81,25%), podemos decir que la utilización de este recurso digital (o postdigital) tan cercano a los estudiantes ha tenido como resultado una mayor motivación por al texto. De hecho, el total de respuestas asciende a 117, siendo que, en la escala de 1 a 5, solo cinco contestaciones consideraron 2 (poco satisfactoria) alguna de las preguntas planteadas, mientras que 21 ascendieron al 5 (muy satisfactorio), dejando las 91 restantes muy igualadas en el grado medio-alto de satisfacción entre el 3 (49 respuestas) y el 4 (41 resultados). Igualmente, la evolución en el etiquetado digital parece mostrar que la comprensión general de los textos y la capacidad para sintetizar y condensar sus ideas ha mejorado. En relación con la teoría de la recepción, las respuestas obtenidas en el test de evaluación muestran que a la mayor parte del alumnado le ha parecido interesante y adecuado, además de haberse sentido más libre para realizar observaciones personales sobre los textos e, incluso, la identificación texto-vida se ha producido con mayor naturalidad. Es decir, el desarrollo de la competencia literaria se habría llevado a cabo de manera mucho más efectiva y con grados de satisfacción en estas cuestiones que no bajan del 3 y presentan 4 y 5 de forma mayoritaria (ver Figura 1).

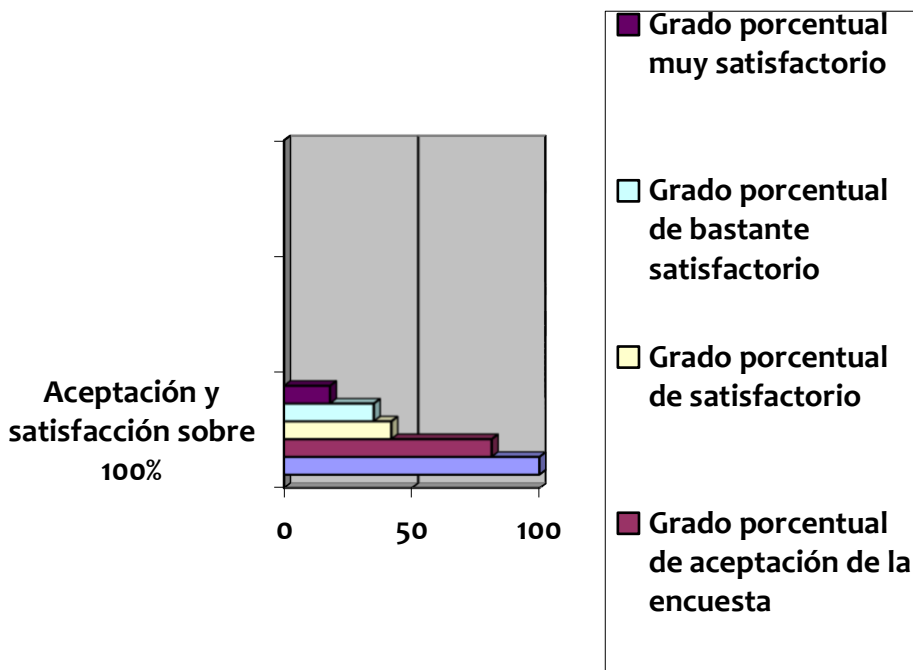


Figura 1: Porcentajes de grados de aceptación y satisfacción del proyecto hashtags (elaboración propia)

#### 4. Materiales didácticos interactivos en el aula de ELE

Todo el proceso educativo necesita de algún tipo de material o recurso que guíe y acompañe la práctica pedagógica, ya sea este utilizado para la presentación didáctica de los contenidos, para la realización de actividades de aprendizaje, o incluso, para la evaluación.

Tradicionalmente, los materiales didácticos que han ocupado un lugar hegemónico y prevalente dentro de las instituciones educativas han sido el libro impreso, el proyector, el vídeo y los materiales auditivos, entre otros medios analógicos. Sin embargo, el advenimiento de la informática y la tecnología digital ha propiciado, como señala Area (2019):

el surgimiento de una nueva generación de materiales didácticos de naturaleza digital, como contraposición a los analógicos, que ha adoptado distintos formatos: discos multimedia, webs educativas, ejercicios interactivos, entornos digitales de aprendizaje, libros educativos

electrónicos, simulaciones de realidad virtual, videojuegos educativos, test automatizados, microlecciones o píldoras de aprendizaje digital, etc. (p. 5).

En este sentido, los materiales didácticos digitales son aquellos recursos didácticos diseñados en formato digital, usados para facilitar, en un entorno tecnológico, el proceso de enseñanza–aprendizaje. Por consiguiente, este tipo de material, aparte de estar accesible en línea y presentar diferentes formatos multimedia y elementos hipertextuales, están dotados de interactividad, permitiendo, de este modo, la interacción entre el material, el alumno y el profesor.

Por otra parte, atendiendo a sus características pedagógicas, su aplicación dentro de las aulas se rige por el principio de la pedagogía activa, esto es, “que el alumno sea un sujeto activo en su propio aprendizaje y el docente actúe como un facilitador del proceso, observando, motivando y preparando un espacio adecuado, en lugar de ser un mero transmisor de conocimientos” (Ballesteros Martín, & Moral Rama, 2014, p. 88). Por lo tanto, se puede decir que los materiales didácticos interactivos están orientados a la acción y no solo a los contenidos.

Por este motivo y de acuerdo con Area (2019), esta nueva generación de materiales didácticos debe proporcionar experiencias de aprendizaje significativas mediante la inclusión de dinámicas que involucren activamente al alumno, tal como ocurre con los entornos gamificados y lúdicos, en donde hacen entrada en la clase elementos claves para el aprendizaje, propios del *wow factor*, como son: la motivación, el deseo de superación, el descubrimiento, la sorpresa, la creatividad, la superación de obstáculos, la competición y el placer por ganar.

Atendiendo a las dinámicas lúdicas y sorpresivas donde prevalecen el planteamiento de retos y desafíos para la consecución de las tareas y los objetivos de aprendizaje, a continuación se presentan una serie de materiales interactivos y propuestas didácticas que fueron administrados on-line durante la época de confinamiento a través de la plataforma Zoom para la enseñanza-aprendizaje de español como lengua extranjera.

#### **4.1. El trivial interactivo**

Este juego emula el tradicional tablero del Trivial, pero trasladado al escenario digital (Figura 2). Como ocurre en el juego original, las cuestiones se dividen en seis categorías, en este caso, las tarjetas de preguntas contienen temas relacionados con la lengua española: gramática (amarillo), vocabulario (marrón), ortografía (verde), geografía (azul), personajes (rosa) y cultura (naranja).

La interactividad en este juego está presente en la introducción de un dado de colores digital, que es lanzado virtualmente para determinar la tipología de pregunta, y el movimiento de las fichas de colores, ya que se irán arrastrado a través del tablero para ir completando las casillas.

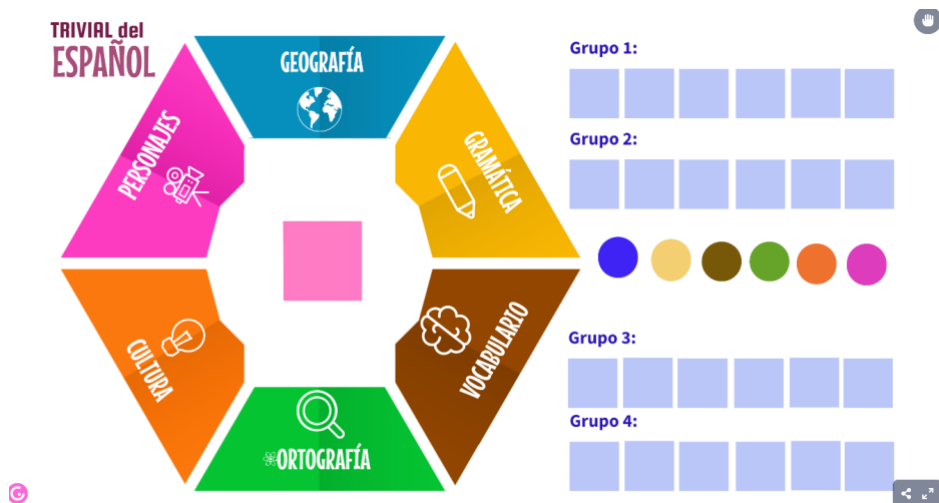


Figura 2: Trivial Interactivo en el aula de ELE (elaboración propia)

#### 4.2. El juego del Dobble virtual

En la siguiente propuesta didáctica, se recurre al juego del *Dobble* o *Spot It* virtual (Figura 3) en la que los alumnos juegan al mismo tiempo tratando de ser los primeros en encontrar la imagen que se repite en la carta. A diferencia del juego de cartas tradicional, en esta versión digital, las cartas que contienen las imágenes están rotando para, de este modo, aumentar el grado de dificultad en la visualización del par igual.



Figura 3: Dobble virtual para el aula de ELE (elaboración propia)

### 4.3. El Bingo interactivo

Por último, se presenta el juego del Bingo interactivo (Figura 4), el cual difiere del original en que en esta versión el alumno no tiene que manipular físicamente ningún material, ya que todos los componentes del juego son digitales.

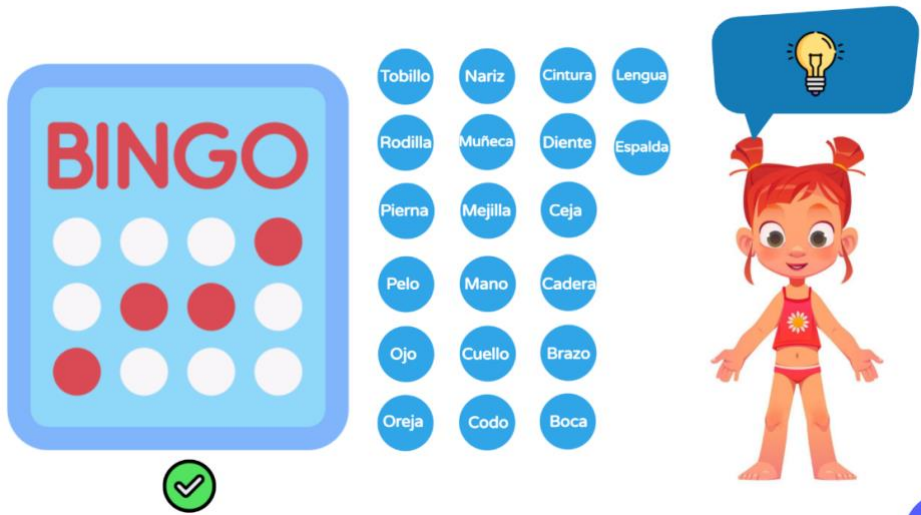


Figura 4: Bingo interactivo para el aula de ELE (elaboración propia)

De esta manera, el material está compuesto por un cartón de Bingo sin rellenar, ya que serán los propios alumnos quienes seleccionen y arrastren 8 de las 20 etiquetas proporcionadas con el vocabulario de las partes del cuerpo para, así, crear su cartón de juego.

Por otra parte, el profesor proyecta una ruleta interactiva (Figura 5) con las imágenes del vocabulario que aparecen en las etiquetas, haciéndola girar para que vayan saliendo las diferentes partes del cuerpo humano. En el caso de que salga una imagen que coincida con la etiqueta del cartón del alumno, este deberá arrastrar la ficha de acierto digital y colocarla encima, se continúa el juego hasta que un alumno consiga cubrir las 8 casillas.



Figura 5: Ruleta interactiva (elaboración propia)

## 5. Conclusiones

El movimiento hacia la virtualidad que impuso la pandemia del COVID-19 nos obligó al rediseño de nuestros materiales, actividades y experiencias didácticas para que estas fuesen realizadas exclusivamente a través de plataformas digitales. Así pues, basándonos en nuestra experiencia como docentes en época de confinamiento, podemos afirmar que la enseñanza remota de emergencia representó para nosotras una gran oportunidad para reinventarnos, concebir nuevos materiales —a veces, con recursos tradicionales habituales en el aula—, disipar espacios, consolidar experiencias innovadoras basadas en el factor sorpresa, y, sobre todo, naturalizar las prácticas digitales interactivas entre el alumnado. Un cambio que, como refiere Kuklinski & Cobo (2020) “debe servir como punto de partida para cambios que deberían haberse realizado hace mucho tiempo” (p. 10).

En todas las actividades realizadas con los nuevos materiales creados para las clases virtuales empleamos el *wow factor* porque, dada la singularidad de la nueva situación, ni los alumnos ni los docentes sabíamos qué podíamos esperar de las actividades didácticas asociadas al proceso de enseñanza/aprendizaje en remoto. Nuestro objetivo principal, el de mantener la atención y la motivación de los estudiantes en un momento tan delicado, se conseguía al desconocer estos la metodología, el diseño de las actividades y los materiales que les íbamos a presentar. Con esto, concluimos que a pesar de toda la situación pandémica que se estaba viviendo y debido a la adaptación y desmotivación de la realidad virtual, el hecho de

presentar en las clases experiencias didácticas diferentes, renovadas e interactivas, así como novedosas para los alumnos, les aumentó el interés, estimulando el acceso al aprendizaje, pues esos momentos les quedaron en la memoria como recuerdo perdurable, así como lo que estaban aprendiendo en ese momento, tal y como hemos podido comprobar a lo largo de toda la pandemia.

En definitiva, defendemos que debemos mostrar a los estudiantes de LE, contenidos lingüísticos y literarios de moldes tradicionales y clásicos, por varias vías, incluyendo las digitales, con discursos y métodos innovadores en el aula, pero que no dejan de ser los canales y lenguajes que dominan, como las redes sociales, debido a su condición de nativos digitales. Por otro lado, los docentes del siglo XXI debemos sumarnos a la lectura digital experta en *hashtags*, webs o interacciones posdigitales para sumar nuevas herramientas a la práctica docente.

## Bibliografía

- Adler, J. E. (2008). Surprise. *Education Theory*, 58(2), 149-173.
- Area, M. (2019). *Guía para la producción y uso de materiales didácticos digitales: recomendaciones de buenas prácticas para productores, profesorado y familias*. Universidad de la Laguna.
- Ballesteros Martín, M. de la M. & Moral Rama, A. (2014). Uso de programas de simulación para promover la pedagogía activa en la docencia universitaria. *IJERI: International Journal of Educational Research and Innovation*, 1, 87-98.
- Barto, A., Mirolli, M. & Baldassarre, G. (2013). Novelty or Surprise? *Frontiers in Psychology*, 4, 907. Retirado de: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2013.00907/full> (12.02.2023).
- Borras, O. (2016). Hashtags y cómo aplicarlos en la enseñanza. Retirado de: <https://blogs.upm.es/observatoriogate/2016/02/10/hashtags-y-como-aplicarlos-en-la-ensenanza/> (12.02.2023).
- Carrasco, S. A. N., Castellanos-Ramírez, J. C. & Espinosa, F. P. (2021). Contraste de experiencias de estudiantes universitarios en dos escenarios educativos: enseñanza en línea vs. enseñanza remota de emergencia. *Revista de Educación a Distancia (RED)*, 65(21), artículo 7.
- Colombina Subiela, A. (2019). El “Wow factor”. Experiencias de aprendizaje en la asignatura Taller I: Conservación y Restauración de Bienes Culturales. V Congreso de *Innovación Educativa y Docencia en Red*. Universitat Politècnica de València.
- Dotras, A., Aller, T. & Santos, F. R. (2021). La enseñanza de la literatura en el actual contexto digital. In P. Gutierrez Cuevas, A. García-Valcárcel, J. A. Moreira, V. Gonçalves & F. Garcia Tartera (Ed.), *VII Conferência Ibérica de Inovação na Educação com TIC: ieTIC2021: livro de atas* (pp. 173-190). Instituto Politécnico. ISBN 978-972-

745-287-3.

Fernández Pena, E. (2017). *Más de 60 hashtags imprescindibles para hablar de educación*. Retirado de: <https://www.atencionselectiva.com/2017/10/x-hashtags-imprescindibles-para-hablar.html> (12.02.2023).

Fernández-Regueira, U., Gewerc, A. & Llamas-Nistal, M. (2020). El profesorado universitario de Galicia y la enseñanza remota de emergencia: condiciones y contradicciones. *Campus Virtuales*, 9(2), 9-24.

Hodges, C., Moore, S., Lockee, B., Trust, T. & Bond, A. (2020). The difference between emergency remote teaching and online learning. *EDUCAUSE Review*. Retirado de: <https://n9.cl/5o8n> (12.02.2023).

Loewenstein, J. & Heath, C. (2009). The repetition-break plot structure: A cognitive influence on selection in the marketplace of ideas. *Cognitive Science*, 33(1), 1-19. Retirado de: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1551-6709.2008.01001.x> (12.02.2023).

Kuklinski, H. P. & Cobo, C. (2020). *Expandir la universidad más allá de la enseñanza remota de emergencia. Ideas hacia un modelo híbrido post-pandemia*. Outliers School.

Madrid, J. (2015). Papel de la risa y el humor en la enseñanza y aprendizaje: explicaciones neurofisiológicas. *Apuntes Universitarios. Revista de Investigación*, 5(2), 41-55. Retirado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=467646280003> (12.02.2023).

Sepulveda-Escobar, P. & Morrison, A. (2020). On-line teaching placement during the COVID-19 pandemic in Chile: challenges and opportunities. *European Journal of Teacher Education*, 43(4), 587-607.

## Anexo 1

LITERATURA ESPAÑOLA II
ENCUESTA HASHTAGS
LEIE, 18 DE JUNIO DE 2020
Puntúe del 1 al 5 su grado de satisfacción en relación al uso de #hashtags en el aula virtual en época de confinamiento, siendo 1 el menos satisfactorio y el 5 el mayor grado de aceptación:
1. El uso de herramientas digitales en un entorno académico, ¿le ha parecido interesante?
2. El hecho de que desde marzo las aulas sean virtuales y que, por ello, se haya fomentado el uso de herramientas digitales, como los hashtags, ¿le parece adecuado?
3. En relación al contenido de la materia literaria, ¿le ha parecido que la expresión condensada a través de hashtags ha ayudado a la comprensión de los movimientos, géneros, textos y personajes literarios?
4. ¿Considera que su comprensión general de los textos literarios ha aumentado gracias al uso didáctico de esta herramienta digital?
5. ¿Ha mejorado su capacidad de perceptividad de los textos literarios gracias a la verbalización del esfuerzo realizado para condensar sus ideas en expresiones concentradas, como los hashtags?
6. ¿Le ha resultado más motivador para la lectura el hecho de hacerlo de una forma no académica tradicional?
7. ¿Se ha sentido más libre para expresar su opinión sobre determinados textos literarios gracias a los hashtags?
8. ¿Le ha facilitado acercar su vida, su contexto personal, a la literatura gracias al uso de los hashtags?
9. Diga en dos líneas, si se considera cómodo para ello, de forma libre, qué le ha parecido la iniciativa docente.

Tabla 1: Encuesta Hashtags (elaboración propia)

Traduzir culturas e as suas liberdades



# Problemas y dificultades de traducción en la comercialización del destino oleoturístico (español-alemán)

**Alba MONTES SÁNCHEZ**

*l32mosaa@uco.es*

*Universidad de Córdoba*

*España*

## Resumen

Tras cuatro décadas impulsando el crecimiento en el sector, España es líder mundial en el sector turístico y constituye uno de los pilares primordiales de la economía estatal. En cifras, el turismo aporta el 11,7 % del PIB, lo que supone una fuente sustancial de ingresos, además de ser una constante generación de empleo. En este sentido, además de mantener este status o escalar posiciones en el sector, se debe ofrecer un turismo de calidad, con productos de calidad y, por consiguiente, con una información multilingüe de calidad. La divulgación internacional de esta práctica turística requiere de expertos en terminología y traducción que garanticen la correcta transferencia de la información y contribuya a aumentar el número de visitantes a escala internacional, por lo que el presente estudio se centra en la importancia de estudiar la terminología relacionada con el oleoturismo. Con ello, se realiza un análisis contrastivo alemán-español de los términos y su contexto con el propósito de presentar las dificultades y problemas traductológicos emergentes en este tipo de textos. Finalmente se expondrán una serie de conclusiones finales sobre la práctica del oleoturismo y la traducción en España, país donde el AOVE es, especialmente en algunas regiones, uno de los principales motores económicos, además de suponer un signo cultural y gastronómico.

**Palabras clave:** AOVE; oleoturismo; problemas de traducción; dificultades de traducción; análisis contrastivo.

## Abstract

After four decades promoting growth in the sector, Spain is a world leader in the tourism sector which constitutes one of the main pillars of the state economy. In figures, tourism contributes 11.7% of GDP, which is a substantial source of income, as well as being a constant source of employment. In this sense, in addition to maintaining this status or climbing positions in the sector, quality tourism must be offered, with quality products and, consequently, with quality multilingual information. The international dissemination of this tourist practice requires experts in terminology and translation that can guarantee the correct transfer of information and contribute to increasing the number of visitors on an international scale, for which the present study focuses on the importance of studying the related terminology with oil tourism. With this, a German-Spanish contrastive analysis of the terms and their context is carried out with the purpose of presenting the difficulties and emerging translation problems in these types of texts. Finally, a series of final conclusions will be presented on the practice of olive oil tourism and translation in Spain, a country where EVOO is, especially in some regions, one of the main economic engines, as well as being a cultural and gastronomic sign.

**Keywords:** EVOO; oil tourism; translation problems; translation difficulties; contrastive analysis.

## 1. Estado de la cuestión y objetivos

La Organización Mundial del Turismo (en adelante, OMT) considera un elemento clave en un modelo turístico que se considere sostenible la preservación de la biodiversidad y los recursos naturales de la región. Por ello, con el propósito de trazar un plan que contribuya a la consecución de los ODS de la Agenda 2030 de Naciones Unidas, el gobierno español pretende, mediante la Estrategia de Turismo Sostenible de España 2030, la involucración y participación activa de las comunidades autónomas con el sector. Afortunadamente, son cada vez más los ejemplos de turismo sostenible en el mundo que han sabido consolidarse con una oferta para hacer y consumir turismo de una forma más respetuosa:

El turismo sostenible tiene que estar basado en un proceso de cambio cualitativo producto de la voluntad política que, con la participación imprescindible de la población local, el marco institucional y legal, así como los instrumentos de la planificación y gestión, a un desarrollo turístico basado en un equilibrio entre la preservación del patrimonio natural y cultural, la viabilidad económica del turismo y la equidad social del desarrollo. (Ivars, 2001, p. 11)

Esta conceptualización del turismo sostenible en el marco institucional afirma que este emerge como un proceso de cambio en el que se debe implementar una planificación política, económica, social, ambiental y legal. Por tanto, dicho marco debe regularizar esta actividad con las buenas prácticas de gestión, sin olvidar el equilibrio entre los tres pilares básicos que delimita Cardoso (2007): la sostenibilidad económica, pues el destino con vocación turística aporta un desarrollo económico duradero a la comunidad involucrada; la sostenibilidad ambiental, que fomenta la conservación y cuidado del entorno natural para que no sufra daños irreversibles; y la sostenibilidad social-cultural, que favorece el acercamiento entre los turistas y la cultura existente en el destino turístico dentro de un marco de intercambio cultural que evita el impacto negativo en las comunidades.

Por ello, para la realización de nuestro estudio partimos de la premisa de que la competencia traductora y el conocimiento de los aspectos lingüístico-culturales influyen de forma directa en la transferencia del conocimiento oleícola con fines turísticos y comerciales y se pretenden alcanzar los siguientes objetivos: por un lado, establecer una relación de los problemas y dificultades de traducción hallados en la terminología del turismo, en general, y del oleoturismo, en particular; por otro, estudiar la conceptualización de nuevos términos turísticos, los ítems simbólicos culturales y aquellos términos que comparten valores en materia de sostenibilidad y desarrollo en español y alemán.

## 2. ¿Qué es el oleoturismo?: Conceptualización y práctica en España

El oleoturismo se ha estudiado desde numerosos ámbitos de especialidad: investigaciones sobre aceite de oliva y economía, gastronomía o historia (Agudo Gutiérrez, 2010; Campón, Leco, Pérez y Hernández, 2010; Ruiz Guerra, Molina Moreno & Martín López, 2011; Millán Vásquez de la Torre, Amador Hidalgo, & Arjona Fuentes, 2015, o investigaciones que combinan el aceite de oliva y la olivicultura desde un enfoque lingüístico (El Ghalayini & Fendri, 2018; Medina & de las Montañas, 2019); sin embargo, no hemos encontrado estudios que establezcan una relación entre la traducción y el oleoturismo, modalidad que presenta experiencias gastronómicas en las que el AOVE y la aceituna de mesa son los protagonistas.

El oleoturismo ha surgido como una práctica turística semejante al enoturismo o al agroturismo y consiste en la transmisión de aquellas actividades de carácter cultural que giran en torno a las poblaciones oleícolas. Transferir la cultura del olivo es uno de los objetivos principales, por tanto, se promueven fiestas y ferias comerciales en las que el producto central es el aceite de oliva. Esta modalidad turística ha propiciado una mayor inmersión del turista, que por lo general suele ser un perfil internacional, en las tradiciones y celebraciones populares desarrolladas en ciertas localidades productoras y puede definirse de la siguiente forma:

El oleoturismo, haciendo este concepto referencia a una novedosa práctica turística que tiene como motivación todo lo relacionado con el aceite de oliva y los recursos relacionados con el olivar, como pueden ser el agua, el terreno, así como otras especies de fauna y flora. Son por tanto elementos clave el clima, demanda turística, paisaje, a la hora de determinar la oferta y la demanda del oleoturismo, el cual nace bajo el exitoso ejemplo del enoturismo. (Moral *et al.*, 2014, p. 31)

Millán Vásquez de la Torre *et al.* (2015) delimitan una serie de actividades que se relacionan de forma directa con esta nueva concepción turística. En primer lugar, prima en el sector la contratación de visitas guiadas a almazaras, viejos molinos, haciendas, cortijos, oleotecas o museos del aceite con el objeto fundamental de conocer el proceso de producción del aceite de oliva. Existe también la opción de concertar visitas guiadas a las propias explotaciones agrarias de las principales zonas productoras para así apreciar el procedimiento y las técnicas empleadas en la recolecta del fruto. De hecho, se promueven rutas a pie, en bicicleta o en otro tipo de vehículos para conocer el terreno del olivar y disfrutar de la belleza paisajística.

Por último, para Ruiz *et al.* (2011), la creación y consolidación de una imagen turística se sustenta en el estilo de vida y los aspectos culturales de sus habitantes. En este sentido, mediante la promoción turística del olivo y su cultura se dan a

conocer las novedosas prácticas tecnológicas por las que se produce el aceite de oliva, además de alojamientos rurales, restaurantes y pueblos oleícolas tradicionales.

### **3. Problemas y dificultades de traducción en el marco del oleoturismo**

Son múltiples los autores que han intentado dar respuesta a la delimitación de problema de traducción y dificultad de traducción. La barrera teórica que divide estas expresiones resulta borrosa según determinadas definiciones, lo que también se evidencia en los textos turísticos. La autora Durán Muñoz (2012) es pionera en realizar una distinción entre los “problemas” y las “dificultades” de traducción emergentes en los textos turísticos. Por un lado, concibe los problemas de traducción como “intrínsecos del discurso turístico”, es decir, propios de este tipo de discurso en el que las circunstancias extralingüísticas no influyen. Por otro, especifica que las dificultades traductológicas dependen enteramente del contexto en el que se enmarque la traducción, destacando así el encargo encomendado o las competencias del traductor, entre otros. Así, realiza la siguiente clasificación en problemas y dificultades de traducción:

- Problemas de traducción: subordinación de la traducción turística y falta de información; frases ambiguas o de doble sentido; culturemas; *Ökosprache*; lenguaje positivo y poético ininterrumpido; lenguaje confuso del TO.
- Dificultades de traducción: nombres propios de personas o instituciones; topónimos; traducción inversa; neologismos; fuentes de referencia.

#### **3.1. Los culturemas como problema de traducción**

En Montes (2020) se estudia el concepto “culturema” desde diferentes perspectivas. Molina, por ejemplo, especifica que un culturema es “un elemento verbal o paraverbal que tiene una carga cultural específica en una cultura y que al entrar en contacto con otra cultura a través de la traducción puede provocar un problema de índole cultural entre los textos origen y meta” (2006, p. 79). Sin embargo, el tratamiento de este “léxico patrimonial” conlleva una gran carga cultural que alude a elementos antropológicos, artísticos, históricos, etnológicos o sociales, entre otros.

La traducción de referentes culturales presenta una multitud de dificultades no solo en la práctica, sino en la revisión bibliográfica de los estudios destinados a este campo. Los dos referentes principales en el estudio de los culturemas son Nida y Newmark (1945). Según el primero, los referentes culturales son un problema de traducción que se basa en la cuestión de la equivalencia y diferencia diversos tipos: problemas de ecología, de cultura religiosa, de cultura material, de cultura social y de cultura lingüística. Más tarde, en la década de los 80, Newmark (1981) presenta un

conjunto de procedimientos de traducción para transferir los elementos culturales de la lengua A a la lengua B. Especifica que es el traductor el que debe elegir, de no ser haber un equivalente de traducción, entre las distintas opciones de transcripción de una palabra extranjera, su traducción, la naturalización de la palabra con un préstamo, su sustitución, o incluso el incluir un sufijo de la propia lengua.

Si seguimos la teoría de Katan (1999), que se aleja de la clasificación de Nida y Newmark, se distinguen seis dominios: 1) el entorno; 2) la conducta; 3) las capacidades, Técnicas y habilidades para comunicarse; 4) los valores; 5) las creencias; y 6) la identidad. El autor afirma que los aspectos de la cultura operan así en todos los niveles, lo que hace destacar en este estudio principalmente el primero de ellos (entorno), cuyos elementos influyen en la conducta referente a la cultura: el entorno físico, el entorno ideológico, el clima, el espacio, las viviendas y construcciones, la manera de vestir, los olores, la comida, las divisiones y marcos temporales.

### **3.2. La *Ökosprache* como problema de traducción**

Según Martí (2006), la *Ökosprache* o “lengua ecológica” es muy común en la lengua inglesa, así como en la alemana. Pese a que es cierto que la cultura germanoparlante está muy vinculada al reciclaje, la ecología y la protección del medio ambiente, lo que implica que dentro del discurso turístico haya surgido esta modalidad:

Este hecho hace que cuenten con numerosos términos dentro del discurso turístico relacionados con este aspecto: *Ökoreisen*, *Ökotourismus*, *naturnah*, *verkehrberuhigt*, *alternativ Begrünung*, *eco-tourism*, *green tourism*, *eco-escape*, *eco friendly travel*, *eco holidays*, etc. (Durán Muñoz, 2012, p. 111)

En la presente cita se mencionaban términos relacionados con el turismo ecológico. No obstante, dicha terminología en español puede no tener un equivalente acuñado en alemán en la actualidad o viceversa, por lo que corresponde al traductor encontrar la forma de realizar este trasvase de la manera más aproximada posible, teniendo en cuenta el contexto turístico en el que se engloba para que llame la atención del receptor del texto meta sin resultar algo aislado para este.

### **3.3. Los neologismos como dificultad de traducción**

El término ‘neologismo’ proviene del prefijo griego “neo”, que significa ‘nuevo’ y del vocablo ‘logos’, también de procedencia griega, que significa ‘verbo, palabra’ y, según lo recoge el *Diccionario de la Real Academia Española*, un neologismo es un “vocablo, acepción o giro nuevo en una lengua”. Así pues, la neología, “entendida en el sentido estricto como innovación en el plano léxico-semántico, es

sin duda una de las caras más visibles de la creatividad lingüística” (Montoro del Arco, 2012, p. 9).

En el lenguaje turístico, la innovación neológica ejerce un papel fundamental, pues se pretende adaptar el lenguaje al rápido desarrollo de los fenómenos sociales de mayor actualidad. Según Durán Muñoz (2012), el traductor debe contar con la formación precisa para ser capaz de formar unidades válidas a nivel morfológico en la lengua de llegada.

## 4. Metodología del estudio

La metodología de la presente investigación parte del análisis de los documentos compilados con el objeto de identificar los problemas y dificultades resultantes del proceso de traducción. Para ello, los textos agrupados son guías turísticas, documentos que incorporan detalles sobre itinerarios de viaje específicos, facilitan alojamientos, direcciones, restaurantes, números de teléfono, direcciones, etc., y se acompañan de imágenes.

### 4.1. Presentación del corpus

Los documentos analizados para realizar la presente investigación han sido emitidos por una administración pública en la combinación lingüística español-alemán. Se trata, por un lado, de *La Guía de la Andalucía insólita (2021)*<sup>33</sup> (en alemán, *Leitfaden durch das Andalucía außergewöhnliche*). Dicha guía es un documento de promoción turística editado por la Consejería de Turismo, Regeneración, Justicia y Administración que pretende mostrar destinos diferentes, insólitos y desconocidos de Andalucía para promover un turismo sostenible y de calidad en lugares de la región menos habituales. En total, el documento se compone de 65913 vocablos en español y 61404 en alemán, lo que evidencia una amplia extensión de estudio tanto a nivel terminológico como en el plano traductológico.

Por otro lado, se trabaja con el documento *Andalucía Destino MICE*<sup>34</sup> (*Andalucía MICE Zielort*). Ese documento, editado por la Consejería de Turismo, Regeneración, Justicia y Administración Local de la Junta de Andalucía, fue publicado en el 2019 en español, inglés, francés y alemán. En ella se destacan los atractivos que hacen de Andalucía un referente internacional del turismo de congresos, incentivos y reuniones, a la vez que se dota a los profesionales del sector de herramientas necesarias para su comercialización. Todo ello, dentro del marco de desarrollo sostenible impulsado por la Unión Europea y la red “Andalucía se mueve con

---

<sup>33</sup> Recurso disponible en el siguiente enlace:  
<https://www.juntadeandalucia.es/servicios/publicaciones/detalle/80263.html>

<sup>34</sup> Recurso disponible en el siguiente enlace:  
<https://www.juntadeandalucia.es/servicios/publicaciones/detalle/79514.html#toc-informaci-n-general>

Europa”. En este caso en concreto, la guía se compone de 96 páginas, lo que supone un total de 10 808 vocablos en español. En su traducción al alemán, la suma de páginas es de 110 páginas, lo que supone un total de 9 507 palabras.

#### 4.2. Metodología del análisis

En este estudio, siguiendo la clasificación establecida por Durán Muñoz (2012), se estudian los documentos clasificando los términos seleccionados según sean culturemas, *Ökosprache* y neologismos en el marco del oleoturismo. En este sentido, se presenta la siguiente clasificación en la Tabla 1:

CULTUREMAS	ÖKOSPRACHE	NEOLOGISMOS
Almazara	Ecoalbergue	Agroturismo
Cortijo	Ecosostenible	Oleoturismo
Hacienda	Ecoturismo	Turismo de naturaleza
Lagar	Ecoturista	Turismo de salud
		Turismo sostenible

Tabla 1: Extracción terminológica (elaboración propia a partir del corpus)

Luego, siguiendo una metodología similar a Szymy’slik (2018), se presenta la investigación traslativa basada en el análisis contrastivo de diversos ejemplos de términos relacionados con el oleoturismo y emitidos por instituciones regionales como la Junta de Andalucía. Se presenta el análisis de dos de los términos clasificados en cada uno de los tres subconjuntos, pues el estudio se adapta a los parámetros de extensión establecidos. También se acude al recurso electrónico NEOMA (*Actualización del léxico del español en la prensa de Murcia y Alicante*), herramienta que facilita la búsqueda de neologismos mediante tres vías: marca temática, categoría gramatical o procedimiento de formación, lo que facilita el proceso de extracción terminológica según parámetros como las siguientes marcas temáticas: “Turismo y ocio [TUR. y OC.]” y “Ecología [ECOL.]”.

Así, se presenta el análisis de estos términos junto con una conceptualización, el procedimiento de formación (en el caso de los neologismos), el contexto de uso en ambas lenguas y la fuente de vaciado. Además, se identifican las variantes denominativas<sup>35</sup> de un mismo concepto en algunos de los casos analizados, siendo la variación terminológica, en especial la denominación, un fenómeno inherente al lenguaje especializado. Por último, se procede a presentar una serie de deducciones contrastadas con datos objetivos dentro de un contexto internacional y fiable.

<sup>35</sup> La variación denominativa puede definirse, *grosso modo*, como la utilización de denominaciones distintas para referirse a un mismo concepto (Moreira & Costa, 2018, p. 13).

## 5. Análisis de los problemas y dificultades de traducción relacionados con el oleoturismo

### 5.1. Culturemas

En la Tabla 2 puede observarse el análisis del término ‘cortijo’, en español, cuyo equivalente en alemán es *Bauernhäuser*. Este es el equivalente preciso para referirse a este concepto, pese que puede observarse en otros contextos el empleo del término *Landhaus*, compuesto por el sustantivo *Land* y el segundo sustantivo *Haus*, que se refiere de forma exclusiva a la construcción, no a todo el conjunto de la finca rural. Según la definición ofrecida por la RAE, un cortijo, vocablo que procede de corte, es una “finca rústica con vivienda y dependencias adecuadas, típica de amplias zonas de la España meridional”. Sin embargo, autores como Terencio y Marcos (1990) van más allá y mencionan que el término proviene del latín vulgar *cohorticulum*, diminutivo de *cohors*, lo que en español significa ‘cohorte’, ‘patio’ o ‘corral’.

	ES	DE
<b>Término</b>	Cortijo	Bauernhäuser
<b>Contexto</b>	Luque y Carcabuey comparten un recorrido de casi 18 km Dificultad media para descubrir los cortados, farallones rocosos donde anidan muchos buitres leonados. Cortijos abandonados y senderos nos llevan al corazón del Parque Natural, visitando el poljé de la Nava de Luque	Luque und Carcabuey teilen sich eine Strecke von fast 18 km Mittlerer Schwierigkeitsgrad, um die felsigen Steilwände und Vorsprünge zu entdecken, in denen viele Gänsegeier nisten Verlassene Bauernhäuser und Pfade führen uns in das Herz des Naturparks zum Polje von La Nava de Luque.
<b>Fuente</b>	Guía de la Andalucía insólita (p. 54).	Leitfaden durch das Andalucía außergewöhnliche (p. 54).

Tabla 2: Culturema 1

Según Montes (2020), el término ‘almazara’ se emplea principalmente en la región andaluza, lo que permite observar la diversidad lingüística existente en España dependiendo de la zona geográfica en la que se emplea. Por ejemplo, en Navarra, La Rioja o Aragón se emplea ‘trujal’ para hacer referencia al molino de aceite, mientras que en Mallorca se denomina ‘tafona’ y en la Comunidad Valenciana ‘almassera’. Una almazara es definida por la RAE como un molino de aceite que procede directamente del árabe hispánico *alma’sára*, y este a su vez del árabe clásico *ma’sarah*, “lugar donde se exprime”. Por lo general, dichas instalaciones se componen por lo general de tres espacios de trabajo que dejan diferenciar los diferentes procesos de producción: un

patio de recepción, una nave de elaboración y una bodega. Cabe destacar que, tal y como puede verse en la Tabla 3, el equivalente correcto del término ‘almazara’ es *Ölmühle*. En su significado se especifica que los productos que se tratan son exclusivamente la aceituna y el aceite de oliva, aunque en casos determinados puede aparecer *Ölpress* (lagar) que hace uso de la técnica de la generalización en este contexto específico.

	ES	DE
<b>Término</b>	Almazara	Ölmühlen
<b>Contexto</b>	Aromas de almazaras y de aceitunas molidas llenas del vigor montaño, y hacen a los AOVE, DOP de la Subbética, tan especiales.	In der Luft liegt der Duft von Ölmühlen und gemahlene Oliven voller gebirgiger Vitalität, und das Ergebnis ist ein ganz besonderes natives Olivenöl extra mit g U aus der Subbética.
<b>Fuente</b>	Guía de la Andalucía insólita (p. 57).	Leitfaden durch das Andalusien außergewöhnliche (p. 57).

Tabla 3: Culturema 2

## 5.2. Ökosprache

El sustantivo ‘ecomuseo’ se ha creado por composición culta, mediante el prefijo eco- (de ‘ecología’) y el sustantivo ‘museo’ (véase Tabla 4). El equivalente en alemán es el término *Ökomuseum*, compuesto por el formante *Öko-* y el sustantivo *Museum*. El concepto, según el tesaurus del Patrimonio Cultural de España<sup>36</sup>, se adaptó en Francia en el año 1971 y se define como “un museo al aire libre, como un ejemplo de relación del museo con su patrimonio natural, su entorno, al que trata de llevar la atención cultural”. Según Sanmartín (2016), el elemento compositivo culto eco- que en un primer momento significaba “medio ambiente” ha variado. Ahora, como si fuese una estructura polisémica, se ha incorporado un nuevo matiz que alude al “respeto al medio ambiente” y también lo ha aceptado el adjetivo ecológico. Ante esta situación, autores como Casado (1999) exponen que se trata de una homonimia, pues el formante prefijal eco- con el sentido de “protección del medio ambiente” proviene del acortamiento de los conceptos ecología o ecológico y, a su vez, se ajusta al formante griego *οἶκος* que ha dado lugar a la voz ecología y que en la antigüedad únicamente tenía el sentido de “ámbito vital o medio ambiente”. Otros autores hablan de su caracterización como formante en “compuestos híbridos” (Freixa & Solé, 2004 o Adelstein, 1998), ya que se trata de un educto compuesto por dos voces

<sup>36</sup> Recurso disponible en el siguiente enlace: <http://tesauros.mecd.es/tesauros/bienes culturales/1006824.html>

del español (atendiendo a eco- con su segunda aceptación), por lo que no sería un formante culto en este caso.

	ES	DE
<b>Término</b>	Ecomuseo	Ökomuseum
<b>Contexto</b>	Almedinilla aporta el aroma del aceite cultivado, incluso antes de la época romana. Una visita al ecomuseo del río Caicena y a la sala del aceite nos enseñará mucho.	In Almedinilla wurde schon vor der Römerzeit Olivenöl erzeugt. Im Ökomuseum am Fluss Caicena und dem zugehörigen Ölsaal können wir viel Wissenswertes erfahren.
<b>Fuente</b>	Guía de la Andalucía insólita (p. 60).	Leitfaden durch das Andalucía außergewöhnliche (p. 60).

Tabla 4: Ökosprache 1

El término analizado *Ökotourismus* (véase Tabla 5) está compuesto por el formante *Öko-* y el sustantivo *Tourismus*. El concepto *Ökologischem Tourismus* es equivalente del término inglés *ecological tourism* o, en español, de turismo ecológico o ecoturismo, entendiéndose en este caso como variantes denominativas. Asimismo, como alternativa al medio ambiente, existen los conceptos de turismo blando (*sanfter Tourismus*) o turismo ecológico (*ökologisch*), que significa respetuoso con la naturaleza (*naturschonend*), consciente del medio ambiente (*umweltbewusst*) o antiindustrial (*antiindustriell*).

Alternativer Tourismus ist ein Sammelbegriff für viele Formen themenbezogenen Reisens, von den Fasten- oder Meditationsreisen über die Fahrradtouren oder Töpferkurs-Aufenthalte bis zur Dschungelboot- oder Trekkingtour. Generell ist „Alternativtourismus“ ein eher vager, übergeordneter Begriff, der nichts über die Umweltorientierung des Angebots aussagt. Ökologischem Tourismus entspricht das Wort *ecological Tourism*. Andere Wörter dafür sind auch *Öko-Tourismus* und *sanfter Tourismus* (Martí, 2016, p.7).

Según Martí (2016), las combinaciones de palabras con el formante *Öko-* aluden generalmente a aquello que tiene que ver con la producción, la investigación y las acciones tradicionales. En alemán, no obstante, se emplea en ocasiones el concepto *Alternativer Tourismus* (turismo alternativo) al tratarse de un término colectivo y, en cierto modo, algo vago, que hace referencia a multitud de temáticas de viaje.

En español, este concepto se crea a partir del formante eco- + sustantivo determinado “turismo” y es definido por la RAE como aquel “turismo con el que se pretende hacer compatibles el disfrute de la naturaleza y el respeto al equilibrio del medio ambiente”. Respecto a la conceptualización del ecoturismo, debe destacarse que es un concepto ligado a la ecología, a la naturaleza, al medio ambiente o a la cultura local en beneficio de la comunidad, mientras que el turismo sostenible se vincula a la sostenibilidad y la conservación cultural y va más allá del ecoturismo, agrupando un abanico amplio de modalidades.

	ES	DE
<b>Término</b>	Ecoturismo	Ökotourismus
<b>Contexto</b>	Su espacios naturales y paisajes son perfectos para la práctica de ecoturismo y la observación de la naturaleza.	Die natürlichen Räume und Landschaften eignen sich perfekt für den Ökotourismus und die Beobachtung der Natur.
<b>Fuente</b>	<i>Guía de la Andalucía insólita</i> (p. 90).	<i>Leitfaden durch das Andalusia außergewöhnliche</i> (p. 90).

Tabla 5: Ökosprache 2

### 5.3. Neologismos

El equivalente en alemán de “turismo sostenible”, un neologismo formado por sintagmación de los vocablos “turismo” y el adjetivo “sostenible”, es *nachhaltiger Tourismus*. La sostenibilidad es una palabra clave dentro del turismo sostenible y significa ser capaz de sostener o continuar al mismo nivel una acción o actividad, lo que puede aplicarse tanto al plano económico como ambiental. Según la Fundéu, en español se pueden emplear de forma indistinta tanto el adjetivo “sostenible” como “sustentable” para hacer referencia al modelo de desarrollo consciente de la necesidad de no agotar los recursos; sin embargo, “sustentable” se emplea mayoritariamente en el continente americano, mientras que “sostenible” es más usado en España. Esto se debe a que el vocablo “sustentable” no se incluye en la 23.<sup>a</sup> edición del diccionario académico con el significado de “que se puede mantener durante largo tiempo sin agotar los recursos o causar grave daño al medio ambiente”, que es la que coincide con la aceptación de “sostenible” en España. El significado único con el que se recoge es “que se puede sustentar o defender con razones”, siendo este de amplio uso fundamentalmente en el español americano.

Aproximadamente veinte años atrás, la OMT (1998) definió al turismo sostenible como aquel que “atiende a las necesidades de los turistas actuales y de las regiones receptoras y al mismo tiempo protege y fomenta las oportunidades para el futuro” (p. 22). Este tipo de turismo, además, se percibe como un medio hacia la

gestión de los recursos, en aras de complacer “las necesidades económicas, sociales y estéticas, respetando al mismo tiempo, la integridad cultural, los procesos ecológicos esenciales, la diversidad biológica 2006 y los sistemas que sostienen la vida” (p. 22). No obstante, esta definición contrasta con otras aportadas que enfocaban el turismo sostenible como un modelo económico que se fundamentaba en recursos culturales y naturales. Wearing (1999) describe el turismo sostenible como “aquel que reporta beneficios económicos al tiempo que mantiene la diversidad y la calidad ecológica, es decir conjuga la conservación con el desarrollo económico” (p. 57). En este sentido, la actividad turística se organiza en torno de la perspectiva de los ciudadanos, empresarios, turistas y la misma administración pública. Por tanto, la definición definitiva fijada por la OMT para el turismo sostenible es que se trata de “aquel turismo que tiene plenamente en cuenta las repercusiones actuales y futuras, económicas, sociales y medioambientales para satisfacer las necesidades de los visitantes, de la industria, del entorno y de las comunidades anfitrionas”<sup>37</sup>.

	ES	DE
<b>Término</b>	Turismo sostenible	nachhaltiger Tourismus
<b>Contexto</b>	Esta guía se propone precisamente eso, mostrar destinos diferentes, insólitos y desconocidos de Andalucía para promover un turismo sostenible y de calidad, en lugares de la región menos habituales.	Dieser Reiseführer hat das Ziel, unterschiedliche außergewöhnliche und unbekannte Ziele in Andalusien vorzustellen, um einen nachhaltigen und qualitativ hochwertigen Tourismus an weniger bekannten Orten in der Region zu fördern.
<b>Fuente</b>	<i>Guía de la Andalucía insólita</i> (p. 2).	<i>Leitfaden durch das Andalusía außergewöhnliche</i> (p. 2).

Tabla 6: Neologismo 1

El concepto ‘oleoterapia’ es un sustantivo creado por composición culta, mediante el prefijo oleo- (del latín *oleum*) y el sustantivo ‘terapia’. Esta antigua práctica surgida en Egipto hace referencia a las diferentes aplicaciones que se le da al aceite con fines terapéuticos y de cuidado corporal. En español existen variantes denominativas como el término ‘olivaterapia’. El equivalente empleado en esta traducción al alemán, tal y como puede observarse en la Tabla 7, es el neologismo *Oleotherapie* integrado por el prefijo culto *Oleum-* y el sustantivo *Therapie*. Sin

<sup>37</sup> Extraído de: <https://www.unwto.org/es/desarrollo-sostenible>

embargo, no está acuñado en la lengua de llegada, pues generalmente se recurre a la forma en inglés *oleotherapy* para la promoción de esta actividad turística.

	ES	DE
<b>Término</b>	Oleoterapia	Oleotherapie
<b>Contexto</b>	Centros termales, modernos hoteles con spa y balnearios de aguas minero medicinales ofrecen experiencias relacionadas con el bienestar físico y mental, la quietud y relax después de una intensa jornada de trabajo: oleoterapia, talleres de risoterapia, meditación, yoga...	Thermen, moderne Hotels mit Spa und Kurbäder aus Heilquellwasser bieten im Zusammenhang mit körperlichem und geistigem Wohlbefinden, Stille und Entspannung nach einem anstrengenden Tag der Arbeit: Oleotherapie, Lachtherapie-Workshops, Meditation, Yoga ...
<b>Fuente</b>	Andalucía DESTINO MICE (p. 69).	Andalucía MICE ZIEHLORT (p. 69).

Tabla 7: Neologismo 2

## 6. Conclusiones

La figura del traductor e intérprete actúa como mediador del texto oleoturístico al trabajar con textos pertenecientes a campos semánticos como la gastronomía, que tiene una fuerte presencia de culturemas, por ejemplo, seguido de las construcciones y viviendas. Además, el sector turístico es una fuente inagotable de creación léxica. A esto se suma que la apuesta por destinos que se alejen del típico turismo de sol y playa está ganando terreno, fomentando el desarrollo de un turismo sostenible y ecológico, así como de su terminología, lo que afecta de lleno a la submodalidad del oleoturismo. Ha quedado evidenciado que en este sector no están implicados solo factores gastronómicos o turísticos, sino también culturales y económicos que impacta en el desarrollo de aquellas comarcas que se dedican a la recolección, producción y comercialización del oro líquido andaluz, tesoro cultural del país, lo que reitera la competencia lingüístico cultural de los profesionales que trasladan su información.

En cuanto a la investigación translativa basada en el análisis contrastivo, enfatizamos en el hecho de que la lengua alemana es una lengua altamente productiva, pues posee mecanismos de formación de vocablos que ayudan a encontrar la equivalencia más apropiada para la traducción de los textos. La variación español-alemán en los mecanismos de creación léxica debe estar presente en lo que concierne a la terminología del oleoturismo, en particular, o del turismo sostenible, en general. Los neologismos y culturemas se emplean con fines expresivos y

persuasivos que también pretenden llevar a cabo la economía lingüística, pues tienen como fin a su vez adaptarse a esta evolución conocida como *Ökosprache*.

## Bibliografía

- Agudo Gutiérrez, E. M. (2010). *Nuevas modalidades de turismo en un entorno rural: enoturismo y oleoturismo. Análisis del perfil del consumidor de turismo gastronómico*. Universidad de Córdoba.
- Campón, A. M., Leco, F., Pérez A. & Hernández, J. M. (2010). Agroturismo en Extremadura: una oportunidad para la diversificación económica de las áreas rurales. *Territorio, paisaje y patrimonio rural: Actas del XV Coloquio de Geografía Rural: Cáceres* (pp. 466-476). Servicio de publicaciones. Disponible en: [http://age.ieg.csic.es/geografia\\_rural/Actividades%20de%20grupo/Documentos/XVColoquio\\_Caceres%202010/Comunicaciones/contenido/3%C2%AA%20oponencia%20pdf/3.3.pdf](http://age.ieg.csic.es/geografia_rural/Actividades%20de%20grupo/Documentos/XVColoquio_Caceres%202010/Comunicaciones/contenido/3%C2%AA%20oponencia%20pdf/3.3.pdf)
- Cardoso Jiménez, C. (2007). Turismo sostenible: una revisión conceptual aplicada, *El Periplo Sustentable*, 11, 5-21.
- Casado, M. (1999). Otros procesos morfológicos: Acortamientos, formación de siglas y acrónimos. *Bosque y V. Demonte*, 3, 5075-5096.
- Durán Muñoz, I. (2012). Caracterización de la traducción turística: problemas, dificultades y posibles soluciones. *Revista de Lingüística y Lenguas Aplicadas*, 7, 103-113.
- El Ghalayini, Y. & Fendri, M. (2018). Mecanismos metafóricos en el léxico de la cata de aceite de oliva en español. *Language Design*, 20, 41-56.
- Hurtado Albir, A. (2001). *Traducción y traductología, introducción a la traductología*. Cátedra.
- Katan, D. (1999). *Traslating Cultures. An Introduction for Translators, Interpreters and Mediators*. St. Jerome.
- Luque Janodet, F. (2018). Estudio de los procesos de creación léxica en el ámbito oleoturístico (francés-español). *Futhark*, 13, 79-90.
- Martí Marco, M. R. (2006). *Ökosprache im Tourismus. La especialización lingüística en el ámbito del turismo*. Junta de Andalucía, Conserjería de Turismo, Comercio y Deporte, *Colección Estudios lingüísticos y turismo*, 1, 1-17.
- Medina Reguera, A. M., & de las Montañas Ramírez-Delgado, C. (2019). Traducción de sitios web de empresas del sector del aceite de oliva: errores de localización. In *Nuevos estudios sobre traducción para el ámbito institucional y comercial*, 55-77. Peter Lang Publishing Group.
- Millán Vázquez de la Torre, M.G., Amador Hidalgo, L. & Arjona Fuentes, J. M. (2015).

- El oleoturismo: una alternativa para preservar los paisajes del olivar y promover el desarrollo rural y regional de Andalucía – España. *Revista de Geografía Norte Grande*, 60, 195-214. Disponible en <http://www.redalyc.org/pdf/300/30041118011.pdf>
- Ministerio de industria, Comercio y Turismo. (2022). *Turismo*. Disponible en: <https://turismo.gob.es/es-es/Paginas/Index.aspx> (Fecha de consulta: 20/01/2022)
- Molina, L. & Hurtado, A. (2002). Translation techniques revisited: a dynamic and functionalist approach. *Meta*, 47(4), 498-512.
- Montes Sánchez, A. (2020). Estudio sobre la traducción del léxico relacionado con la promoción oleoturística en Andalucía (español-alemán). *Onomazéin, Revista de lingüística, filología y traducción*, 7, 192-205. Disponible en [http://onomazein.letras.uc.cl/04\\_NumeroDescarga/NE7/DescargaNE7\\_11.html](http://onomazein.letras.uc.cl/04_NumeroDescarga/NE7/DescargaNE7_11.html)
- Montoro del Arco, E. (2012). Neología y creatividad lingüística. *Revista Quaderns de Filología*, 77, 399-402.
- Moral, S. Cañero, P., Orgaz, F. & López, T. (2014). Una aproximación al oleoturismo en Andalucía, España, *International Journal of World of Tourism*, 1(2), 29-40. Disponible en <https://institucional.us.es/revistas/IJWT/Vol.1N.2/4.pdf>
- Moreira, G.L.; Costa, L. A. (2018). Análisis de la variación denominativa del léxico del turismo en diccionarios de ELE. *Entrepalavras, Fortaleza*, 8, 10-29.
- Neoma. (2022). *Diccionario de neologismos del español actual*. [sitio web]. Disponible en <https://www.um.es/neologismos/> (Fecha de consulta: 20/01/2022)
- Newmark, P. (1981). *Approaches to translation*. Pergamon Press.
- Nida, E. (1945). Linguistics and Ethnology in Translation Problems. *Word* 1(2), 194-208.
- Nord, C. (1996). El error en la traducción: categorías y evaluación. *La enseñanza de la traducción*, 91-108.
- Organización Mundial del Turismo. (2022). *Desarrollo sostenible*. [sitio web]. Disponible en <https://www.unwto.org/es/desarrollo-sostenible> (Fecha de consulta: 20/01/2022)
- Ruiz Guerra, I., Molina Moreno, V. & Martín López, V. M. (2011). El oleoturismo como atractivo turístico en el medio rural español. *Papers de turisme*, 49-50, 89-103. Disponible en [https://www.researchgate.net/publication/295074391\\_El\\_oleoturismo\\_como\\_atractivo\\_turistico\\_en\\_el\\_medio\\_rural\\_espanol](https://www.researchgate.net/publication/295074391_El_oleoturismo_como_atractivo_turistico_en_el_medio_rural_espanol)
- Sanmartín, J. (2016). Sobre neología y contextos de uso: Análisis pragmatolingüístico de lo ecológico y de lo sostenible en normativas y páginas web de promoción turística. *Ibérica*, 31, 175-198.
- Szymy'slik, R. (2018). Estudio de la traducción de neologismos relacionados con la

- medicina en la literatura de ciencia ficción. *Panace@*. *Boletín de Medicina y Traducción*, 19(47), 89-95.
- Terencio Varron, M. & Marcos Casquero, M.A. (1990). *De lingua latina: edición bilingüe. Volumen 6 de Textos y Documentos. Clasicos del Pensamiento y de Las Ciencias*. Anthropos Editorial.
- Vásquez Bernal, J, Posada Arrubla, A. & Laytón Coy, P. (2010). Perspectiva del ecoturismo en el altiplano Cundiboyacense para conformar una red local. *Revista U.D.C.A Actualidad & Divulgación Científica*, 13(1), 147-156. Disponible en [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0123-42262010000100016](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-42262010000100016)
- Vinay, P. & Darbelnet, J. (1958). *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Didier.
- Wearing, S. (1999). *Ecoturismo: Impacto, tendencias y posibilidades*. Síntesis.
- Turismo de Andalucía. Disponible en <http://www.andalucia.org/es/> (Fecha de consulta: 20 de enero de 2022)

# Proyección de la(s) cultura(s) española(s) en Portugal. Análisis de la plataforma gubernamental SPAIN arts & culture

**Rebeca CASTAÑER BERENGUER**

*rcberenguer@gmail.com*

*Universidade de Lisboa*

*Portugal*

**Carlos PAZOS-JUSTO**

*carlospazos@elach.uminho.pt*

*Galabra-UMinho. Centro de Estudos Humanísticos*

*Portugal*

**Álvaro IRIARTE SANROMÁN**

*alvaro@elach.uminho.pt*

*Galabra-UMinho. Centro de Estudos Humanísticos*

*Portugal*

## Resumo

Partiendo del concepto de diplomacia cultural y considerando la diversidad cultural y lingüística hispánica, se pretende contribuir al análisis de la proyección de la(s) cultura(s) española(s) en Portugal. Para ello, se analizará cualitativa y cuantitativamente la programación cultural recogida en la plataforma *SPAIN arts & culture*<sup>38</sup>, promovida por el Gobierno español, relativa al periodo 2011-2020. Los objetivos específicos de esta investigación son: (i) identificar las líneas de fuerza de dicha programación, (ii) clasificar y caracterizar las propuestas culturales concretas, teniendo presente las lógicas de la denominada diplomacia cultural, de forma a (iii) poder contribuir significativamente a la caracterización de la proyección cultural de la(s) cultura(s) española(s) en Portugal durante la última década.

**Palabras clave:** Diplomacia cultural; *SPAIN arts & culture*; programación cultural; diversidad.

## Abstract

Taking the concept of cultural diplomacy as a starting point and considering Hispanic cultural and linguistic diversity, the aim is to contribute to the analysis of the influence of Spanish culture(s) in Portugal. For this purpose, the cultural programming for the period 2011-2020 gathered from the platform *SPAIN arts &*

---

<sup>38</sup> <https://www.spainculture.pt/>

culture\_ sponsored by the Spanish government, will be analyzed qualitatively and quantitatively. The specific aims of this investigation are: (i) to identify the principal trends of said programming, (ii) to classify and characterize the concrete cultural proposals, bearing in mind the logics of the so-called cultural diplomacy, so as to (iii) be able to make a significant contribution to the characterization of the cultural influence of Spanish culture(s) in Portugal during the past decade.

**Keywords:** Cultural diplomacy; *SPAIN arts & culture*; cultural events; diversity.

## 1. Introducción

El presente artículo es parte de nuestro trabajo sobre la proyección de la(s) cultura(s) española(s) en Portugal y con él pretendemos ampliar el espectro de estudio, alcanzado hasta el momento, en nuestras investigaciones en torno al análisis de la programación cultural del Instituto Cervantes de Lisboa, examinando en esta ocasión la plataforma gubernamental *SPAIN arts & culture*.

Según hemos apuntado en publicaciones anteriores (Pazos-Justo, Iriarte Sanromán & Castañer Berenguer, 2020; Castañer, 2020), encontramos algunos trabajos que ponen el foco en el papel que ocupa la lengua española en Portugal (Izquierdo, 2016; Ponce de León, 2014), así como otros centrados en cuestiones literarias e históricas (Valério, 2001; Magalhães, 2007) dentro de los denominados estudios ibéricos (Sáez & Pérez, 2018). No obstante, la presencia de la(s) cultura(s) española(s) en el panorama luso no ha tenido mucho protagonismo en cuanto a objeto de estudio se refiere, ya que no nos consta suficiente atención investigadora al respecto de la proyección cultural.

Fuera de Portugal, sin embargo, encontramos algunos estudios similares. Por ejemplo, autores como Vázquez (2011) inciden en la influencia que ejercen las entidades colaboradoras y patrocinadoras y su naturaleza (ya sean estas públicas o privadas) sobre el programa cultural. Otros, como Prieto-Gutiérrez y Rubio (2018) han analizado la diplomacia cultural a través del uso de las redes sociales. Ettahri (2015) centra su estudio en el análisis de la tipología de las actividades que conforman el programa cultural de los Institutos Cervantes de Marruecos, con el objetivo de establecer una relación entre la naturaleza de la actividad y la posible determinación que esta pueda ejercer a la hora de ser incluida o no en el programa.

Por ello, los objetivos que pretendemos con esta investigación son, primeramente, (i) identificar las líneas de fuerza de la programación cultural de la plataforma *SPAIN arts & culture*, para poder después (ii) clasificar y caracterizar las propuestas culturales concretas, teniendo presente las lógicas de la denominada diplomacia cultural. Y, por último, (iii) poder contribuir significativamente a la

caracterización de la proyección cultural de la(s) cultura(s) española(s) en Portugal durante la última década.

## **2. Presencia y entidades promotoras de la diplomacia cultural española en Portugal**

Desde un punto de vista de los estudios culturales, este estudio está englobado en el área de la diplomacia cultural (Milton Cummings, 2003 *apud Saddiki*, 2009, p. 109). La diplomacia cultural, también denominada *poder blando* (Delgado, 2014; Martín & Rius, 2016; Prieto-Gutiérrez & Rubio 2018; Menéndez, 2018), es concebida como un modo de mejorar la imagen exterior de los países y se encarga de lo que podríamos denominar metafóricamente como un trasvase cultural. Este trasvase es entendido como un intercambio artístico e intelectual entre Estados (o comunidades culturales).

Los resultados de trabajos anteriores, como el ya citado análisis de la programación cultural del Instituto Cervantes de Lisboa (Pazos-Justo, Iriarte & Castañer, 2020; Castañer, 2020), nos indican que la diplomacia cultural (en adelante, DC) tiene como objetivo proyectar la cultura de un país a otro mediante la difusión y programación de eventos culturales. Sin embargo, la DC no es unidireccional, ya que se percibe como un diálogo intercultural entre países. Partiendo de este diálogo intercultural que se pretende con la idea de DC, el estado español ha exportado la “identidad de marca, la imagen y la reputación de una nación” (Puebla, Asensio & Prieto, 2013, p. 41) a través de diferentes organismos y políticas de estado. En este sentido resulta esclarecedora la siguiente cita de Beloso (2010), que ofrece una síntesis sobre lo que supone la idea de la imagen de un país y la relación que esta guarda con la diplomacia cultural:

La gestió de marca d'un país és una eina per a la presa de decisions i un model organitzatiu, en el sentit que permet unir tots els actors clau per a dissenyar i desenvolupar una visió de futur i una estratègia de marca i, alhora, alliberar tota la seva creativitat per a construir-la i fer-la realitat, i mantenir-la actualitzada, única, atractiva, competitiva i viva en el temps. (Beloso, 2010, pp. 48-49)

Las entidades que participan de una manera u otra en la diplomacia cultural española en Portugal podrían dividirse según sea su naturaleza gubernamental o no. En cuanto a las organizaciones gubernamentales situamos, por un lado, al Gobierno de España y, por otro, a los gobiernos autonómicos, encargados de lo que conocemos como paradiplomacias culturales. Este concepto alude al hecho de llevar a cabo políticas culturales exteriores que siguen esquemas gubernamentales descentralizados (Martín & Rius, 2016).

Dependientes del Gobierno de España encontramos el Instituto Cervantes, la Consejería de Educación, la Consejería de Cultura, Acción Cultural Española, *Mostra Espanha* y *SPAIN arts & culture*. Entre las instituciones no gubernamentales, podemos destacar la Fundación Ramón Areces, la Fundación La Caixa o la Rede Galilusofonia, por citar algunos ejemplos.

### **2.1. SPAIN arts & culture**

*SPAIN arts & culture* es una plataforma gubernamental que tiene como objetivo divulgar y promover eventos y actividades culturales que tengan que ver con la cultura española y se desarrollen en todo el país, en este caso Portugal, a través de [www.spainculture.pt](http://www.spainculture.pt).

La plataforma cuenta, además, con una presencia activa en redes sociales (tiene una cuenta de *Instagram*, *Facebook* o/y *Twitter* en cada uno de los países en los que está presente) y, además, con la emisión de un boletín mensual. Asimismo, informa sobre becas, ayudas y premios ofrecidos por las diferentes instituciones españolas.

El tipo de contenido del que se nutre esta plataforma es, por un lado, programación propia y, por otro, programación organizada junto a la Consejería de Cultura. Pero también, se encarga de divulgar y promover en su página eventos que le llegan por otras vías; en definitiva: la página actúa como organizadora de eventos y como repositorio.

En el caso que nos ocupa, Portugal, la plataforma vuelca sus contenidos digitales en portugués y los organiza de manera visualmente alejada a lo que estamos acostumbrados como estrictamente gubernamental.

Esta plataforma institucional no opera solo en Portugal, sino que está presente en otros países como Reino Unido, Bélgica, Canadá y Estados Unidos (Washington y Nueva York) y, por el momento, cada uno de los dominios se gestiona de manera independiente. Con todo, según los datos obtenidos durante la entrevista exploratoria con los responsables, a la que aludiremos más adelante, no se descarta la creación de un nuevo dominio común y compartido para más adelante.

Por tanto, podemos considerar a la plataforma *SPAIN arts & culture* como un instrumento más de divulgación al servicio de la diplomacia cultural del Gobierno Español.

## **3. Marco teórico y metodológico**

La metodología que hemos seguido para realizar este estudio consta de una entrevista de diagnóstico y de un doble análisis de los datos que aparecen en la página web de la plataforma: manual y semiautomático.

El periodo de análisis comprende entre los años 2011 (fecha de inicio de la plataforma en Portugal) y 2021.

Para la realización de este análisis hemos construido un corpus, teniendo en cuenta, en primer lugar, las herramientas de filtrado de la propia página web y, en segundo lugar, poniendo en práctica un análisis semiautomático. Para ello, hemos realizado un vaciado de información de la página web a través de un *script en Perl* y el paquete de herramientas de *Linguakit* (Gamallo & García, 2017), que nos ha permitido, más allá de la extracción y cuantificación de lemas, otros análisis lexicométricos como la extracción de palabras clave y de entidades mencionadas.

Cabe destacar que, además de una extracción de datos automática a través de *Linguakit*, hemos realizado un proceso de categorización manual, puesto que muchos de los lemas se solapan, al aparecer reflejados tanto en español como en portugués.

### **3.1. Entrevista de diagnóstico**

El pasado 14 de septiembre de 2021 nos reunimos con la Consejera de Cultura de la Embajada de España en Lisboa y el Director del Instituto Cervantes de Lisboa para llevar a cabo una entrevista de diagnóstico. En esta reunión, realizada vía Zoom, pudimos obtener una serie de datos sobre la naturaleza y el funcionamiento de esta plataforma, *SPAIN arts & culture*, que nos ayudaron a perfilar nuestra investigación.

### **3.2. Corpus: SPAIN arts & culture**

A partir de la página principal de la plataforma *SPAIN arts & culture* Portugal hemos construido un corpus con los datos sobre los eventos culturales que en ella aparecen. La página cuenta con una serie de apartados como el de destacados ('destacados' en español), que contiene noticias de actualidad, un apartado con sus diferentes perfiles en redes sociales e Internet (la sección *Mantenha-se informado*), otro con información sobre proyectos digitales (*Projetos digitais*), según se aprecia en la Figura 1. En último lugar, en el margen inferior tenemos acceso a información adicional sobre concursos y ayudas, festivales y ferias, residencias, organizaciones, noticias en prensa y el contacto (*Quem somos*), como vemos en la Figura 2:

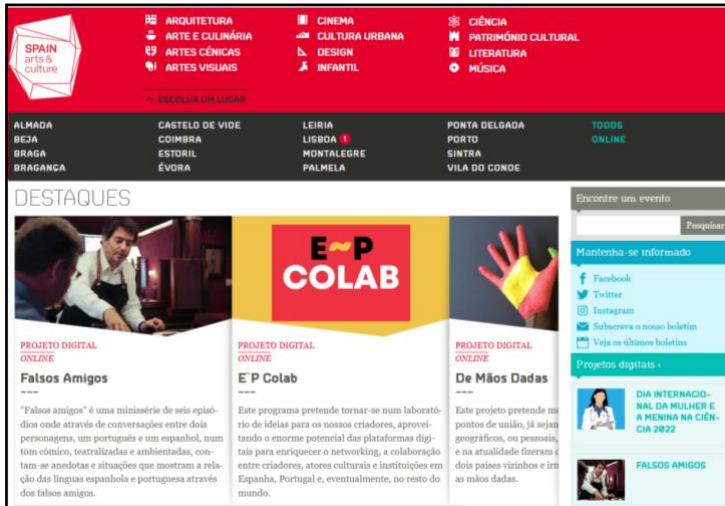


Figura 1: Página de inicio de la plataforma SPAIN arts & culture (fuente: www.spainculture.pt)



Figura 2: Información recogida en la parte inferior de la página de inicio de SPAIN arts & culture (fuente: www.spainculture.pt)

En cada uno de los eventos encontramos datos sobre su tipología, lugar en el que se realiza, instituciones que en él participan, fechas, precio, etc. Y la plataforma cuenta con una serie de mecanismos para filtrar esta información por lugares, temáticas o fecha de realización. En la Figura 3 se observa un ejemplo de los eventos culturales futuros recogidos en la plataforma.



Figura 3: Ejemplo de visualización de eventos culturales (fuente: [www.spainculture.pt](http://www.spainculture.pt))

A partir de esta información hemos contabilizado un total de 793 eventos registrados desde el año 2011 (año de inicio de la plataforma en Portugal) hasta el 31 de agosto de 2021. En este periodo debemos destacar el año 2019, justo antes de la Covid-19, como el año con más eventos registrados en toda la década analizada. Del mismo modo que en 2020 se observa un notable descenso consecuencia de la situación de aislamiento. Por otra parte, llama la atención la ausencia de eventos culturales registrados en la plataforma durante sus inicios (durante los dos primeros años 2011-2012). Véase el siguiente gráfico (Figura 4):

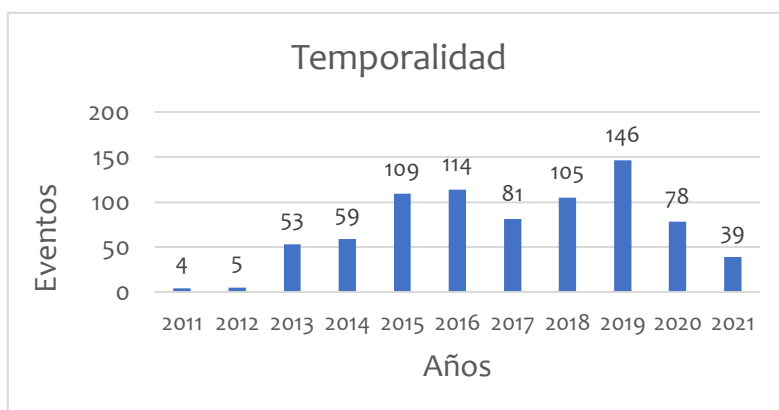


Figura 4: Gráfico sobre la temporalidad de eventos recogidos en SPAIN arts & culture (elaboración propia)

#### 4. Análisis de la oferta cultural de la plataforma SPAIN arts & culture

Para analizar la información que nos proporciona la herramienta [www.spainculture.pt](http://www.spainculture.pt) hemos tenido en cuenta los siguientes parámetros: la localización, es decir, el lugar donde se desarrollan los eventos; la temática, para poder describir su naturaleza; el precio; y las organizaciones que participan en las actividades culturales. Estos parámetros han sido examinados a través de un doble análisis: semiautomático, por una parte, y, por otra, teniendo en cuenta los mecanismos de filtrado de los que consta la propia plataforma. *SPAIN arts & culture* permite a cualquier usuario que desee consultar su programación acceder a todos sus eventos registrados pasados, presentes y futuros a través de un sistema de búsqueda por fecha de realización. Pero además, si el usuario lo desea, también puede consultar dichos eventos por medio del lugar en el que se han realizado o se habrán de realizar (Figura 5) o dependiendo de la temática (Figura 6). Esto nos ha permitido acceder más rápidamente a algunos datos para la construcción de nuestro corpus.



Figura 5: Sistema de filtrado por lugares (fuente: [www.spainculture.pt](http://www.spainculture.pt))



Figura 6: Sistema de filtrado por temática. (fuente: [www.spainculture.pt](http://www.spainculture.pt))

##### 4.1. Localización

Según el análisis realizado mediante los mecanismos de búsqueda de *SPAIN arts & culture*, los datos obtenidos muestran que, del total de los eventos registrados en su programación, más de la mitad (442) fueron realizados en la ciudad de Lisboa. El total de los eventos realizados en el distrito de Lisboa es de 498. Existe, además, una distancia considerable entre Lisboa y Oporto, las dos ciudades con mayor presencia, puesto que el volumen de eventos realizados en Lisboa es cerca de seis veces superior a la de Oporto. (Véase Figura 7, Gráfico *Localización* a partir del sistema de filtrado de *SPAIN arts & culture*).

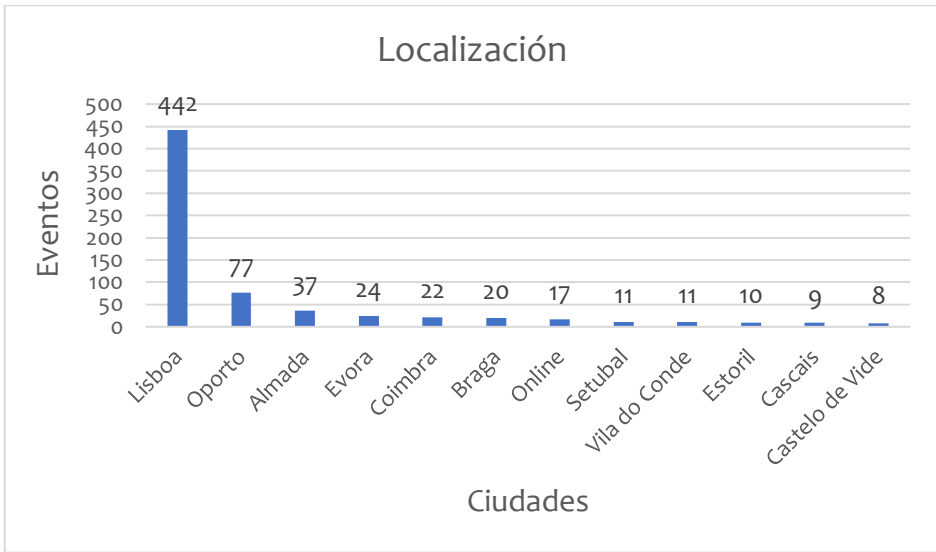


Figura 7: Gráfico *Localización* a partir del sistema de filtrado de *SPAIN arts & culture* (elaboración propia)

Por otro lado, en los gráficos siguientes<sup>39</sup> observamos los datos obtenidos del análisis semiautomático, relativos al parámetro de búsqueda Lugares, más concretamente *Ciudades de Portugal* (Figura 8) y *Ciudades de España* (Figura 9), respectivamente. En estos gráficos vemos cómo las dos capitales, Lisboa (Figura 8) y Madrid (Figura 9), predominan notablemente frente al resto de ciudades con mayor presencia. El gráfico de la Figura 8 (*Lugares: Ciudades de Portugal*) confirma la distancia entre Lisboa y Oporto a la que hemos aludido anteriormente.

<sup>39</sup> Las figuras de 8 a 26 (excepto la Figura 14) resultan de los datos extraídos mediante análisis semiautomático y son de elaboración de los autores.

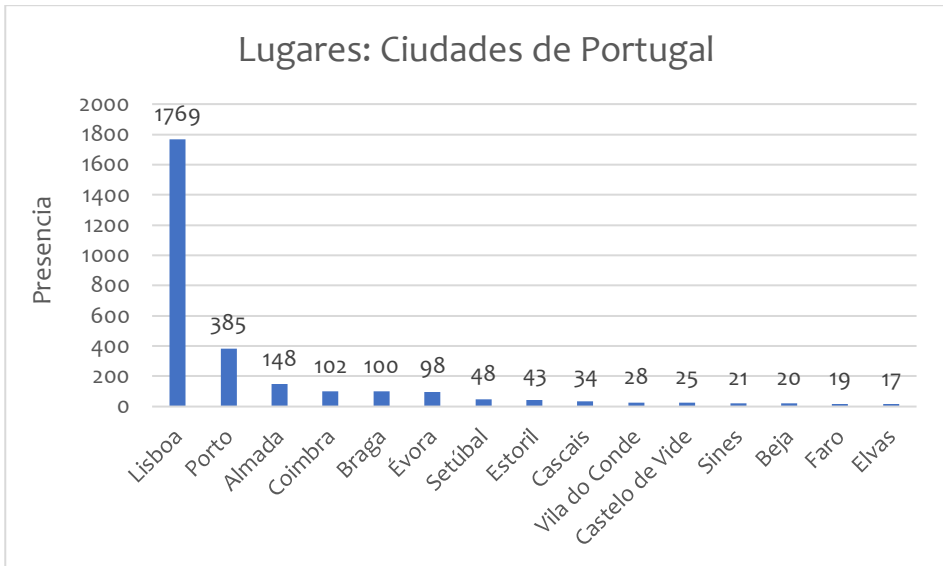


Figura 8: Gráfico *Lugares: Ciudades de Portugal* (elaboración propia)

En el gráfico de la Figura 9, de manera similar a lo que ocurría con las ciudades portuguesas de Lisboa y Oporto (Figura 7, Gráfico *Lugares: Localización*), se observa que Madrid y Barcelona son las que muestran mayor presencia entre las ciudades españolas. Aun así, Madrid albergó más del doble de eventos que Barcelona (153 frente a 72). A estas dos ciudades les siguen Sevilla, Valencia, León y Granada por delante de Badajoz y Vigo, más próximas a la frontera entre España y Portugal (Figura 9, Gráfico *Lugares: Ciudades de España*).

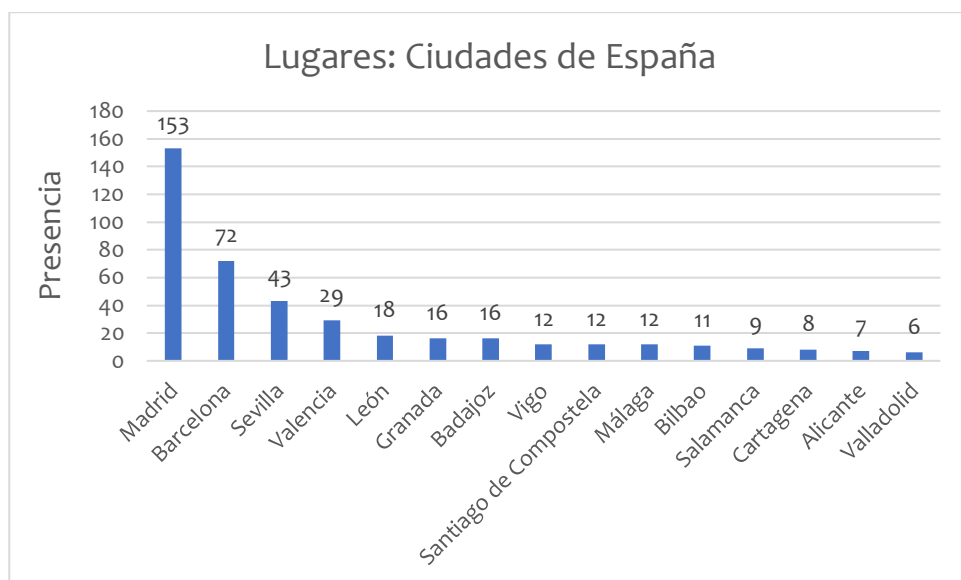


Figura 9: Gráfico Lugares: Ciudades de España (elaboración propia)

Los resultados del análisis semiautomático en los gráficos *Lugares: Países* (Figura 10) y *Lugares: Países de Hispanoamérica* (Figura 11) muestran que los dos países con una presencia considerablemente mayor al resto son España y Portugal. Cabe destacar que tras estos, Francia, Italia y Alemania son los países cuyo volumen de aparición es mayor que el resto. Y, en cuanto a los países de Hispanoamérica, Argentina, México, Colombia y Chile se encuentran entre los quince con mayor presencia en este análisis.

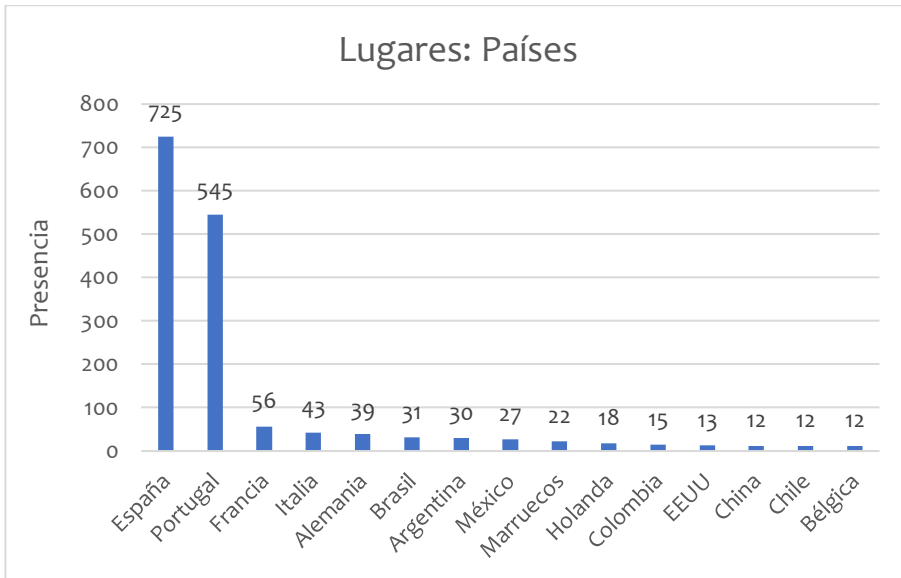


Figura 10: Gráfico Lugares: Países (elaboración propia)

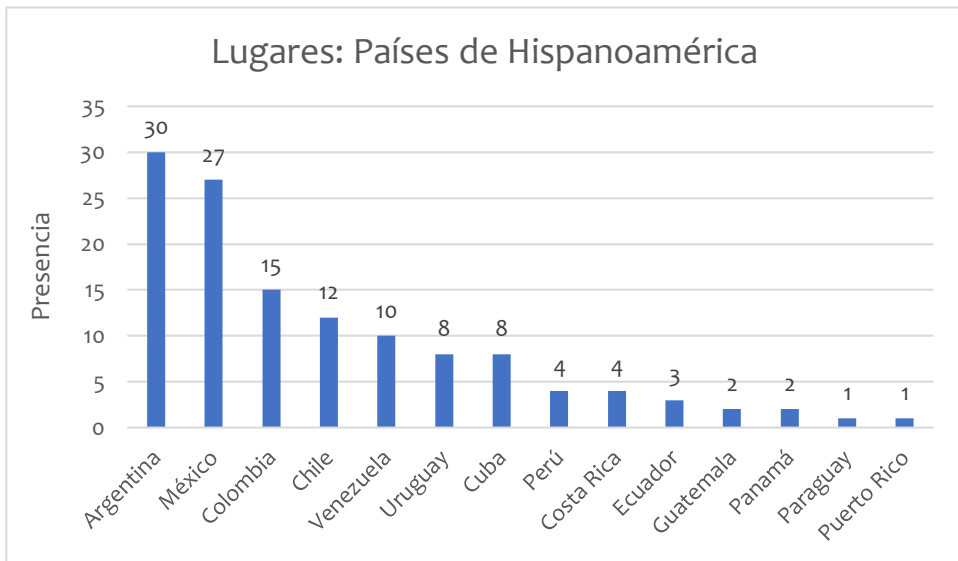


Figura 11: Gráfico Lugares: Países de Hispanoamérica (elaboración propia)

En los gráficos siguientes se muestran los resultados obtenidos del análisis semiautomático sobre *Regiones* y *CCAA* por un lado (Figura 12) y *Comunidades Autónomas* por otro (Figura 13). En estos gráficos se refleja que las comunidades

españolas con mayor presencia son Galicia y Extremadura. Y, en cuanto a Portugal, el Alentejo aparece con bastante frecuencia.

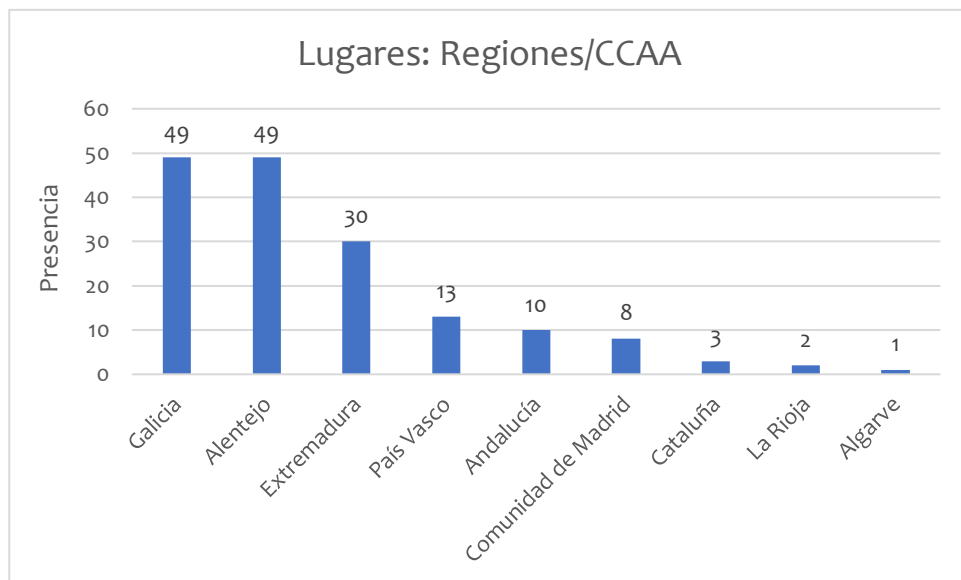


Figura 12: Gráfico Lugares: Regiones/CCAA (elaboración propia)

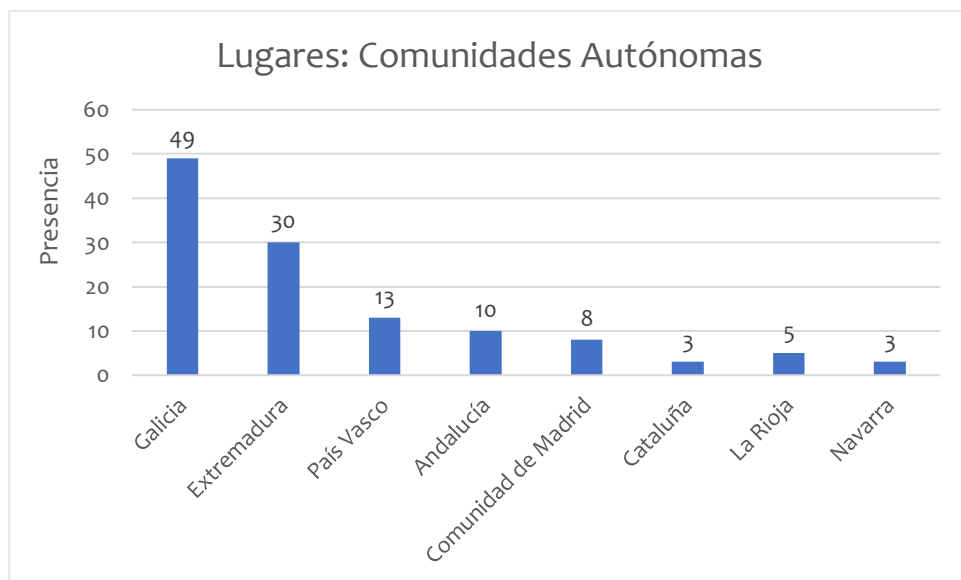


Figura 13: Gráfico Lugares: Comunidades Autónomas (elaboración propia)

#### 4.2. Temática

En este gráfico (Figura 14) se reflejan los datos relativos al parámetro *Temática* extraídos a partir del sistema de búsqueda de la plataforma *SPAIN arts & culture*. Las categorías temáticas que sobresalen frente al resto son *Música*, *Artes Cénicas*, *Cinema* y *Artes Visuais*. Observamos que *Música* es, según la taxonomía de la plataforma, el tipo de actividad con mayor presencia entre los eventos analizados. Seguidamente, aunque con alguna distancia, se sitúan las actividades culturales relacionadas con las *Artes Cénicas* y, tras esta, con un volumen de actividad aproximado, encontramos *Cinema* y *Artes Visuais*. Apenas se observan eventos relacionados con la *Ciência*, y la *Cultura Urbana*, el *Arte e Culinária* y el *Design* tienen una presencia menor.

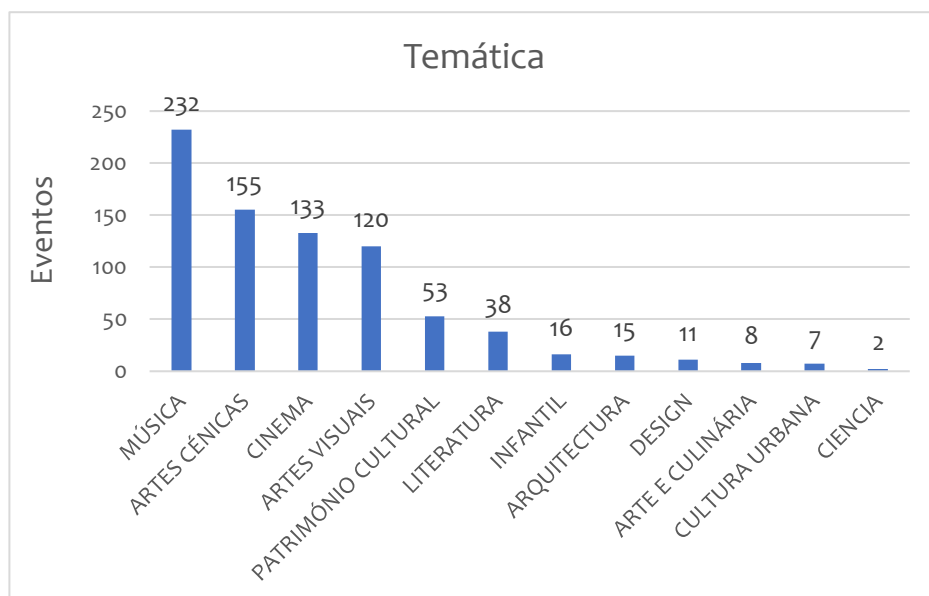


Figura 14: Gráfico *Temática*. Datos extraídos a partir de los parámetros de la plataforma *SPAIN arts & culture* (elaboración propia)

Los resultados que mostramos a continuación han sido obtenidos mediante un análisis automático basado en la categorización de lemas por campos semánticos. Del mismo modo que hicimos en el anterior análisis de la programación cultural del Instituto Cervantes de Lisboa (Pazos-Justo, Iriarte Sanromán & Castañer Berenguer, 2020; Castañer, 2020), hemos tenido en cuenta la siguiente clasificación a partir de los dominios culturales establecidos por la UNESCO (UNESCO-UIS, 2010: 4). Partiendo de cada uno de ellos, hemos categorizado los lemas por campos semánticos y, según los resultados obtenidos, observamos que Cine, Teatro, Música y Artes Visuales son las categorías con mayor presencia (tal como ocurría en la Figura 14, Gráfico *Temática*, aunque no exactamente presenten el mismo orden). Véase el Gráfico *Campos Semánticos* (Figura 15).

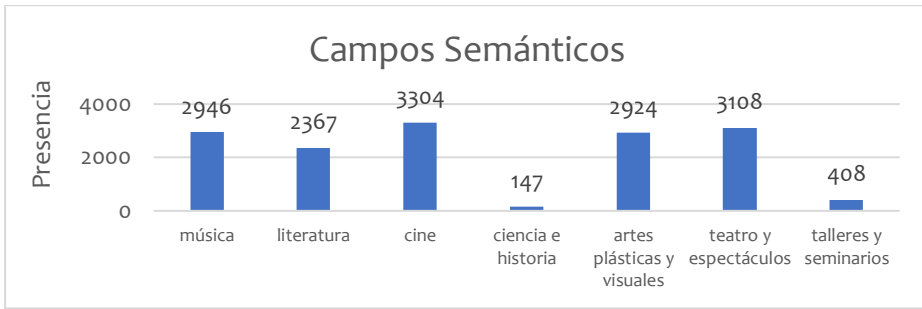


Figura 15: Gráfico Campos Semánticos (elaboración propia)

A continuación, presentamos los gráficos correspondientes a cada uno de los campos semánticos, analizados de manera individual. En cada uno de ellos vemos reflejados hasta dieciséis lemas que aparecen con mayor frecuencia.

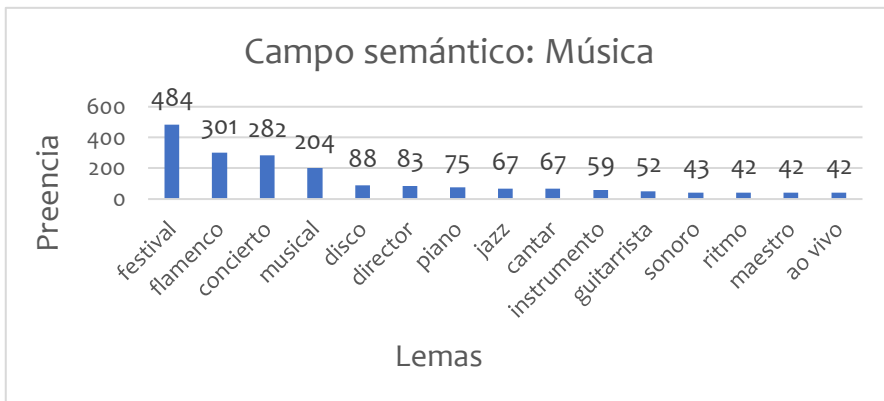


Figura 16: Gráfico Campo semántico: Música (elaboración propia)

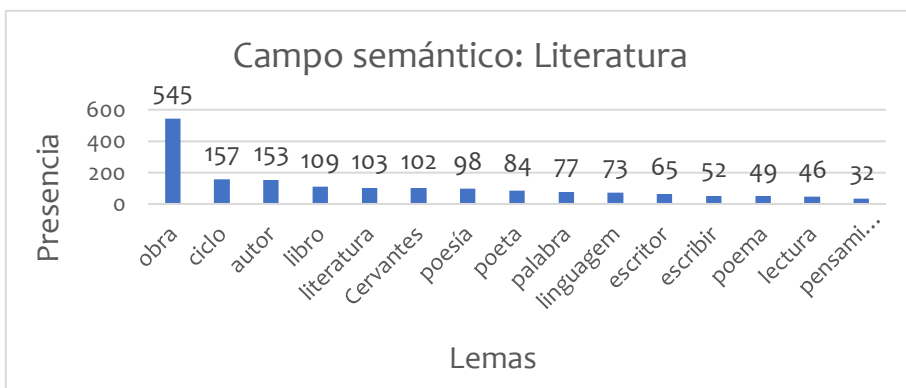


Figura 17: Gráfico Campo semántico: Literatura (elaboración propia)

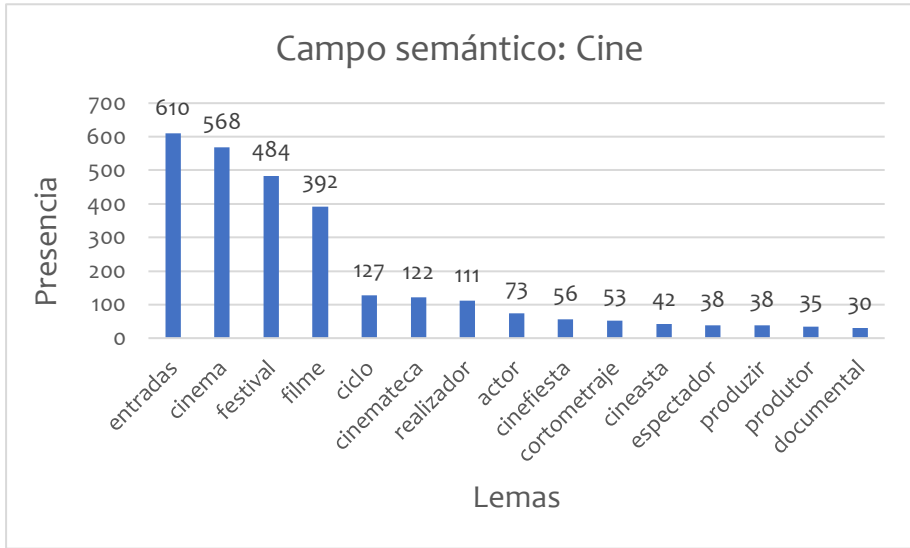


Figura 18: Gráfico *Campo semántico: Cine* (elaboración propia)

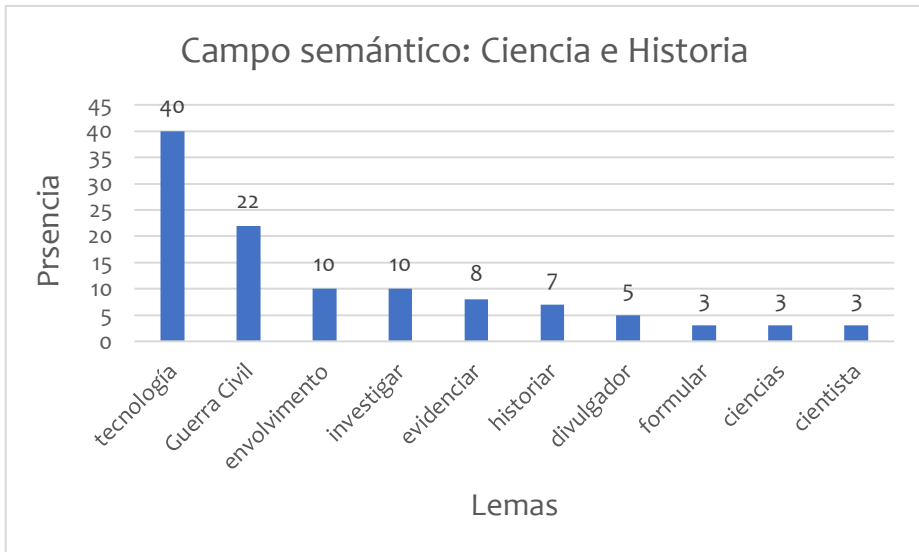


Figura 19: Gráfico *Campo semántico: Ciencia e Historia* (elaboración propia)

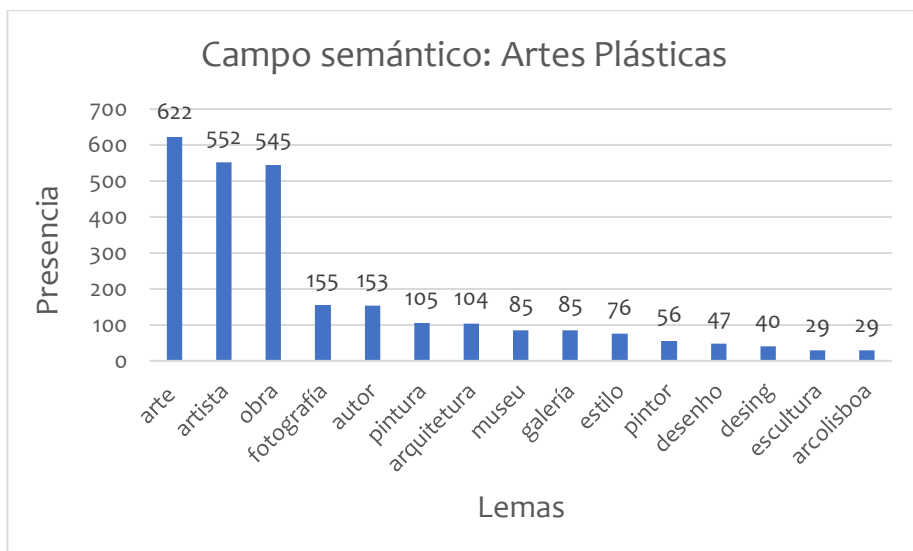


Figura 20: Gráfico Campo semántico: Artes Plásticas (elaboración propia)

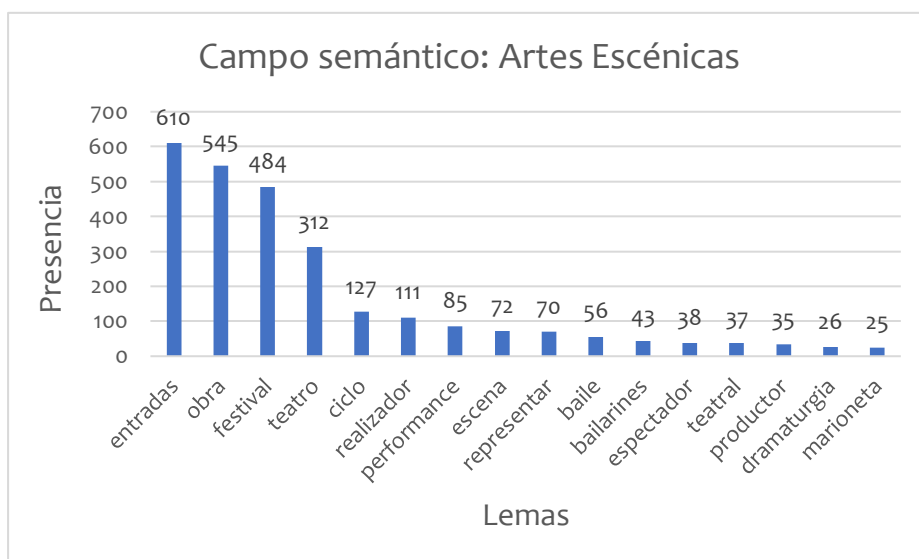


Figura 21: Gráfico Campo semántico: Artes Escénicas (elaboración propia)

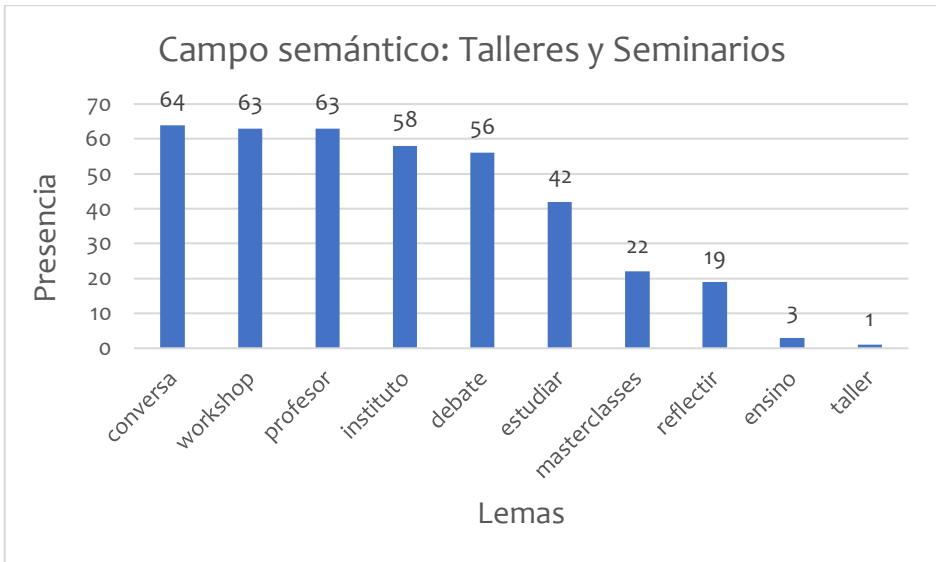


Figura 22: Gráfico *Campo Semántico: Talleres y Seminarios* (elaboración propia)

#### 4.2. Precio

Otro de los parámetros de análisis ha sido el Precio de las actividades culturales. En el gráfico que tenemos a continuación (Figura 23) vemos que, de los 812 eventos extraídos, 349 fueron de pago y 247 gratuitos. El resto, o presentan información en la que no aparece el valor (en la Figura 23 se distingue como *no definido*), o no presentan información alguna, es decir, el campo está completamente en blanco (en la Figura 23 marcado como *sin información*).

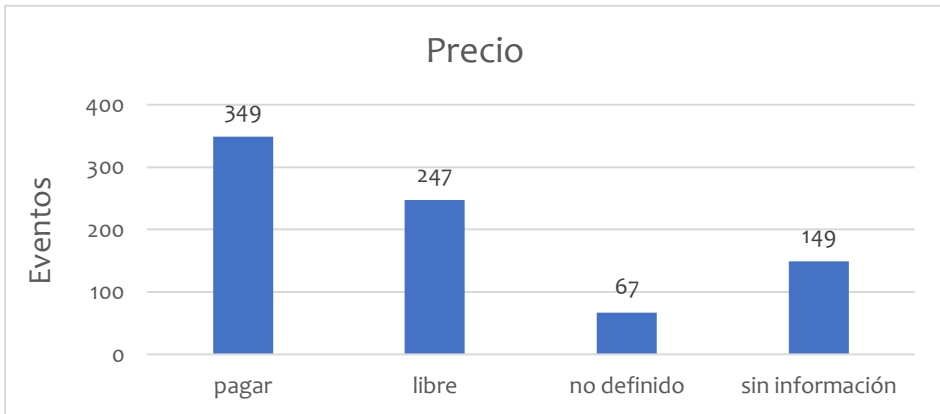


Figura 23: Gráfico *Precio* (elaboración propia)

### 4.3. Organizaciones

A lo largo de los 793 eventos analizados se han identificado un total de 586 entidades diferentes que participan en 1662 ocasiones. En el gráfico de la Figura 24 se muestran las principales organizaciones, que constituyen el 30,1% de la participación de los eventos. Las siete organizaciones con mayor presencia son entidades españolas y de naturaleza gubernamental y constituyen un 26,5% del total.



Figura 24: Gráfico Principales organizaciones presentes en las actividades culturales registradas en SPAIN arts & culture (elaboración propia)

De las 586 entidades identificadas, más de un 70% son organizaciones portuguesas y algo más del 24% lo componen entidades españolas. Se observa poca presencia de entidades hispanoamericanas o iberoamericanas e hispano-portuguesas (Figura 25):

## Organizaciones portuguesas y españolas identificadas en las actividades registradas en SPAIN arts & culture

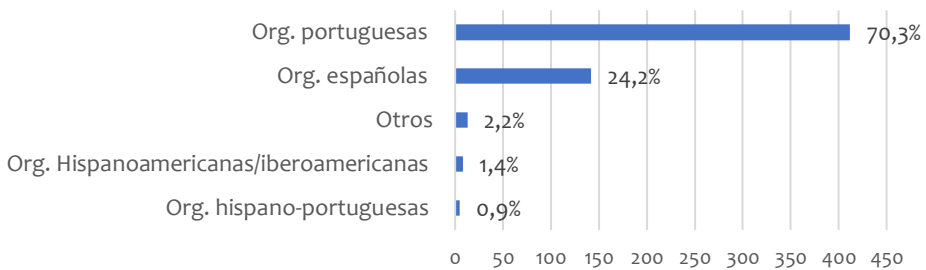


Figura 25: Gráfico Organizaciones portuguesas y españolas identificadas en las actividades registradas en SPAIN arts & culture (elaboración propia)

De esas 586 organizaciones identificadas, destacan las organizaciones portuguesas no gubernamentales, que constituyen un 38,1%, y las portuguesas gubernamentales un 28,7%. A estas siguen entidades españolas gubernamentales con un 10,4% y otras no gubernamentales con un 8,9%, como podemos ver en la Figura 26.

## Tipología de las 586 organizaciones identificadas en las actividades registradas en SPAIN arts & culture

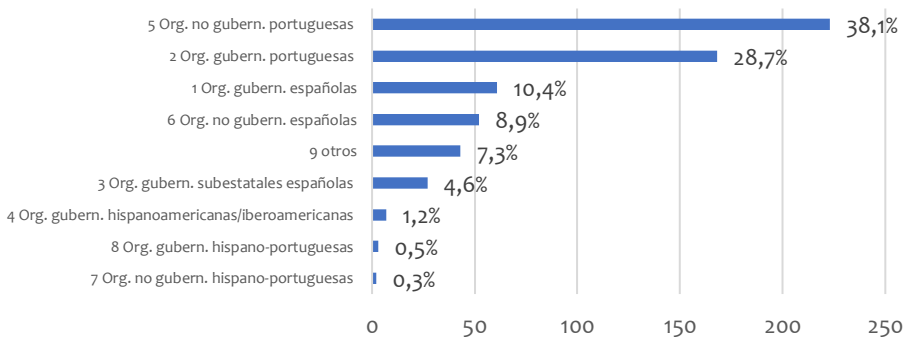


Figura 26: Gráfico Tipología de las organizaciones identificadas en las actividades registradas en SPAIN arts & culture (elaboración propia)

## 5. Conclusiones

A partir del corpus construido con la información sobre la programación cultural registrados en la plataforma gubernamental *SPAIN arts & culture*, extraemos las siguientes conclusiones sobre los parámetros analizados: localización, temática, precio y entidades participantes.

Los datos relativos a la localización de las actividades registradas en esta herramienta revelan centralidad en torno a la capital lusa. La presencia de la capital española también es significativa, y existe también una notable representación de Galicia y Extremadura en cuanto a regiones españolas se refiere.

En relación a la tipología o naturaleza de las actividades culturales, la música, el teatro, el cine y las artes visuales son las temáticas con mayor presencia en la programación cultural de *SPAIN arts & culture* según indican los datos extraídos de la plataforma a través de su propio sistema de filtrado como por medio de análisis semiautomático.

En lo referente a la información sobre el Precio de los eventos que la plataforma proporciona, 349 fueron de pago, 247 gratuitos y el resto de las actividades (un total de 216) no indican tal dato. Aunque el precio pueda estar relacionado con la naturaleza de la actividad y con las entidades que la organizan, la información que nos aporta la plataforma nos limita a la hora de llegar a una conclusión de mayor profundidad acerca de este parámetro de análisis.

Por último, en relación a las entidades organizadoras, cabe destacar que existen más entidades portuguesas que españolas (ca. 70%). Es también significativa la participación del Estado español en la organización de los eventos considerados (ca. 30%). Se observa, asimismo, una expresiva participación de organizaciones subestatales (ca. 5%), así como poca presencia del mundo hispanoamericano/iberoamericano, lo que no solo queda reflejado en este parámetro de Organizaciones, sino también en el de Localización.

## Bibliografía

- Badillo, Á. (2014). Las políticas públicas de acción cultural exterior de España. *Revista del Real Instituto Elcano (DT/EEE 19/2014)*, 2, 52-91. <https://www.realinstitutoelcano.org/analisis/las-politicas-publicas-de-accion-cultural-exterior-de-espana/> (31.01.2022).
- Belloso, J. C. (2010). La marca de un país. Un mecanisme de diferenciació i font d'intangibles. *Paradigmes*, 5, 43-51. <https://www.raco.cat/index.php/Paradigmes/article/view/218443/29760> (31.01.2022).

- Castañer, R. (2020). *Proyección de la lengua y cultura españolas en Portugal: el caso del Instituto Cervantes de Lisboa (2009-2018)*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade do Minho.
- Delgado, L. (2014). *Un siglo de diplomacia cultural española: de la Junta para Ampliación de Estudios al Instituto Cervantes*. Real Instituto Elcano de Estudios Internacionales y Estratégicos, DT 12/2014, 9 de octubre de 2014. Recuperado de [http://www.realinstitutoelcano.org/wps/portal/rielcano\\_es/contenido?WCM\\_GL\\_OBAL\\_CONTEXT=/elcano/elcano\\_es/zonas\\_es/lengua+y+cultura/dt12-2014-delgado-siglo-de-diplomacia-cultural-espanola](http://www.realinstitutoelcano.org/wps/portal/rielcano_es/contenido?WCM_GL_OBAL_CONTEXT=/elcano/elcano_es/zonas_es/lengua+y+cultura/dt12-2014-delgado-siglo-de-diplomacia-cultural-espanola) (31.01.2022).
- Ettahri, A. (2015). La difusión de la cultura española en Marruecos a través de los Institutos Cervantes. *Perspectivas de la Comunicación*, 8(1), 57-78.
- Gamallo, P. & Garcia, M. (2017). LinguaKit: Uma ferramenta multilingue para a análise linguística e a extração de informação. *Linguamática*, 9(1), 19–28. DOI: <https://doi.org/10.21814/lm.9.1.243>
- Izquierdo, S. (2016). La actualidad de los estudios de español en Portugal. In S. R. Relva, R. M. Tamosunas & M. G. Bedoya (Eds.), *Association for Contemporary Iberian Studies. Iberians Interconnections* (pp. 6-21). Unversidade Católica Editora.
- Magalhães, G. (coord.) (2007). *RELIPES. Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início de século até à actualidade*. UBI/Celya.
- Martín, M. & Rius, J. (2016). ¿La diplomacia cultural, una política de Estado? Articulación y descoordinación intergubernamental en la acción cultural exterior del Estado español. *REAF*, 24, 115-154.
- Menéndez, M.ª E. (2018). Diplomacia cultural: aproximación al concepto, y apuntes sobre el modelo de diplomacia cultural en España. *Culturas: Revista de Gestión Cultural*, 5(2), 29-48. Recuperado de <https://polipapers.upv.es/index.php/cs/article/view/10816> (31.01.2022).
- Pazos-Justo, C., Iriarte Sanromán, A., & Castañer Berenguer, R. (2020). Proyección de la(s) cultura(s) española(s) en Portugal. Contribución a partir del análisis de la programación cultural del Instituto Cervantes de Lisboa. In A. Dotras Bravo, A. M. Alves, C. Martins, E. Mendes Silva & I. Chumbo (Eds.), *Culturas, Identidades e Litero-Línguas Estrangeiras*. Atas do III Colóquio Internacional de Línguas Estrangeiras (pp. 109-120). Instituto Politécnico de Bragança.
- Ponce de León, R. (2014). El hispanismo en Portugal: itinerarios del pasado, del presente, del futuro. *Instituto Cervantes. El español en el mundo. Anuario del Instituto Cervantes* (pp. 151-166). Instituto Cervantes.
- Prieto-Gutiérrez, J. J. & Rubio, R. (2018). Comunicación cultural de masas. El caso del Instituto Cervantes y su diplomacia digital a través de Twitter. *Communication & Society*, 31(3), 239-259. Recuperado de <http://dadun.unav.edu/handle/10171/55793>

- (31.01.2022).
- Puebla, B., Asensio, G. & Prieto, P. (2013). Los eventos del Instituto Cervantes y su influencia en la creación y difusión de la marca España. El caso del Instituto Cervantes de Chicago. *Redmarka: revista académica de marketing aplicado*, 11, 35-62. Recuperado de <http://www.cienciaried.com.ar/ra/revista.php?wid=39&articulo=1830&tipo=&eid=22&sid=195&NombreSeccion=Articulos&Accion=Completo> (31.01.2022).
- Saddiki, S. (2009). El papel de la diplomacia cultural en las relaciones internacionales. *Revista CIDOB d'Afers Internacionals*, 88, 107-118. Recuperado de [https://www.cidob.org/es/articulos/revista\\_cidob\\_d\\_afers\\_internacionals/88/el\\_papel\\_de\\_la\\_diplomacia\\_cultural\\_en\\_las\\_relaciones\\_internacionales](https://www.cidob.org/es/articulos/revista_cidob_d_afers_internacionals/88/el_papel_de_la_diplomacia_cultural_en_las_relaciones_internacionales) (31.01.2022).
- Sáez, A. & Pérez S. (2018). *De espaldas abiertas: relaciones literarias y culturales ibéricas (1870-1930)*. Editorial Comares.
- UNESCO (1998). *Proyecto de Plan de Acción de Políticas Culturales para el Desarrollo*. Recuperado de [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000116393\\_spa](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000116393_spa) (31.01.2022).
- UNESCO (2009). *Marco de estadísticas culturales (MEC) de la UNESCO 2009*. UNESCO. Recuperado de <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000191063> (31.01.2022).
- Valério, N. (2001). Estudios sobre Espanha em Portugal na última década do século XX. In H. de la Torre Gómez & A. J. Telo (Coords.), *La mirada del otro. Percepciones luso-españolas desde la historia* (pp. 205-213). Editora Regional de Extremadura.
- Valle, J. del (2007). *La lengua, patria común la "hispanofonía" y el nacionalismo panhispánico*. In J. del Valle (Ed.), *La lengua, ¿patria común?: Ideas e ideologías del español* (pp. 31-56). Iberoamericana/Vervuet.
- Valle, J. del & Villa, L. (2007). La lengua como recurso económico: Español S.A. y sus operaciones en Brasil. In J. del Valle (Ed.), *La lengua, ¿patria común?: Ideas e ideologías del español* (pp. 97-127). Iberoamericana/Vervuet.
- Vázquez, A. (2011). Acción Cultural de España: el Instituto Cervantes en Marruecos. *NOVUM: Revista de Ciencias Sociales Aplicadas*, 2(1), 55-70. Recuperado de <https://revistas.unal.edu.co/index.php/novum/article/view/45626> (31.01.2022).





# The Poems of Renata Ferreira: A Diasporic Plea for Poetic Freedom of Expression in Portugal

**Reinaldo Francisco SILVA**

*reinaldosilva@ua.pt*

*Universidade de Aveiro*

*Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da UA*

*Portugal*

## Abstract

Renata Ferreira's poems were written a few years before the democratic Revolution in Portugal (1974), a time when the country's fascist regime was beginning to evince signs of erosion from inside, especially after Salazar's historical fall from his chair on August 3, 1968. Historians often regard this moment as marking the slow, agonizing enouement of the *Estado Novo*. Intermittently, both in Lisbon and on the other side of the Atlantic, in the Portuguese diaspora in Massachusetts, Renata Ferreira was exposing and subverting the government's severe orders against women's rights, sexual freedoms, political dissent, and progressive thought. She worked in the resistance handing out hand-typed notices and banned literature throughout Lisbon, yet her poems are absolutely fierce, gentle and loving, tinged with anxiety, erotic, and Sapphic.

Presenting the poetry of this Portuguese American writer and detailing its surprising rediscovery in 2015, Frank Gaspar mixes genres, undermines borders, and resurrects a voice that had been silenced. As his riveting, spellbound narrative unfolds, Ferreira emerges, whole and mystifying, sharing with us her story, her passions, and her poetic art.

**Keywords:** Portuguese American Diaspora; Feminism; *Estado Novo*; Renata Ferreira

## Resumo

Os poemas de Renata Ferreira foram redigidos alguns anos antes da revolução democrática em Portugal (1974), numa altura em que o regime fascista no país começava a evidenciar sinais de desgaste por dentro, sobretudo após a queda histórica de Salazar da cadeira onde se sentava, a 3 de agosto de 1968. Os historiadores normalmente consideram este momento como tendo sido aquele que sinalizou o lento e agonizante fim do *Estado Novo*. Intermittentemente, quer em Lisboa quer do outro lado do Atlântico, na diáspora portuguesa em Massachusetts, Renata Ferreira denunciava e subvertia as ordens severas do governo, nomeadamente a sua oposição aos direitos das mulheres, as liberdades sexuais, a dissidência política e os pensamentos progressistas. Trabalhou na resistência como opositora, distribuindo panfletos e literatura banida pelas ruas de Lisboa, embora os seus poemas se apresentem como sendo absolutamente ferozes, gentis e apaixonantes, imbuídos de ansiedade, erotismo e Sáficos.

Ao apresentar a poesia desta escritora luso-americana e, detalhadamente, descrevendo a surpreendente redescoberta dos mesmos em 2015, Frank Gaspar mistura géneros, descarta margens, e ressuscita uma voz que fora silenciada. À medida que a sua empolgante e

fascinante narrativa se vai revelando, Ferreira emerge inteira e mistificante, partilhando conosco a sua história, as suas paixões e a sua arte poética.

**Palavras-chave:** A diáspora luso-americana; o feminismo; o *Estado Novo*; Renata Ferreira

## 1. Introduction

Renata Ferreira's poems were written a few years before the Democratic Revolution in Portugal (1974), a time when Portugal's fascist regime was beginning to evince signs of erosion from inside, especially after Salazar's historical fall from his chair on August 3, 1968. Historians often regard this moment as marking the slow, agonizing denouement of the *Estado Novo*. Intermittently, both in Lisbon and on the other side of the Atlantic, in the Portuguese diaspora in Massachusetts, Renata Ferreira was exposing and subverting the government's severe orders against women's rights, sexual freedoms, political dissent, and progressive thought. She worked in the resistance handing out hand-typed notices and banned literature throughout Lisbon, yet her poems are absolutely fierce, gentle and loving, tinged with anxiety, erotic, and Sapphic.

Presenting the poetry of this Portuguese-American writer and detailing its surprising rediscovery in 2015, Frank Gaspar (1946 – ) mixes genres, undermines borders, and resurrects a voice that had been silenced. As his riveting, spellbound narrative unfolds, Ferreira emerges, whole and mystifying, sharing with us her story, her passions, and her poetic art.

Before delving into the core of Ferreira's poems on gender issues in Portugal during António de Oliveira Salazar's dictatorship and how these had oppressed Portuguese women, we must first attempt to ascertain who this new diasporic voice was, why she rebelled against its authoritarian ways – especially towards women – and how her country of adoption, the United States of America, enabled her to become the rebellious and vociferous woman we meet in this collection of poetry. In *The Poems of Renata Ferreira* (2020), we witness her battling against the fascist regime in Portugal so that women there, too, could enjoy the more open democratic values towards women she knew and grew up with – but in the Portuguese diaspora in Massachusetts.

After providing a brief biographical sketch of Renata Ferreira, this essay will first address her grasp of and reaction to Salazar's dictatorship, especially the regime's policies on gender and sexual issues and how these were in conflict with those in the United States, a democratic country where women in the early 1970s were already plunged to the feminist movement, eager to claim for more rights and battle for admission into positions of power alongside men. The focus will then shift to the stereotypical representations of women during the *Estado Novo* and its distaste for lesbian love. Finally, it ends with Ferreira's revolutionary poems in the

section titled *Cravos*, where she, too, participates in toppling this régime, awaiting a new era, a time of hope for all Portuguese citizens in Portugal and in the diaspora – especially women – as well as the collapse of its overseas empire and colonialism.

## 2. Renata Ferreira's short biography

Without Frank X. Gaspar one could safely say there would be no Renata Ferreira in the canon of Portuguese American literature. Transcribed and annotated, with a foreword, *The Poems of Renata Ferreira* (2020), by Frank Gaspar, come, today, as a surprise to students of Portuguese American literature. The same could be said beforehand about Gaspar – these poems also came as a spellbound to him because he had never imagined they existed or known the whereabouts of their author. More specifically, before November 2015, when he unexpectedly learned from an old friend of his, Ana Bento, when both lived in Provincetown, Massachusetts, as teenagers in the 1950s and 60s, in the local Azorean/Portuguese community.

For the purposes of this paper, it is impossible to provide a detailed sketch of Renata Ferreira and how she came to know Frank Gaspar in Provincetown. Gaspar does an excellent job in bringing her work, her memory, and legacy in his foreword (52 pages) to *The Poems of Renata Ferreira*, published in 2020, by Tagus Press. This paper attempts to be as concise as possible – but paraphrasing Gaspar's lengthy foreword comes as a challenge, especially the following matters: the biographical information that can help us understand who Ferreira was, how they met each other, how influential a woman and scholar she had been to Gaspar, her views on Salazar's dictatorship, why she emigrated to the United States, her educational and professional backgrounds, and how and why she ended up in Portugal some time before the dawn of the Democratic Revolution of April 25<sup>th</sup>, 1974 and witnessed it unfold in the streets of Lisbon.

Briefly, we learn that Renata Ferreira was fluent in Portuguese and that she and her mother fled to the United States in 1939. Ferreira was a knowledgeable professional on issues related to the marine supply business. She and Gaspar met in Provincetown, sometime during summer, when she vacationed in this seaside resort. In the 1950s, 1960s, 1970s – and even today – Provincetown has been some sort of Mecca for teenagers, artists, homosexuals, vacationers, and, of course, immigrants. The time Gaspar evokes in his foreword, however, were the 1950s and 1960s, the heyday of the Beat Generation, the Hippies, the Vietnam war, the tumultuous Civil Rights movement, the era of Stonewall Inn, feminism, etc., a time when the United States was undergoing profound social, economic and cultural changes. Renata Ferreira, profoundly shaped by these realities, brought her own worldview to Provincetown and Gaspar was dazzled by her lifestyle, worldliness, and knowledge.

Reared in a household marked by economic difficulties, his mother would often rent a room to the “Summer People,” as he refers to them in his novel, *Leaving Pico* (1999). And this was how they met, in his own house, or in some other neighbor’s, who also rented rooms, during these memorable summer vacations (Gaspar, 2020, pp. 3-8).

Unlike most first, second or third generation Portuguese immigrants (or their descendants) or Portuguese Americans, at the time, Renata had earned a Bachelor’s (majoring in English) and a Master’s degrees at Bryn Mawr (Gaspar, 2020, p. 14). During their conversations, Renata would eventually whet Gaspar’s appetite for literature, with Gaspar often writing down a few names, which he would look up some other time, like, Emily Dickinson, Rimbaud, Baldwin, Jung, Woolf, and Frank O’Hara. During these years, Renata would often appear in protests against Vietnam. She also knew how Moses Hammond, her employer, would profit from this war as well as helping Portugal’s dictatorship through his shipping services in the colonial war in Africa (Gaspar, 2020, p. 24). He suspected that Renata and his wife (Nina de Beers) had a lesbian relationship. In the meantime, during a general blackout on the East Coast, Gaspar hears about Salazar for the first time. This episode helps him understand fascist dictatorships, especially Salazar’s, and how Renata’s father was betrayed and sent to Tarrafal, a concentration camp in Cape Verde, to die. He would learn more about this story much later, Gaspar tells his readers, “from an unlikely source” (Gaspar, 2020, p. 31). Through another friend, Elaine, she tells him that Renata is not a trustworthy person and that her father was a fascist and supported Salazar’s regime (Gaspar, 2020, p. 36).

After graduating from the local Provincetown High School, Frank Gaspar leaves for New York City, in search of better opportunities, but also aware that he could meet up with his old summer friends, Renata and Nina, who had refurbished an art studio with Moses Hammond’s money. Renata was also “seeing someone else” and this brought much anguish to Nina (Gaspar, 2020, p. 34). Renata had been doing heavy drugs, passed out and was unconscious. Meanwhile, Nina calls Frank at three in the morning to get Renata and take her to the hospital. His friend Lloyd, who had a van, helps him out. Moses wants Renata out of there immediately, while Nina reassures them about receiving a compensation for this removal. Both young men take her to the hospital and as soon as they can, disappear, after dropping her off at the emergency room. Two days later, Gaspar learns that Renata was dead and that Nina and Moses would send him (and Lloyd) money in an envelope (Gaspar, 2020, pp. 37-38). For many, many years, Gaspar was convinced that that had been the end of her.

In November of 2015, Gaspar learns about Ana Bento, his teenage friend from Provincetown, and her attempts at contacting him through one of his editors. They end up talking on the phone for hours about their teenage years on Cape Cod, the

path each one had taken in life and, obviously, their reminiscing revolved around Renata. Ana's sister, Rosa, had died and in her cellar (in Chatham, Massachusetts), she tells him, there were two boxes filled with Renata's personal possessions. Gaspar was dumbfounded with this information. It turns out Renata had not died and had returned to Provincetown. She had been jailed, bailed out, and had to leave the USA. Within a few days, he received the contents of the two boxes, which Renata had left for Gaspar and a note. Readers learn about the manuscript he received, a few details about what it looked like, and right on the spot Gaspar was left wondering if Renata's poems were ever published? Had they been passed hand to hand? Was there a Portuguese version available, too? This golden nugget, this unknown collection in the canon of Portuguese American literature leaves readers baffled. "Renata Ferreira's work," writes Gaspar,

has been heretofore unknown, and the circumstances of its appearance at this time in the corpus of Portuguese-American literature are as surprising as they are remarkable. This collection of poems, by virtue of its distinctive voice and its passionate accounts of love and danger during the tumultuous days before Portugal's Carnation Revolution, positions her as one of the essential Portuguese-American poets of the mid-twentieth century. Although her work was hidden away for at least forty years, its absence from readership and discussion nearly symbolizes another absence: the dearth of critical attention and commercial distribution of Portuguese-American writing in this country's mainstream literary culture, either through lack of interest, condescension, or little awareness that such a literature exists at all. (Gaspar, 2020, pp. 43-44)

Gaspar ends his foreword with a historical context on the *Estado Novo*, Salazar's fascist dictatorship, and the ensuing revolutionary period of April 25th, 1974, in Portugal's contemporary History for the American reader. In addition, he also establishes a few literary connections or influences in Ferreira's poems with Sappho's poetry, while noting a few parallels between Ferreira's poetry and Emily Dickinson's. Renata Ferreira's poetry, notes Gaspar, should be studied in the context of Florbela Espanca (1894-1930) and Edna St. Vincent Millay (1892-1950) and the way in which both women expressed "their sexuality, their intensity of passion, and their bold posture brings newness to the form and to the voice of women talking about their deepest desires and regrets" (Gaspar, 2020, p. 49).

With some of this pertinent background information to help readers "navigate" their way through *The Poems of Renata Ferreira* – and how subversive they were to the fascist regime she helped to dismantle and witnessed being toppled – we will never know for sure which role they may have, – or have not, – played in its

denouement. If not these poems in their entirety or perhaps just a few excerpts or catch words she wrote in her bulletins or handouts, which she distributed in Lisbon before and during this revolutionary period, one may venture to ponder how much or how many real people she may have galvanized in Lisbon at the time.

### 3. The *Estado Novo's* ideology and *modus operandi* as seen through the eyes of Renata Ferreira

This section focuses on a variety of poems dealing with matters such as the background of Ferreira's emigration (with her mother) to the United States due to the fascist political regime in Portugal; how it repressed Otherness, especially sexual practices it considered as being deviant (lesbianism); to her militant activism prior to the Democratic Revolution in 1974, undercover and in the streets of Lisbon; as well as the role of The Three Marias' *Novas Cartas Portuguesas* (1972) in launching the Feminist movement in Portugal, among other ideological and revolutionary issues pertaining to the fascist regime she was keen on wiping out.

To start with, the poem "knot" brings recollections of the poetic voice's:

[...] mother saying  
how handsome salazar was and then  
some kind of trouble, my father sent us  
away america brazil I never saw him again  
I was so small, I might be making this up,  
it's the way other people's stories slip  
into your head, you try not to own them"  
(Gaspar, 2020, p. 59)

This poem harks back to her awareness regarding her father's problems with António de Oliveira Salazar (1889-1970), the Prime-Minister of Portugal, and why she, as a child, and her mother had to leave to the United States of America.

The poem "bone" underscores the *Estado Novo's* official policies on Lesbianism and sexual minorities, noting that, officially, the regime attempted to come across as endorsing wholesome values and that it would not tolerate any "sexual deviances":

women who love women must not be found  
in the new state because unseen they will not exist  
old man salazar said to himself with his purple mouth  
caetano keeps it alive in his withered sack of edicts  
(Gaspar, 2020, p. 63)

In “leather,” the poetic voice recollects the “inquisitorial” interrogatory the regime subjected her to, by way of telling her lover Anaktoria:

[...] how they questioned me  
they kept me for two days they watched me piss in a bucket,  
I said I needed the wind in the kitchen because it’s the opposite  
of kiss, they took a valise of my translations, bills, inventories, orders  
descriptions of propellers hulls rudders, complaints, marine glass  
also my own receipts for this work, they found only legal, they  
tried to act like they knew something, two men who could only  
read the portuguese parts, I am supposed to be afraid now”  
(Gaspar, 2020, p. 67)

After being interrogated and detained, the poetic voice mentions her active role in helping to expose the dictatorship’s *modus operandi* by distributing bulletins, hoping that it would bring down the regime:

when I write bulletins about the three marias I say they are  
entombed and still beaten which is not necessarily the truth  
but it translates well, today they will go to france and Belgium  
and then pamphlets will be picked up, you know who I mean  
(Gaspar, 2020, p. 67)

She fears for her life, especially if her pamphlets, thrown from an aircraft, end up in the wrong hands: “I am being careful but all my air slips by / too easily, where does it go” (Gaspar, 2020, p. 67).

Just like her “three marias” noted above also rebelled against the plight of Portuguese women in *Novas Cartas Portuguesas*, published in 1972, it is a collective text authored by Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, and Maria Velho da Costa. Containing a repository of several styles of writing – fiction, poetry, letters, diary entries, etc., these pieces revolve around the figure of Mariana Vaz Alcoforado (1640-1723), the nun from Beja, who is credited for having written them, the *Lettres portugaises*, which she had sent to her lover, the cavalier of Chamilly, published in 1669 by Guilleragues. Since Romanticism and all the way through the twentieth century, these letters were often commented on and, since then, left readers wondering about the very existence of this nun.

It was quite intriguing that at the time when the fascist regime was showing clear signs of erosion and collapse, that these subversive letters and figure were recovered. They had the effect of arousing one of the few last scandals which perturbed the regime, especially with the publication of this literary work and the ensuing lawsuit against its authors, who were often referred to as “The Three

Marias.” It was prolonged until after the fascist regime was toppled on April 25, 1974, with the authors’ acquittal. As Nuno Júdice pointed out:

Without a doubt, what scandalized the censors in this elaborate piece of writing, replete with cultural allusions and references, may have been the fact that it was three women who authored these texts, which are full of explicit erotic language, and, on the other hand, that in a few passages they chose to adopt a libertarian feminist posture, anti-male chauvinistic (...) Quoting from excerpts in the Portuguese Penal Code regarding adultery – with ironic, fierce critical comments, as well as a patronizing language, which minimizes the female condition in the press, how women’s work is regarded as being inferior, substantiated in their profession and the salary they earn – explain the violent reaction manifested by Marcelo Caetano’s government, as well as the success this novel would have, internationally, within the progressive circles, and with the ‘Three Marias’ becoming an emblem in a decisive phase of women’s affirmation in their feminist struggle” (the author’s translation; Júdice, 1999, p. 620).<sup>40</sup>

In “aphrodisia,” the poetic voice notes that she also engaged in Marcello Caetano’s demise through the distribution of typed pages from the *New Portuguese Letters*:

today I typed from the new Portuguese letters three pages, *peace*,  
*the walls of the castle are breached mariana takes pleasure with her body*  
I will put twenty copies into a hand and then nineteen hands  
from there, reports of the trial are everywhere, our three marias,  
a comrade comes delivers carbon paper and ribbons she is vapor (...)  
(Gaspar, 2020, p. 93)

From this pivotal publication and the authors’ attitude of defiance towards the *Estado Novo* regime, the modern-day feminist movement began to take shape in Portugal.

---

<sup>40</sup> The original in Portuguese: “O que escandalizou, sem dúvida, os censores, numa obra de escrita elaborada, e cheia de alusões e referências culturais, terá sido o facto de serem mulheres a assinar textos em que se encontra uma linguagem erótica claramente explícita, nalgumas passagens, assumindo por um lado uma opção feminista libertária, antimachista (ou, na linguagem da época, antimarialva). A citação de passagens do Código penal português relativas ao adultério, com comentários de forte ironia crítica, e referências quer à linguagem desvalorizadora da condição feminina na imprensa quer ao tratamento inferior a que a mão-de-obra feminina é sujeita, no aspecto salarial e profissional, explicam a reacção violenta do poder marcelista, e também o sucesso que o romance irá ter, no plano internacional, nos meios progressistas, ficando as «três Marias» como emblema de uma etapa decisiva da afirmação da luta feminista.”

The poem “radio” begins with the poetic voice expressing Renata Ferreira’s feelings of loneliness and how much she misses her lover. Compelled to live in Portugal after deportation from the United States, the poetic voice attempts to move on with her life and find some meaning, rather, a mission, during her stay in Portugal. She wanders through Lisbon’s streets to observe how the dictatorship keeps a tight grip on its citizens:

I like the street here, there is only room for one small car  
at a time, at night the young people settle in the bars  
and fill the sidewalks, you know informants are among them  
I watch them like they are a different species  
(Gaspar, 2020, p. 68)

She must be frugal and often uses the water sputtering from the pipes, which she saves “in a pot, [and] I bathe over the kitchen sink” (Gaspar, 2020, p. 68). As a secret agent intent on helping to topple Marcello Caetano’s régime, she has “learn[ed] how to wait” (Gaspar, 2020, p. 68) and stay in hiding most of the time for she “listened to / the radio, it kept saying my name” (Gaspar, 2020, p. 68). At this point, around 1972 and 1973, Marcello started to get tougher on the people, ironically, after having evinced some openness and changes in the economy and launching a few social programs during his first years in office. Among several tougher changes, “radio” reminds us of the time when Caetano was “censoring war news on the radio again, / we don’t hear anything that is the truth” (Gaspar, 2020, p. 68). With the re-election of Américo Thomaz (1894-1987) by the members of Salazar’s right wing, notes Vasco Rato, “Caetano was, at the beginning of 1973, a politically isolated man (the author’s translation; “Marcelismo”, 1999, p. 426). At this point, Rato further notes that, “The erosion of the social base that supported the régime and Caetano himself was more and more obvious” (the author’s translation; “Marcelismo”, 1999, p. 426).<sup>41</sup> The poetic voice in this poem – like any other protester, dissenter, or secret agent – could sense she was being hounded and that her life was in peril.

Within an overall national feeling of frustration and inertia among millions of conformed Portuguese people, afraid that the country was doomed to put up with fascism forever, many poems in this collection show otherwise. In retrospect, readers of *The Poems of Renata Ferreira* get a sense that this was not so – especially in the early 1970s, after Salazar’s death (1970) and Caetano’s inability to keep, most of the time, a tight grip on the country during most of his tenure and until the Revolution in April of 1974. In the poem “notas,” readers can observe the different angles of action that dissenters had undertaken, in opposition to the regime, which

---

<sup>41</sup>“Caetano era, no início de 1973, um homem politicamente isolado (...) A erosão da base social de apoio ao regime e do próprio Caetano era cada vez mais patente.”

was desperate to maintain its grip on the people. The very first line in the poem “notas” begins with a list of a few newspapers, bulletins, and movements intent on exposing – and eroding – the fascist regime and its *modus operandi*: “avante, stockholm bulletin, luta, frente patriótica de libertação nacional” (Gaspar, 2020, p. 74). In the final years of *Marcelismo*, we learn in this poem, any device, publication or news source providing information from abroad would be confiscated as had been the case with the boy who “was arrested for having a battery-operated radio” and who “was stripped in the square” and “the crowd refused to look at him” (Gaspar, 2020, p. 74). This poem also alludes to the “laipis azul” (Gaspar, 2020, p. 74; *sic*; lápis), or blue pencil, which the regime used to censor news items before they were published, and other materials, as well.

In addition, some of the antagonistic references in this poem suggest that some sort of cat-and-mouse game was going on, namely where “a woman named no one has stolen documents from a high office” (Gaspar, 2020, p. 74); to a soldier about to leave to the colonial war, in Africa, while “margarida held [his] hand for hours in the rossio he was so scared / if the resistance fails” (Gaspar, 2020, p. 74); and to the spies and members of the opposition maneuvering to topple the fascist regime with what it considered as provocative ideas and devices such as the contraceptives they were bringing to the villages and remote parts of the country, such as had been the case with “miguel and alma from the train with suitcases / they visit the women beyond the city dutch caps and jelly” (Gaspar, 2020, p. 75).

In opposition to these *provocateurs* and secret agents infiltrated in the country – from the point of view of the fascist regime – these opponents of the fascist régime were teaching forbidden ideas and handing out gadgets, devices, books, news and information which were illegal. Anyone caught, the poem seems to remind us, could be detained, accused, and shipped to the concentration camp in Tarrafal, in Cape Verde, or to any other within the country such as Peniche, Caxias, Aljube or even Angra do Heroísmo, in Terceira (Azores). “For our Salazar,” we read in this poem, “learned firsthand from the germans / tarrafal in cape verde the pida in the streets of lisbon” (Gaspar, 2020, p. 74). Even if Portugal avoided entering World War II, Salazar was not indifferent to the Nazis and Hitler’s *modus operandi*. This poem shows that he was – not only with the construction of ideological penal institutions – but also in other instances, such as selling Portuguese wolfram/tungsten to the Nazis, among other deals. José Barreto has noted that Tarrafal had many similarities with the German concentration camps, but also pointed out that:

What brought together the Penal Colony of Cape Verde with the Nazi concentration camps at that time, was their role as both functioning as arbitrary deposits for the opponents of the régime, without any other legal title than that of “preventive detention” decided by the political police

(the law did not consider the *security measures*, which would be enacted in the fifties). In Germany it had been precisely the “preventive detention” or “security detention” on which the whole concentration system was founded, seconded by laws of exception that the Nazis replaced immediately in 1933 and gaining a legal, permanent nature. (the author’s translation, Barreto, 2000, p. 487)

The poem titled “rosa” introduces the reader to a café, managed by a woman named Rosa, where many people flocked to – the regular customers, but also “the girls [who] wanted sex” and the anti-fascist activists whose agenda was to help topple the régime. The woman whom the poetic voice was supposed to meet, unfortunately, did not show up to help her out with the “bulletins” by “fold[ing] them / for me sometimes so accurate and press them / flat” (Gaspar, 2020, p. 77). At a nearby table, “there was talk” and one of the women “was saying / africa africa someone’s brother was killed in angola” (Gaspar, 2020, p. 77). A week later, Rosa was nowhere to be seen “and the café is gone, newspaper over / the windows a heavy board across the door / no one has seen rosa no word among the sisters yet” (Gaspar, 2020, p. 77). The secret police (“PIDE”) presumably locked her up and shut down the premises because it was a hangout for the opposition.

The poem titled “scream” begins with a panoramic view of Lisbon, with the poetic voice looking “along the rooftops and out to the river” (Gaspar, 2020, p. 78). While this voice carries on an interior monologue with her lover, trying to sort their problems out – “I didn’t cheat you out of anything I won’t open my pockets / I’m sick of trying to get to the bottom of love” – this poem ends with a metaphor. Portugal is described as rotting, a place full of corruption, and plunged in darkness:

if you take all the stairs below and then the cellar  
rows of clouded jars, the shelves, mold, stale water  
spiders clicking along old chains rusted in the corner  
you should come down with me, the air tastes like corruption  
I will terrify you, I am the monstrosity I try to describe  
but you don’t even know how dark it gets here, sometimes  
I cry in broad daylight because you don’t know how dark  
(Gaspar, 2020, p. 78)

This poem and a few more in this collection, ends abruptly, often reminding the reader how much Ferreira was inspired by Emily Dickinson’s poetry, both at a stylistic and prosodic level, but also thematic, considering both women discussed gender issues and love in some of their poems.

The poem “girls” takes us back in time, so that readers may fathom how the regime’s secret police operated, whom it had targeted, and how it kept on refining its brutality since its early stages:

I cannot find the name of the woman  
who was burned at the stake in 1935  
somewhere outside lisbon, I cannot find the name  
of the woman who was shot and killed by police  
for demanding a raise during the early strikes,  
you can go through the papers in the archives  
but the censors, whole paragraphs pages  
missing, it means something those girls  
could have been you or me, the newspapers  
are images on plastic you pull them through  
a machine there’s a smell like vinegar  
(Gaspar, 2020, p. 81)

These unknown martyred women referred to in this poem are somehow immortalized in the well-known figure of Catarina Eufémia Baleizão (1928-1954), known for her political activism within the Portuguese Communist Party, especially in the Alentejo, in the vast wheat fields where she worked for a few years. Sometime after she and her husband left the Lisbon region and returned to her birthplace, Baleizão, near Beja, she was involved in a labor conflict *à propos* “a raise in workers’ salaries, pregnant and holding her youngest child in her arms, she was mortally shot down by a machine-gun” (the author’s translation; Nunes, 1999, p. 161). As João Arsénio Nunes further adds on this episode and this emblematic woman,

Within the story of Catarina are embedded the striking social drama of Salazar’s Portugal, which was the situation of the farmers in the Alentejo, the historical influence the Portuguese Communist Party in this region, the alliance of the owners of these huge farms with the fascist regime, and its characteristic brutality. As such, this story would linger forever in the minds of those who opposed fascism, and would feature not only in poems but also in the popular songs of these rural workers

(the author's translation; Nunes, 1999, p. 161)<sup>42</sup>

Although many men endured situations involving brutality, torture, and even sacrificed their lives for this Cause, it is quite understandable that the author of this collection would underscore women's contributions for a number of reasons – especially because the majority of women during the *Estado Novo* were regarded as a mere cog in this overall male-centered, authoritarian regime and society.

Within a brief reflection on the, presumably, Danish royalty (or any other for that matter), the poetic voice in the poem “Denmark” suddenly delves into the alliance between the Catholic Church and the *Estado Novo* in Portugal, while observing the Sunday parishioners exiting the church after Sunday Mass:

sundays I still walk to the church, our church although  
neither of us has ever been inside, I stand across the plaza  
and watch the men and women file out after mass  
you can tell who is saved who is damned who must spend  
eternity minus one day in purgatory before rising  
to harps and singing and all the relatives or maybe none  
(Gaspar, 2020, p. 85)

While this poem stresses the staunch Catholicism of most Portuguese citizens during the dictatorship, most of them were unaware of the tensions within the church in the early 1970s, the time Renata Ferreira attempts to capture in most of her collection, *The Poems of Renata Ferreira*. As noted earlier, the heads of the Catholic Church (especially Cardinal Cerejeira) supported Salazar's regime all the way up to early 1970s. António Barreto noted that in 1973, however, an overall feeling of

uneasiness had made its way to the Catholic *milieux*, one of the very last strongholds that supported the régime. Throughout the year, however, new cases involving the Catholic circles and priests would bring into broad daylight the tensions within the Catholic Church. Foreign priests would be expelled from Mozambique. The Bishop of Nampula would be importuned and forced to return to the metropolis. Several priests (Fathers Felicidade Alves, Mário de Oliveira, and others) would either be detained or processed and judged, accused of harmful activities regarding the safety of the State, a legal euphemism which designated the political activities

---

<sup>42</sup> “Na história de Catarina estão reunidos o drama social gritante do Portugal de Salazar que era a situação dos trabalhadores rurais alentejanos, a influência histórica do Partido Comunista na região, a ligação dos latifundiários com o poder político e a brutalidade característica deste. Assim, esta história marcará duradouramente o imaginário da oposição anti-fascista, vendo-se reflectida não só em poemas e cantos populares (...).”

that were the opposite of the ones endorsed by the régime. (the author's translation; Barreto, 2000, p. 259)<sup>43</sup>

The excerpt, “69.035” delves into the régime's belief in upholding and exhibiting (within the country and abroad) an overall view of Portugal as a righteous and morally sound country. As Frank Gaspar has noted in his “Notes to Forward,” Renata “copies from the edict precisely the list of fines for sexual and same-sex activity signed into law by Salazar” (Gaspar, 2020, p. 151). Those who infringed this law would be held accountable and forced to pay a fine for their obscene behavior:

Considering the increase in acts against morals in parks and forested areas the police shall establish permanent surveillance. Article 48 of ministerial order 69.035 establishes the following fines for offenders:

1.—hand in hand	2\$50
2.—hand on it	15\$00
3.—it in the hand	30\$00
4.—it in it	50\$00
5.—it behind it	100\$00
6.—with the tongue on it	150\$00

(Gaspar, 2020, p. 89)

In an online article on this issue titled “As Leis de Salazar” (Salazar's Laws), we learn that Salazar was determined in edifying what he considered as a wholesome and morally sound country by way of controlling people's lives, – especially in public spaces, – with the promulgation of this new law. He ordered that the police also start invigilating specific locales where obscenity and lewdness were rampant:

Considering the increase in the number of occurrences which pose a threat to morality and sound customs, which day after day have been witnessed in public spaces and gardens, especially in forested areas such as those in Montes Claros, Silva Porto Park, the Trafaria woods, the Botanic Garden, the Tapada da Ajuda, among others, it is determined that the Police and Forest Guards permanently invigilate those people who search for dense, thick vegetation to engage in acts which threaten morality and wholesome customs and behavior. (the author's translation; “As Leis de Salazar,” p. 4)

---

<sup>43</sup> “O mal-estar tinha acabado por chegar aos meios católicos, um dos últimos redutos de apoio ao regime. Durante o ano, aliás, novos casos envolvendo meios católicos e sacerdotes tornarão visíveis as tensões que se viviam na Igreja Católica. Padres estrangeiros serão expulsos de Moçambique. O Bispo de Nampula será incomodado e obrigado a regressar à Metrópole. Vários sacerdotes (Padres Felicidade Alves, Mário de Oliveira e outros serão ou detidos ou processados e julgados, acusados de actividades lesivas da segurança do Estado, eufemismo legal que designava as actividades políticas contrárias ao regime.”

In “steerage,” the poetic voice compares her flat/apartment in Lisbon to a ship, where she hides from the PIDE:

when the woman downstairs sings she is always sharp  
except when she sings in c, I think the words are russian  
sometimes I lie with my ear on the floorboards I muffle  
the olivetti though the flat is safe no one will inform  
I never walk with shoes, I am silent at night, I am not  
your dark lady of the sonnets don't call me that again  
what would that make you, your grammar is not that good  
you are always saying america america, all your americas  
are laid away in books, go ahead board your grand ship  
I'm the fugitive here I am weary of your maritime odes  
you can sleep in steerage down below with all the noise [... ]  
(Gaspar, 2020, p. 90)

In this excerpt it seems as if the poetic voice is plunged in an interior monologue with the people that connected her to the United States, namely the following individuals: Frank Gaspar, when evoking his “olivetti” typewriter, which she brought with her to Portugal after they lost track of each other on that particular night when Frank Gaspar and his friend, Lloyd, took Renata to the hospital, stoned and unconscious. As soon as they dropped her off, Renata physically disappeared from his life forever. As for the reference to “go ahead board your grand ship,” the poetic voice is addressing her lover, Nina de Beers, and Nina’s husband, Moses Hammond, whom Renata worked for.

This poem is also framed within the context of lesbian desire and her love for her American lover. From possible “russian” spies, agents provocateurs or Salazar’s secret police, the poetic voice fears for her life. She spends her days in complete silence, in this apartment, feeling lonely and yearning for America, her friends and her lover. Or just simply waiting for some courier to bring her some work to do. Sometimes when she felt bored or nostalgic, she boarded a bus to the ferry and “they load the autos then the soldiers, / do they go on to holland then or france, I don’t want to know / I just want the question in my mind rolling over and over / there is a small pleasure in that, do they never come back” (Gaspar, 2020, p. 90).

The historian René Pélissier notes that not only the Portuguese colonization was more violent than what most people thought, the cost of maintaining it for about thirteen years in Guiné, Mozambique and Angola was enormous considering Portugal’s financial resources: “In short, Portugal witnessed in these three wars 8831 casualties (of people from different races), from 1961 to 1974 (an average of 630 annually) and

perhaps had 32,195 wounded, from a draft that amounted to 820,000 soldiers from the Metropolis” (the author’s translation; Pélissier, 1999, p. 162)<sup>44</sup>

The last poem offered for discussion in this section, “code,” taps from Portuguese lesbians’ fear of being denounced and the consequences they would have to endure during the Estado Novo. Written from the point of view of the poetic voice’s lover, Ophelia, readers learn that:

everything you say is coded and veiled said ophelia,  
and everything she says is coded and veiled, said ophelia  
it’s the under-language of life in the regime, no matter  
it’s why you love fucking me so much, she said,  
there is no code involved, it is why the government  
hates our sex so much, all their laws, it is the cloud [...]  
(Gaspar, 2020, p. 97)

We learn in this passage that to survive, opponents of the regime had to speak in a coded language. And even if both women love each other, they must keep their mouths shut, otherwise they may be tortured or even killed considering Salazar and Caetano’s police and morality brigades hounding and round-ups.

Even if Renata Ferreira was, for sure, aware of the Stonewall Inn episode in Greenwich Village, in Manhattan, in late June 1969, Coming-Out attitudes became more pronounced in the USA, even if hesitant, in the post-AIDS epidemic of 1985/1986. Even so, we must not forget that many homosexuals were killed in the past two or three decades, in the United States, because of their sexual orientation such as Allen Schindler, Matthew Shepard, and others. Considering most of these poems may have been written after the Stonewall episode and, presumably, also after Ferreira was deported to Portugal. Compared to those of today, her lesbian poems are quite nuanced, often lacking straightforward allusions (except to Sappho) to other lesbian writers, artists, and activists. The lesbian poems of Paula Neves and Marina Carreira, two contemporary Portuguese American poets, in *capricornucopia (the dream of goats)* (2018) and *Save the Bathwater* (2018), respectively, are a case in point, as I have shown in two essays on both writers.<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> “Em resumo, Portugal sofreu, nestas suas três guerras, 8831 mortes (de todas as raças), de 1961 a 1974 (média anual de 630) e teve talvez 32.195 feridos, numa incorporação de 820.000 recrutas metropolitanos.”

<sup>45</sup> Silva, Reinaldo Francisco. “When the Heart Keeps on Beating: Hybridity and Otherness in paulA neves’ Poetry.” *InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies* Vol. 8 (2019): 75-101; Silva, Reinaldo Francisco. “Marina Carreira’s Attempt at Saving her Ancestral Portuguese Cultural Bathwater in the Ironbound, a Multiethnic Community in Newark, New Jersey,” presented at the 41st APEAA Meeting (Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos / Portuguese Association for Anglo-American

In the case of Paula Neves, she alludes to her fear of Coming Out and how she would be perceived by the Portuguese community in Newark, New Jersey, but mostly by her own mother. For the daughter, who sensed the cultural “baggage” her mother had transported to the diaspora, coming out was a taboo. Furthermore, her mother had also been shaped by – and was afraid of – the consequences of the social stigmas and stereotypes she had created in her imagination regarding her daughter’s sexual orientation and identity – the so-called “myths” concocted by such predominantly heterosexual societies.

Several feminist and lesbian critics have underscored some of these “mythologies” in their discussion of these stereotypes, especially in the differences between the “dyke”/“butch” and the “femme.” Lucy Jones has distinguished between both, noting that certain gay women are somehow role-playing a male character and that

It is debatable whether being butch is about sexual behaviour and desire, or simply about the clothes and haircut that a woman wears [...] There are many “versions” of butch identity, for instance, from the “diesel dyke” to the “soft butch” to the “stone butch” yet the core concept remains the same; butchness is about not being feminine, or “femme.” (Jones, 2015, p. 4)

In “Making Her (In)visible: Cultural Representations of Lesbianism and the Lesbian Body in the 1990s,” Ann Ciasullo has shown how and why popular American culture, literature and mainstream media, since the Coming Out days, have attempted to “sanitize” the “femme body” mostly because

the femme can be ‘de-lesbianized; she is at once marked a lesbian and not a lesbian. The butch body, on the other hand, cannot be ‘de-lesbianized’; because her body is already and always marked as lesbian, she is more visible than the femme – and thus, if represented, more ‘lesbian’ than the femme [...] The butch is unrepresentable, then, because of her masculinity. (Ciasullo, 2001, pp. 602-604)

Possibly, the mother figure in some of these poems in Neves’ collection is rebelling against these “mythologies.” While the daughter was reared in a more tolerant and open society, the United States, in a post-Stonewall Inn (1969) and AIDS epidemic (1985-86) eras, the mother’s mindset had crystallized in time and kept its Old World Catholic and agrarian values. In *The Poems of Renata Ferreira*, however, her lesbian poems are not marred by these “mythologies” because they are more subdued, less explicit or even inexistent, and the writer more aware of the danger they could pose to her, especially in fascist Portugal in the early 1970s.

---

Studies), an online conference hosted at the University of Aveiro, Aveiro, Portugal, May 20-21, 2021 (<https://videoconfcolibri.zoom.us/j/84747709397?pwd=TENqNio1NTJnQiiSVVVV>)

With these different angles zooming in on what was happening in Portugal during the two or three years before the Democratic Revolution, readers are offered a poetic rendition from a new, unknown militant voice from the Portuguese Diaspora in the United States and how it commented on her native country, its backward mores, and its repression of political opponents and those whom it considered as sexual deviants. At the time, Renata Ferreira was somehow bringing into Portugal the winds of change, which had swept through the United States, especially by the Beat Generation of the 1950s, the Civil Rights Movement launched by Rosa Parks in the late 1950s and during the 1960s by Martin Luther King, Jr. and Malcolm X, and the Counter Culture and Feminist movements of the late 1960s/early 1970s, the latter, in part, thanks to the role of Betty Friedan's, *The Feminine Mystique*, published in 1963.

#### **4. Stereotypical representations of women during the Estado Novo and lesbian love**

In this section, we will move onto the *Poems of Renata Ferreira* where the author reflects on traditional, historical, and biblical allusions regarding women and their sexuality; the sexual violence some have often endured; male lust and perversion towards women; as well as the poetic voice's intimate feelings, her loneliness due to her lover being on the other side of the Atlantic, while yearning and justifying why she needs to be loved by someone new.

In the poem titled "peru," the poetic voice refers to some "horrid book" (Gaspar, 2020, p. 64) her interlocutor had given her. It had a woman with

rouge on her nipples the lips shackles men  
whipped her fucked her everywhere for years  
she thought it was love she begged for death  
why is it a game always, whips and beatings for  
the effete and privileged who invent submission  
while our women here trudge smothered in black coats  
why delight in the misery of so many...  
(Gaspar, 2020, p. 64)

In the note to this poem, Frank Gaspar has written the following:

The poem may be referring to *The Story of O* by Pauline Réage (possibly a pseudonym). The book details the life of a young woman who willingly enters into a life of sexual torture and slavery in the name of love. It was one of the many books banned by the Portuguese government at this time (Gaspar, 2020, p. 45).

Gaspar provides a list of additional names whose works were also banned by the Portuguese Dictatorship, including the aforementioned *New Portuguese Letters* by The Three Marias.

*The Story of O* was published in June of 1954 and Ferreira alludes to it mostly because of its sexual treatment of women and their feelings of sexual empowerment. The real author of this work, Dominique Aury (along with Pauline Réage, both pseudonyms of Anne Cécile Desclos, 1907-1998), a French writer, was a prominent figure in French intellectual circles (translator, writer, editor and judge of literary prizes, member of the reading committee of publishers Gallimard, and recipient of the Légion d'Honneur) refused to disclose her real name for many years for several reasons. In an article signed by Geraldine Bedell, published in *The Observer*, "I Wrote the Story of O," Bedell notes why this work was so widely read even if it was regarded as improper, material which "also brought it to the notice of the Brigade Mondaine, the French vice squad" (Bedell, 2004, p. 5). Had it been written by a man or was it the work of two or more authors? According to Bedell, who had interviewed Regine Desforages, we learn that Desforages:

always saw it as a quintessentially female work (she also had good reasons to know who the author was, because she had a serious relationship with Pauvert). 'I always knew it was written by a woman. It is absolutely a feminist work, empowering to women. For the first time, a woman is revealing her sex life, and it is the woman who dominates the situation, her feelings, her responses, her trajectory (Bedell, 2004, p. 5).

In the light of its contents, it is quite understandable why this work would be banned by the Portuguese *Estado Novo* authorities, regarded as subversive and improper to circulate in Portugal. In an article on the situation of women in Portugal, Ana Vicente notes that the Civil Code, which had been officially enacted on June 1st, 1967, is clear about the role of the woman in relation to her husband, namely that: 1) he was the head of the family; 2) his wife was expected to obey his authority; 3) her role was that of housekeeper and mother; 4) the family's belongings, including her own, were administered by the husband; 5) if the wife were to take on a job, she would have to request his permission; 6) the husband had full authority over his children; 7) he could request an annulment of his marriage if his wife was not a virgin; 8) she needed his permission (in writing) when travelling abroad, etc. (the author's paraphrase and translation; Vicente, 1999, p. 566). Published thirteen years before this Civil Code became official, the contents of *The Story of O* were too subversive, unwholesome, and improper for a regime that defended morality and its pillars being God, Nation, and Family, values which were sanctioned by the Catholic Church, represented by the head of State, Salazar, and Cardinal Cerejeira, by the Church.

The poem “wild” takes the poetic voice on a voyage to her past, more specifically to the time when she was enrolled at a Catholic school, and how she and other classmates spent their time during recess:

there was a little grass yard behind the chapel  
we would practice our kissing on one another  
the nuns must have been waiting, they flew at us like kites  
they said they would send us to the monsignor for caning  
but instead made us kneel on stones and recite the confiteor  
until we ached, knees and backs, after a while you forget  
what the words mean, you just ache and cry, what  
were we supposed to signify, it was a good prayer  
(Gaspar, 2020, p. 83)

In this poem, the poetic voice looks back in time and tries to flesh out the inconsistencies between what the Church and the Gospel preach – brotherly love, here conveyed through the students kissing one another – and, in the end, the consequence being corporal punishment, followed by contrition, physical pain, and prayer. In the second half of this poem, this voice cannot help but wonder why the Bible contains passages (Old Testament), which condone the brutality inflicted on women when Jesus, himself, had been merciful towards a former prostitute, Mary Magdalene. As a young girl, these contradictions in both Testaments did not make sense to her, even if readers can read between the lines that the world in which she lived was full of violence and death, – especially towards sexual minorities, – and how the Bible has been used to condone and perpetuate this violent reality:

[...] sayeth the lord, who does not abide with me and  
don't you know the lord sayeth to stone the woman,  
he tells us in what manner she is to be beaten  
or cast out, sometimes you remind me of jesus when  
you gather the women around you, but jesus went  
with the wild girl, I hope you are following this  
(Gaspar, 2020, p. 83)

Even if the setting in the poem “crows” is Lisbon, the poetic voice’s mind is on the beloved people she left behind in New York City, Nina de Beers and Moses Hammond, and her last days spent there, her presumed death, and flight to Portugal:

I cannot bear any more these rolling dooms  
and epiphanies anaktoria these blue stars  
and our names carved into them you know  
I can't follow, new york is forfeit, I don't regret,

lisbon is my savior and my light don't ask why  
just tremors, I took my temperature today  
the sky is full of swallows I call them ravens [...]  
(Gaspar, 2020, p. 102)

“The Anaktoria of these poems,” notes Gaspar, “might be the lover she had been seeing during her final days with Nina de Beers” (Gaspar, 2020, p. 152), whereas Ophelia seems to be associated with her new life as an expatriate in Lisbon, surrounded by people who believe in witchcraft, magic, and potions:

if I go to ask that woman with the book  
of saint Cyprian and all the candles,  
you win, the prize is worthless, though,  
you know that already, the tide is coming,  
up the river so mineral, so opaque, jugs  
of oil on the old triremes of the levant,  
you know your world has always been peril  
I don't know anymore who will throw you a rope  
(Gaspar, 2020, p. 102)

The landscape surrounding Lisbon reminds the reader of the Tagus River estuary with swallows in the sky, a typical bird in Portugal during the Spring and Summer months, often alluded to in, for example, the *fado* songs of Amália Rodrigues (1920-1999) or Carlos do Carmo (1939-2021). As for the “jugs of oil,” it suggests the oil tanks in the “wasteland” that used to exist in what is now the *Parque das Nações* area in Lisbon, to supply the ships in the port of Lisbon and the gas stations in the region. Lastly, the word “triremes” substantiates Renata Ferreira’s knowledge of boats, nautical equipment and the jargon associated with the activity of a ship’s chandler. Even if Ferreira spent most of her life in the United States, professionally and spiritually, she was associated with the ancestral seafaring activities of her forefathers, even if the profession was a predominantly male affair.

The poetic voice in “list” starts off by invoking Anaktoria, telling her she has a fever and that “there is no cure for / love, because when someone loves you / she always wants something” (Gaspar, 2020, p. 66). This poem seems to continue Shakespeare’s debate on love in sonnet no. 147, “My love is as a fever, longing still.” Both in Shakespeare’s sonnet and Ferreira’s “list,” love is depicted as all consuming, a craving that is never totally satisfied. Moreover, this love is compared to a fire and, for the poetic voice, “it is the lateness / of the hour that keeps me from burning” (Gaspar, 2020, p. 66). In addition to Shakespeare, “list” reminds us of Luís de Camões’ sonnet, “Amor é fogo que arde sem se ver”, where love is compared to a fire through

a few antitheses. As in both Shakespearian and Camões' sonnets', the poetic voice in "list" describes love as being restless, an all-consuming feeling that needs to be fed:

I am frantic mad, and restless  
I will make a list for you in pencil  
the things I wanted to do with you  
It's very late I do not know all their names  
(Gaspar, 2020, p. 66)

In "word," the poetic voice waves good-bye to Anaktoria and welcomes a new lover. When doing so, she puts forth a few reasons as to why she decided to start a new life with her new lover, Ophelia, and even gives her one of Anaktoria's dresses. Both the poetic voice and Anaktoria are no longer young and, in addition to this, they live on opposite sides of the Atlantic. How can their love endure when they are not physically close to one another, asks the poetic voice, and even getting older as the days go by: "no one is young anymore except the young [...] you and I / were immortal and now we are not" (Gaspar, 2020, p. 96). In addition, they made too many promises in the past, which they can no longer live up to. Stating her grievances, the poetic voice lets her now she is "not complete / you do not complete me" (Gaspar, 2020, p. 96), and that is why she is moving on to Ophelia.

## 5. Renata Ferreira's revolutionary poems in *Cravos*

In the poems discussed ahead, Ferreira wishes to put on record her own eyewitness account of what she observed during the first few days of the Democratic Revolution on April 25<sup>th</sup>, 1974, namely the democratic changes that would take place in Portugal, freedom of speech, democratic elections, the euphoria in erasing the mentality, tyranny and despotism of the fascist regime, among other matters. Nonetheless, Ferreira is mostly interested in ascertaining how this new Portugal would deal with women and sexual minorities, how they would be treated, the rights they would have to battle for, and the overall social acceptance in this conservative country, where the Church had enjoyed much power, clout and political influence, and, finally, a country where people had lived for almost half century in fear of speaking their mind.

Section three of *The Poems of Renata Ferreira*, "cravos," begins with a brief description of the streets of Lisbon, on the morning of April 25<sup>th</sup>, 1974. It is crowded with joyful bystanders with red carnations in their hands, while they are watching the revolutionary soldiers on top of the military tanks after the *coup d'état*: "thousands of people in the streets and the flower vendors flush with spring, the crowds handed out carnations to the rebel soldiers who stuck them in their gun barrels," we read in the introductory caption to this section.

Although this section follows up on some of the gender issues discussed in the previous two sections, the Democratic Revolution of April 1974 in Portugal takes center stage. In the poem titled “horse,” the reference to the “radio” (Gaspar, 2020, p. 111) is a reminder of the midnight signal on the radio, a cue prompting the revolutionary troops to proceed towards Lisbon to occupy strategic places. The poem, “grândola”, in turn, is reminiscent of a locale in the Alentejo, laden with symbolical revolutionary meaning, and which reassured these troops to set the revolution in motion. It reminds us of the exploitation of farm workers by the owners and the hardships these people endured under the scorching sun. Within this town, whose inhabitants believed in being fraternal and friendly, it was these people who ruled, a veiled critique to the regime that would be toppled on that same day. A song belonging to and sung by José Afonso, it stresses the injustices of the fascist regime as well as the exploitation of the underprivileged. Paulo de Carvalho’s song, “E depois do adeus,” which he sang at the Eurovision Song Contest earlier that year, was an additional cue which set the revolution in motion.

“notas” delves into the major events that took place on that revolutionary day, namely the soldiers entering and taking control of the city of Lisbon on that liberating, Spring morning. The bystanders are depicted as euphoric, relieved upon being liberated from the *Estado Novo* and its fascist ideology. “armor” continues with this mood of happiness, especially the young women and the soldiers, who are witnessing the revolution in motion, wondering if this was real, after the country and its citizens had lived almost half a century under this totalitarian regime. While these women kiss these military tanks, the bystanders are all standing by these heroic men, enraptured with the dawn of a new, fresh, and promising era that was about to begin in Portugal.

In the poem “books”, we find the poetic voice gathering all the “carnations (...) I could hold / and took them home [and] pressed them in books” (Gaspar, 2020, p. 123). While she wished to preserve these for the future as tokens of a glorious, hopeful day for the Portuguese people, for the time being she will join the people “singing in the alley near the largo do carmo,” which “went / on and on” (“tired”; Gaspar, 2020, p. 127). In “reach,” her farewell poem in this collection, the poetic voice draws from Luís de Camões’ epic, *The Lusiads* (1572), and the nymphs he had invoked for inspiration, while inviting anaktoria and ophelia to join her on a voyage together. While Anaktoria held the “sail, ophelia holds the dagger, I carry / the one direction” and together, letting “the empires fade or blaze behind us,” knowing that “there is a horizon but it is so far away /we cannot see it, we are making way” (Gaspar, 2020, p. 129) – presumably back to Massachusetts.

## 6. Conclusion

Almost half a century after democracy became a reality and was secured in the ensuing months or first two years afterwards; after so many democratic governments have been elected; songs written to celebrate it; history books, novels, and poems published on this historical period, most readers believed that there was no more new memorabilia under the sun. Unexpectedly, in 2020, Frank X. Gaspar shares with the Lusophone world a new, unknown voice who had witnessed, participated in and written about this milestone in Portuguese Contemporary History and Portuguese-American Literature, reminding us that there is always a new dawn lying ahead. Within this new, fresh discussion of freedom of expression and a promising future for the Portuguese lies a prophetic voice heralding a new dawn also for women and sexual minorities in Portugal.

## Bibliography

- Camisão, M. (2017). As Leis de Salazar. In *Jornal Universitário do Porto* (27 February 2017). Accessed on October 22, 2021. <https://www.juonline.pt/politica/artigo/18098/as-leis-salazar>
- Barreto, A. (2000). Revolução de 25 de Abril de 1974. In A. Barreto & M. F. Mónica (Eds.), *Dicionário de História de Portugal*, 9, Suplemento P/Z (pp. 250-262). Livraria Figueirinhas.
- Barreto, J. (2000). Tarrafal. In A. Barreto & M. F. Mónica (Eds.), *Dicionário de História de Portugal*, 9, Suplemento P/Z (pp. 486-490). Livraria Figueirinhas.
- Bedell, G. (2021). I Wrote the Story of O. In *The Observer* (25 Oct. 2021). Web. <https://www.theguardian.com/books/2004/jul/25/fiction.features3>
- Camões, L. de. (26 Oct. 2021). “Amor é fogo que arde sem se ver.” [https://www.rtp.pt/antena2/letras-de-cancoes/letra-c/ivo-cruz\\_356\\_360](https://www.rtp.pt/antena2/letras-de-cancoes/letra-c/ivo-cruz_356_360)
- Carreira, M. (2018). *Save the Bathwater*. Get Fresh Books, LLC.
- Ciasullo, A. M. (2001). Making Her (In)Visible: Cultural Representations of Lesbianism and The Lesbian Body in the 1990s. *Feminist Studies*, 27(3), 577-608. Retrieved from: [https://www.jstor.org/stable/3178806?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/3178806?seq=1#page_scan_tab_contents)
- Gaspar, F. X. (2020). *The Poems of Renata Ferreira (Transcribed and Annotated, with a Foreword by Frank X. Gaspar)*. Tagus Press / University of Massachusetts Dartmouth.
- Gaspar, F. X. (1999). *Leaving Pico*. UP of New England.
- Jones, L. (2015). Masculinity in Lesbian Discourse: The case of *butch* and *femme*. In T. M. Milani. (Ed.), *Language and Masculinity: Performances, Intersections, Dislocations* (pp. 174-196). Routledge.

- Júdice, N. (1999). Novas Cartas Portuguesas. In A. Barreto & M. F. Mónica (Eds.), *Dicionário de História de Portugal*, 8 (pp. 619-620). Livraria Figueirinhas.
- Neves, P. (2018). *capricornucopia (the dream of goats)*. Finishing Line Press.
- Nunes, J. A. (1999). Catarina Eufémia Baleizão In A. Barreto & M. F. Mónica (Eds.), *Dicionário de História de Portugal*, 7, Suplemento A/E (pp. 619-620). Livraria Figueirinhas.
- Pélissier, R. (1999). Guerras Coloniais. In A. Barreto & M. F. Mónica (Eds.), *Dicionário de História de Portugal*, 8 (pp. 159-163). Livraria Figueirinhas.
- Rato, V. (1999). Marcelismo. In A. Barreto & M. F. Mónica (Eds.), *Dicionário de História de Portugal*, 8 (pp. 421-427). Livraria Figueirinhas.
- Shakespeare, W. (26 Oct. 2021). "Sonnet 147: My love is as a fever, longing still." Web. <https://www.poetry/foundation.org/poems/56227/sonnet-147>
- Silva, R. F. (2019). When the Heart Keeps on Beating: Hybridity and Otherness in paula neves' Poetry. *InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies*, 8, 75-101.
- Silva, R. F. (2021). Marina Carreira's Attempt at Saving her Ancestral Portuguese Cultural Bathwater in the Ironbound, a Multiethnic Community in Newark, New Jersey. Presentation at the 41<sup>st</sup> APEAA Meeting (Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos / Portuguese Association for Anglo-American Studies), an online conference hosted at the University of Aveiro, Aveiro, Portugal.
- Vicente, A. (1999). Situação das Mulheres. In A. Barreto & M. F. Mónica (Eds.), *Dicionário de História de Portugal*, 8 (pp. 565-571). Livraria Figueirinhas.